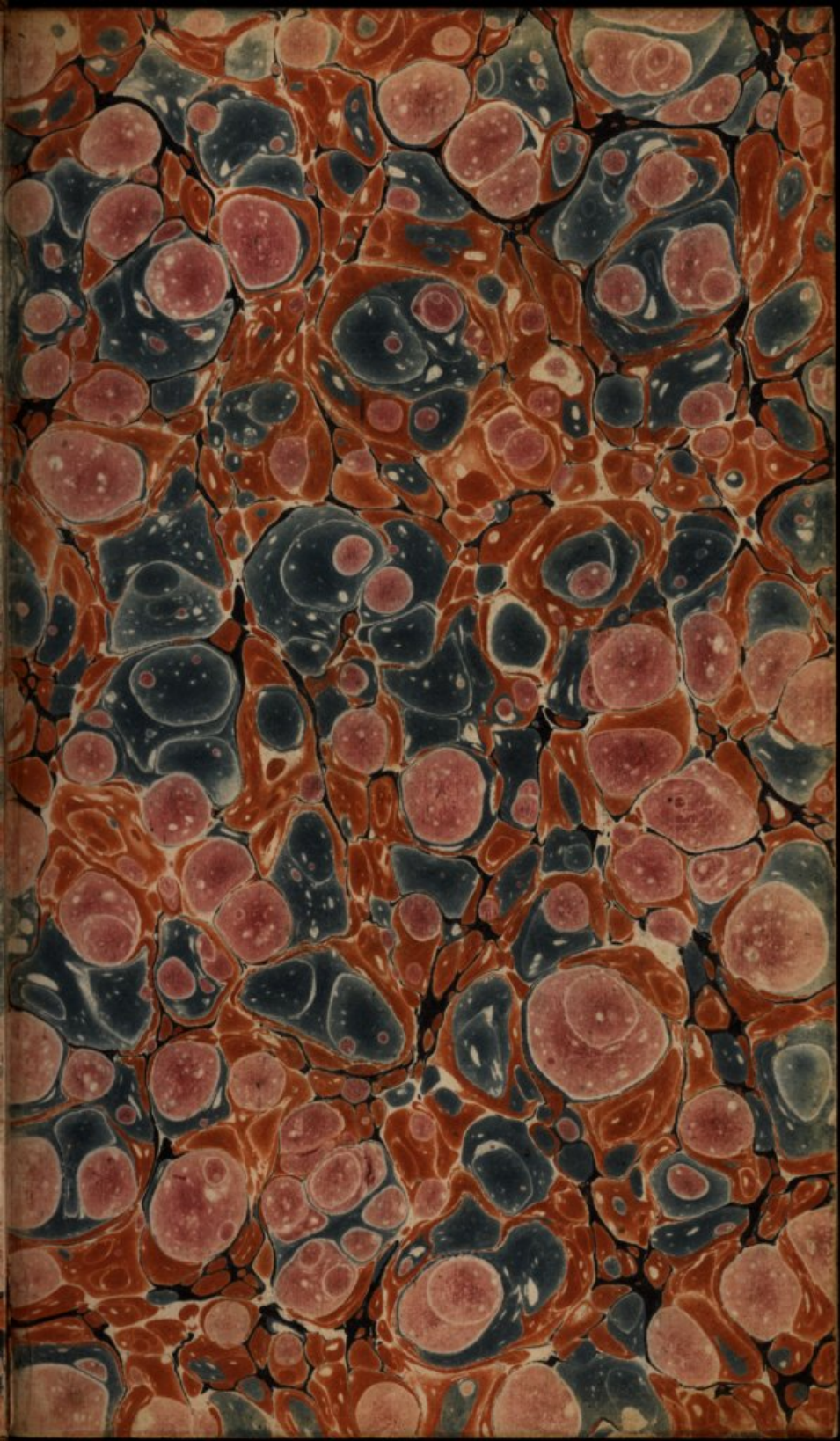


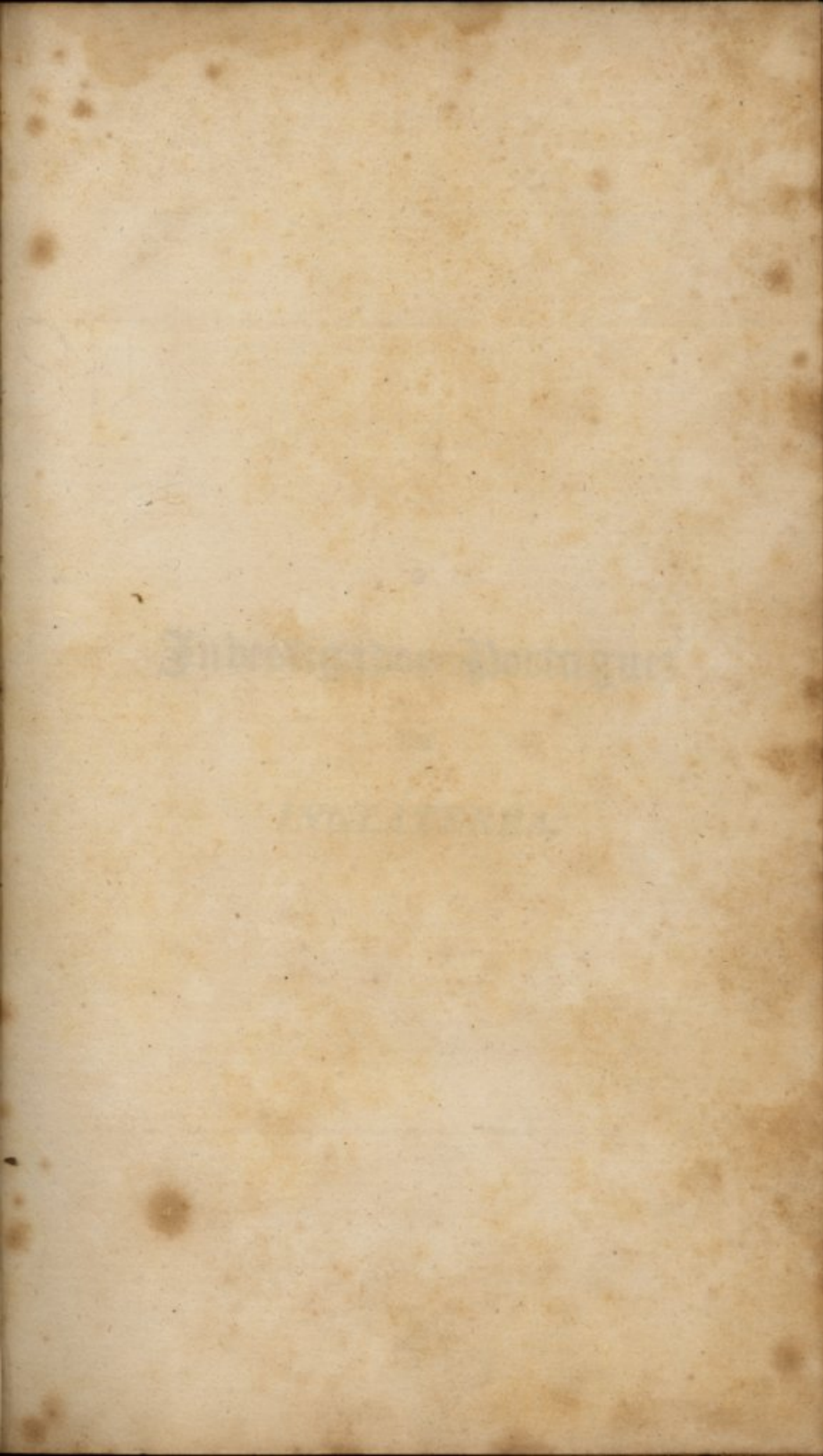
V.T  
22  
2  
3

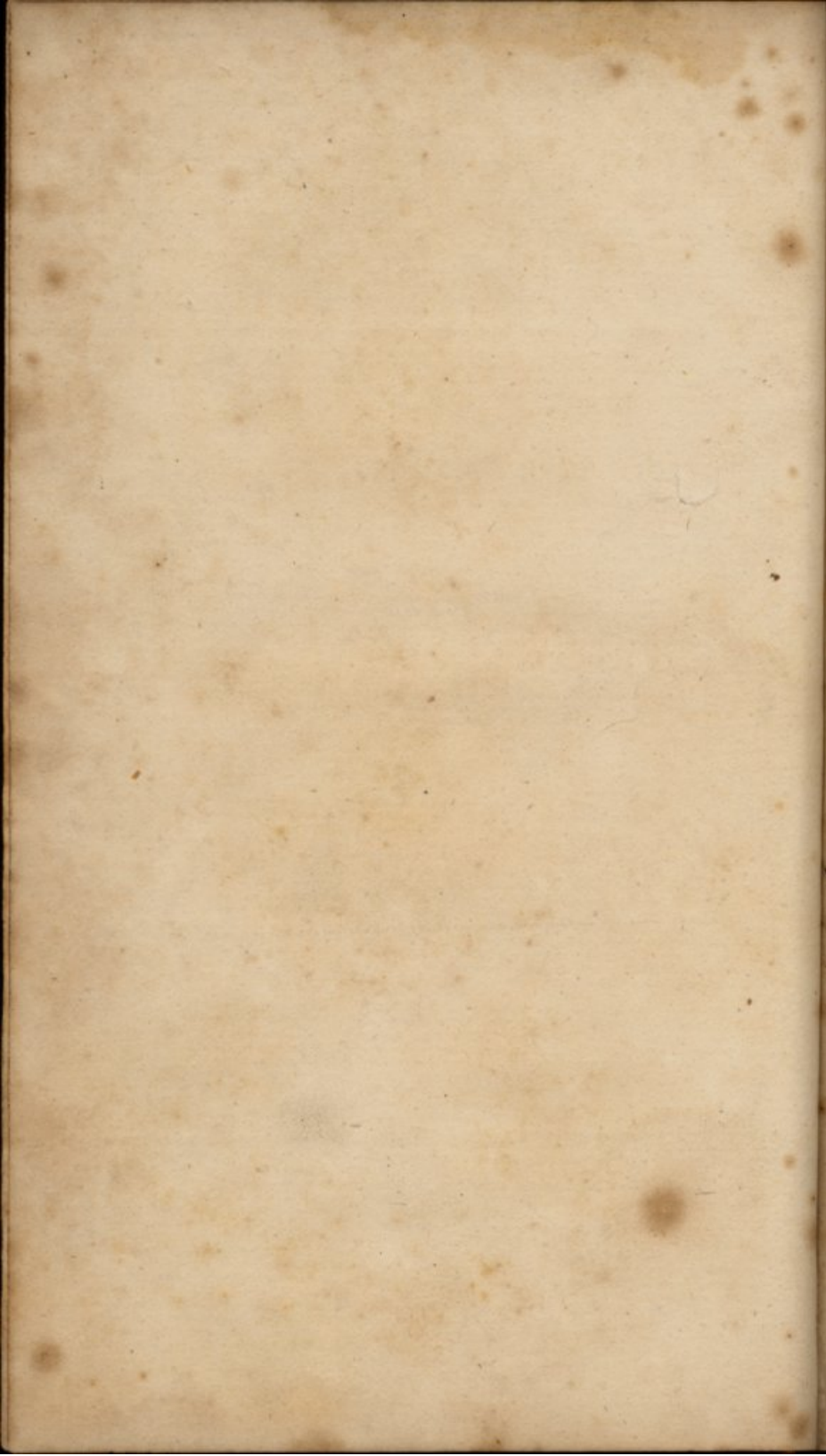
V.T.  
22  
23





This Volume seems to be imperfect at Page 621 -





o

Investigador Portuguez

EM

INGLATERRA.

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

O

JOSEPH LITTEBARIO, POLTICO &c.

EM

CONDICIONADA POR SEUS PROPRIETARIOS.

VOL. III.

LONDRES,

PRINTED BY RICHARD CLAY AND COMPANY, BUNGAY, SUFFOLK.



O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

---

---

*Condo et compono, quæ mox depromere possim.*

---

---

HOR.

VOL. III.

---

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.



INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

---

Condo se compohe... que nos dias...

VOL. III.

LONDRES:

HENRY, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKING.

# INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

MARCO de 1812.

---

---

*Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.*

---

---

*Continuação das Cartas sobre a França, e Inglaterra.*

CARTA V.

N'AQUELLA parte de Paris chamada Marais, e não mui longe do Arsenal, rezedia M. Deseze, que fez a defeza de Luis XVI, e que antes da revolução era conhecido por hum dos mais brilhantes oradores do foro Francez. Eu quasi vivia em sua caza, e ali passei as mais doces e talvez as mais instructivas horas, que dediquei ao commercio social durante a minha estada na capital Franceza. A minha memoria se occupa do que vi e ouvi, no seio da sua familia, com huma satisfação sem mistura, e o meo coração se dilata com reconhecimento, quando reflito no carinhoso agazalho, e excessiva consideração que ali se mostrava a

hum joven estrangeiro que não tinha direito ás attençoens de tal hospede, e da sua sociedade, e que muito menos o esperava em hum paiz representado somente como o berço das paixoens mais sordidas, e dezenfreados costumes. Eu prezenciei na familia de Deseze huma pintura da suave magestade da vida privada, como a que embelecia a França, em muitas respeitaveis familias, antes da revolução, animada pela vivacidade attractiva, ornada com excesso de polidez, e enobrecida pela delicadeza e honra do antigo caracter Francez. As virtudes do coração brilhavaõ com o lustre que recebiaõ dos mais preciosos dons da natureza, enriquecidas por huma excessiva cultura, e refinado gosto, que lhes prestávaõ huma attenção habitual a objectos os mais nobres e exaltados; huma especie de enthusiasmo sempre novo, ainda nos avançados periodos da existencia, pelas artes e productos da imaginação; hum suave gozo dos prazeres tocantes da vida social e domestica; e huma verdadeira e amavel philosophia de optimismo, que mostra aos olhos incessantemente, em quasi todas as circumstancias, o mais alegre e feliz aspecto das couzas.

Deseze representa huma grande figura nas encantadoras Memorias de Marmontel, e era intimo amigo daquelle admiravel escriptor. Não posso deixar de transcrever as suas palavras, para dar-vos a conhecer melhor o homem, de quem fallo de hum modo mais circumstanciado. A respeito de Deseze, diz Marmontel, não creio, que haja na terra huma pessoa, cuja sociedade seja mais apeteçivel que a sua. Elle era eminentemente notavel por huma viveza engenhosa, insinuante, e espirituosa; huma eloquencia natural, que mesmo na conversação mais familiar borbullava em copiosa corrente; huma promptidaõ, justeza de pensamentos, e expressoens, que parecia ser continuamente inspirado; e mais que tudo hum coração aberto, cheio de rectidaõ, sensibilidade, doçura e candidez; taes eraõ as qualidades do amigo, que o Abade Hauy me havia ensinado ha muito a dezejar, e que me procurou a vezinhança das nossas cazas de campo.

Desde a nossa primeira intervista, ver-nos, gozar, amar-nos reciprocamente, e dezejar tornar a ver-nos, foraõ simultaneos effeitos; e distantes como agora es-

tamos ; esta afeição he a mesma. Pelo menos, da minha parte, nada me occupa mais na minha solidão, nada me interessa mais que elle. Deseze he hum daquelles homens raros, de quem pode dizer-se ; vos o amareis, se ainda o não tendes amado ; e se huma vez o amardes, amalo-leis para sempre.

‘ *Cras amet, qui nunquam amavit ! qui jam amavit, cras amet.* ’

As mesmas qualidades ainda distinguem esta nobre pessoa, e são agora illustradas pelas honras, com que seos talentos e conducta tem condecorado seu nome. Depois da ignominiosa repulsa de Target em fazer a defeza de Luis XVI, Deseze foi escolhido pelo monarca para cooperar com Malesherbes ; elle aceitou o perigozo encargo, com huma alacridade, que servio pelo seu contraste de mais patentear a pusilanimidade de Target. Eu obtive d'elle copiosos detalhes sobre a historia deste processo, e deportamento do seu Soberano n'aquella grande crize. Cada rasgo que elle narrava, servia de exaltar o character moral de Luiz, e de aggravar a infamia dos seos algozes. Deseze compoz e pronunciou a sua defeza diante da Convenção, com toda a habilidade e enthusiasmo, que o cazo pedia, mas mui certo das desposições de seos juizes, para não prever o resultado. O primeiro cuidado que teve este gloriozo defensor, logo que foi nomeado, foi o fazer todos os seos arranjos testamentarios, e dispor as suas couzas, como se elle tivesse ja sido condemnado ao cadafalso. A empreza foi olhada por elle, e por seos amigos como o precursor immediato da sua propria destruição. Elle foi, effectivamente lançado n'huma prizaõ, pouco depois que Luiz foi executado ; mas escapou por huma combinaçãõ de felizes acazos, depois de quatro annos de prezo.

Huma circumstancia, ligada com o seu encarceramento, que hum companheiro dos seos dezastres me referio, e me confirmou o testemunho de sua excelente mulher, vos dará huma justa idea do seu talento, e do poder da sua eloquencia. Disseraõ-lhe na manha do dia em que foi solto, que Madame Deseze provavelmente obteria a dezejada ordem da sua soltura pelo decurso da noite. Ella portanto, como podeis

suppor, foi esperada com não pequena impaciencia. O sol, com tudo, descia, e a hora do repouzo chegava, mas o mensageiro das boas novas não fazia a sua appareição. Deseze retirou-se com o coração ancioso e palpitante, fazendo vivas recommendaçoes á mulher do carcereiro, que guardava as chaves, que estivesse prompta a abrir a porta, a primeira pancada que se ouvisse. Elle ficou acordado, com o ouvido alerta ao mais pequeno rumor ; eis que a final entre a meia noite e huma hora, ouvió bater rijamente a porta, que, segundo elle mesmo contava, o fez exclamar instantaneamente, com huma voz assas forte para se ouvir portada avizinhança. “ He minha mulher ” “ C’est ma femme.”

A disciplina da prizaõ não lhe permittia sahir do seu quarto, antes que fosse chamado em forma. As pancadas no portaõ se repetiaõ com dobrada violencia, mas nenhum indicio se dava de abrir a porta. Elle sabia ao mesmo tempo que a mais pequena demora podia ser fatal, e que se a manha ali o encontrasse, podia ser arrastado ao cadafalso, apezar de hum milhaõ de ordens para a sua soltura. A sua impaciencia a final pode mais que toda a consideração da prudencia. Elle correo precipitadamente ao quarto da mulher do carcereiro, que achou acordada, mas sem disposição a erguer-se. A mulher era de hum character indurecido e brutal, e rezestio a todas as suas supplicas, allegando que tinha ordens expressas de não abrir a porta aquellas horas da noite. Elle entaõ, sem hesitar, tomou as chaves da prizaõ, dezaferolhou elle mesmo as portas, e vio realizados todos os seos desejos, n’apparição de sua mulher com a ordem de sua immediata soltura. A bulha que occasionou esta circumstancia, e o som da sua voz excitou os seos socios prezos, que sabiaõ as suas esperanças, e que tomavaõ o mais vivo interesse no seu escapamento. Elles vieraõ todos instantaneamente, não obstante a restricção que acima referi, e o cercaraõ na salla da prizaõ.

Acabadas as primeiras caricias do amor, e dados os parabens, a mulher do carcereiro, que entretanto se tinha vestido vagarosamente, fez a sua appareição. A indignação que a sua insensibilidade tinha excitado no espirito de Deseze, não foi suprimida pelo prazer do

seu livramento; e aparentemente esquecido do ultimo, immediatamente começou a apostrophala pela deshumanidade da sua conducta. Elle descorreo sobre a deformidade de seos sentimentos, sobre os deveres geraes da sua situação, sobre o interesse que devia tomar em favor das infelizes victimas que a rodeavaõ, e o deleite com que ella devia cooperar para a sua soltura, em huma torrente de eloquencia tam energica e tocante, que a mulher a final, lançou-se a seos péz, banhada em lagrimas, e agitada pelas mais violentas emoçoens da dor e arrependimento. Os circumstantes o ouviraõ durante huma boa meia hora, que durou a sua falla, com espanto e admiração. Eu lhe ouvi dizer mesmo, que em nenhuma occaziaõ da sua vida elle percebeo huma tam forte inspiraçaõ de sentimento, e tanta vivacidade de expressaõ.

Eu ouvi a narrativa dada por Deseze e seos companheiros, do que se passava no interior das suas prizoens, com movimentos de inexpressivel horror: com tremente, abatido, e consternado espirito. Mr. Burke tem sido notado por largar a redea á imaginaçaõ nas pinturas que traçou da ferocidade e excesso da facçaõ jacobinica; mas o testemunho agora de todos os partidos em França prova que nem a sua vigorosa phantazia, nem, uzando a sua lingoagem, qual quer muza de fogo, que subisse ao mais alto ceo da invençaõ, podia exceder a realidade, on fazer mais que traçar imperfeitamente este nunca igualado grupo de horrores. A pezar das crueis indignidades, e physico sofrimento, a que estavaõ espostas as desgraçadas victimas nas prizoens, a galhofa do character nacional triumphava da tortura da reflexaõ e miseria, todas as vezes que tinhaõ a permissaõ de se juntar para objectos sociaes. Em o nauseante receptaculo, que limitava Deseze, os prezos, a maior parte d'elles pessoas de consideraçaõ e fortuna antes da revoluçaõ, comiaõ o seu miseravel e mesquinho jantar em meza commum, e tinhaõ as vezes a venturosa licença de passarem a noite juntos. Elles inventavaõ jogos para reciproco divertimento, sustentavaõ vivas discussoens sobre objectos de litteratura e gosto, e se entregavaõ ás excurçoens do dezenfado, e voos da imaginaçaõ, ainda que havia certeza, que muitos d'elles haviaõ de ser levados a executar-se no

decurso da noite. De manha quando se encontravaõ ao almoço, os seus olhos inchados e palidos semblantes mostravaõ, que o seu prazer os tinha abandonado logo que se entregaraõ á solidão dos seus quartos, e á intrusão do pensamento. Elles olhavaõ em torno d'elles com aspecto de assombro e medo, para notar os vazios que deixara a vizita matutina dos esbirros e as novas caras que introduzira. A ausencia de hum amigo ou de hum parente produzia hum paroxysmo de pezar por hum momento, mas o pranto de huma dor inutil e perigoza, se estancava depressa. Os novos intruzos eraõ saudados com huma compasiva urbanidade, e no curso de poucos dias aprendiaõ a soffrer a mesma alternativa de alegria e pezar, que tinha agitado o espirito de seus predecessores.

Eu achei Deseze mais eloquente na conversação que todo outro homem que encontrei na França. Como leitor, he acima de todo o elogio. A sua excellencia em declamação he so igualada pelo Lord Erskine, com quem sensivelmente se parece em a animação das maneiras, e belleza de elocução. Ambos possuem os requesitos, e desenvolvem todas as qualidades, que formão o consummado orador.

'Vultus sonus, gestus; flumen gravissimorum, optimorum que verborum.'

A sociedade que se ajuntava em casa de Deseze, constava de muitos dos principaes Literatos de Pariz, e principalmente do resto daquelle corpo que Marmon-  
tel descreve de huma tam interessante maneira.— Deste o mais distincto era o velho Abbade Morellet, cujo character elle pinta com tam vivas e apropriadas cores. Morellet figurava na seita dos economistas e adquerio huma grande e merecida reputação pelos seus escriptos sobre economia politica, e por varias discussões criticas, notaveis pela subtileza, e originalidade de espirito que desenvolvem, e pela pureza e elegancia de estylo. O seu talento para o ridiculo era sem rival; e elle o manejava com força e effeito irrezistivel. No periodo em que o conheci, passava de setenta, e não dava provas algumas de velhice tanto no corpo como no espirito.



*Literatura.*

‘ Jam senior sed cruda dez viridis que senectus.’

O seu juizo era saõ, sua memoria tenaz, e o fundo de seos conhecimentos, em todas as materias, verdadeiramente prodigioso. A mesma elegancia, e espirito, a mesma engenhosa, e agradavel galantaria, que Marmontel celebra, assazonavaõ o seu copioso discurso, e lhe davaõ huma attração irrezistivel, tanto para o moço como para o velho. As inexauriveis e jocosas anedotas,—mesmo as alegres cantilenas,—com que elle entretinha, e as vistas politicas luminosas e profundas com que elle instrua, as partidas de Madame Dufand e Duboccage, constituiaõ igualmente a delicia e admiração dos amigos, de que o via cercado em Marais. No Instituto, elle era respeitado como o mais habil critico do paiz e como hum dos antigos professores da Literatura Franceza. Elle se aproveitava do privilegio da sua idade e character, para fallar com mais franqueza sobre o governo actual da França, que outra qualquer pessoa das que encontrei em Paris. O enthusiasmo que elle dezenvolvera, em favor da cauza da liberdade, no principio da revolução, não tinha ainda afracado; nem elle affectava dissimular os principios, a que fora constantemente ligado. A revolução lhe roubou a fortuna, e o reduzio a procurar huma subsistencia entre os livreiros, que o empregaraõ, por muitos annos, em traduzir huma multidaõ de novelas Inglezas, entre as quaes a sua excellente versaõ das obras de Mrs. Radcliffe merece ser mencionada.

Morellet, assim como outros muitos da amizade de Deseze, tinha intima connexaõ com aquella sociedade de philosophos, a quem a revolução Franceza se tem em parte attribuido. As minhas indagaçoens a respeito destes eraõ circumstanciosas e frequentes, e o que d’elles sube tendeo a confirmar a averção que eu tinha pelos seos principios e vistas particulares. O testemunho de seos mesmos admiradores não deixou duvida alguma no meu espirito, que elles deliberadamente tinhaõ formado e industriosamente proseguido hum plano systematico de subverter o throno e altar. Os meios que escolheraõ e cuidadosamente empregavaõ

naõ eraõ menos detestaveis que o seu fim. Sua politica favorita era viciar a imaginaçaõ, e corromper os espiritos do publico Francez, disseminando a torpeza, a fim de melhor os dispor para a catastrophe que tinhaõ premeditado. O abominavel deenfreamento dos escriptos de Voltaire e Diderot deve attribuir-se naõ so ao despejo de huma imaginaçaõ depravada, mas a hum fixo designio.

Ha hum refinamento de crime, nesta hypotese, que fere dobradamente o sentido moral. Servir-me-hei das palavras de Johnson no seu Rambler, fallando desta casta de escriptores, para melhor exprimir os sentimentos que sempre nutro, e que penso, todo o homem de bem deve amar, a este respeito :—“ A malignidade do author dissoluto ou profano he mais atroz que a do vertiginoso libertino, ou ebrio violentador, naõ so por que os seos effeitos se extendem mais amplamente, assim como a peste que se propaga pelo ar he mais destructiva, que o veneno infundido na bebida, mas por que he commettida com fria deliberaçaõ. Pela instantanea violencia do dezejo hum homem bom pode muitas vezes ser surpreendido, antes que a reflexaõ venha em seu soccorro ; pois que o appetite fortificado pelo habito, e pela influencia naõ pode facilmente ser supprimido, ou contrastado ; mas pelo frio descaramento de huma estudada obscenidade, pela tranquilla perversidade de huma systematica irreligiaõ, que escuza pode inventar-se ? Que puniçaõ pode ser adequada ao crime d'aquelle que se retira á solidaõ para refinar o deboche ; que a tormenta a sua phantezia, e saquea a sua memoria, so para que deixe o mundo menos virtuoso do que o achou ; para que interrompa as esperanças da geraçaõ nascente, e com mais destreza estenda laços ao espirito.”

Marmontel mesmo naõ se livra da accuzaçaõ, feita aos seos confederados, de ter derramado hum veneno subtil n'algun dos seos contos *moraes* tanto mais perigoso, quanto forte o attractivo que o esconde. O character, alem disso, que nas suas Memorias elle dá dos encyclopedistas, e seos adversarios, naõ he sempre exacto para acreditar-se. Seos afferros pessoases e seos principios politicos o levarãõ a exagerar os me-

recimentos de hum, e depreciar os de outro ; e muitas vezes a empregar hum colorido falso. Nada mais incorrecto que a noticia que nos dá de Helvecio e Diderot. Devo confessar tambem, que por grande superioridade de genio que pertencesse a sociedade que elle descreve, eu prefiro o tom e os habitos das presentes associaçoens literarias da capital Franceza. Os membros do club dos encyclopedistas parece ter sido constantemente agitado pelo ciume da competencia, e sempre envolvido no que Johnson chama de gladiação de espirito, ou ambicioso e esplendido desenvolvimento de erudição e genio. Elles formavaõ o que em Paris se chama, (*bureaux d'esprit*) sociedades agora universal e felismente proscriptas.

A forma por que se ajuntaõ, e associaõ hoje na capital Franceza as classes literatas, he melhor que antigamente, e talvez preferivel á das mesmas classes n'outra qualquer parte do mundo. As cazas da maior parte dos eminentes literatos, e de varios dos membros do Instituto, estaõ em certa noite cada semana, obertas para a recepção das gentes de letras, e estrangeiros que buscaõ a sua sociedade. Hum introdução ao dono de caza he facil para estes ultimos, e hum convite se faz promptamente para aquellas assembleas á toda a pessoa para isso qualificada. Os requzitos que se exigem, naõ he a riqueza nem a consideração, mesmo no cazo de ser hum natural do paiz.

Hum estrangeiro intelligente, convenientemente recomendado, tem deste modo occasião de encontrar todos os dias do anno, naquellas sociedades, tudo o que a metropole Franceza tem de brilhante em talentos, e eminente em instrucção e bellas artes. O ajuntamento começa as oito horas da tarde, e acaba pela meia noite. Ceas como se davaõ nos entertenimentos nocturnos do antigo regime, saõ mui raras. Em vez disso, ha leves refrescos distribuidos aos circumstantes, que entraõ e sahem sem cerimonia, e saõ livres de todo o constrangimento. Elles se ajuntaõ em grupos para conversar, ou se entretem alternadamente com hum livro, se o ajuntamento he tido, como de ordinario, na livraria do dono da caza. Os Circulos ou *Soirées* como lhe

chamaõ, de Suard, Gregoire, Millin, Rumford, Helen Maria Williams, &c. saõ da natureza que acabo de traçar, e compostos de materiaes não menos excellentes do que judiciosamente organizados.

Os Francezes saõ naturalmente mais sociaveis que outro povo, e os instruidos, e scientificos conservão esta inclinação, a pezar da tendencia de seos empregos a retiralos do tumulto da vida. Elles se vem habitualmente nos ajuntamentos que tenho descripto, e se encontraõ frequentemente nas salas dos grandes e das gentes da moda. Parte não pequena do seu tempo he tambem consagrada a reciprocação de vizitas ceremoniaes. Eu nunca pode consiliar a immensidade dos seos trabalhos com a sua prompta attenção a todas as vizitas cazuaes, e com a sua liberal prestação aos prazeres da conversação social. Este systema tem suas vantagens, mas não he, todavia, exempto de males. Misturar-se com o mundo, he sem duvida importante, em todos os pontos de vista, aos interesses dos que se empregão em objectos de litteratura e sciencia. Isso tende a enbrandecer e refinar suas maneiras; a dessipar os prejuizos de sentimento, e os erros de opiniaõ, que tam facilmente se contrahem na solidão, e no gabinete; a engrandecer as vistas dos objectos que tractaõ, e abrir novas fontes a idea, comparando os raciocinios contrarios, e pareceres oppostos, nos mesmos pontos. Os Literatos Francezes colhem estas vantagens na sua maior extenção e fazem preciosas addições no seu fundo de conhecimentos neste diario commercio. O dogmatismo, e pedantaria d'antiga escola estaõ de certo banidos, mas os topicos que occupaõ as suas privadas meditações ainda attrahem muito de seos discursos e saõ discutidos com vigoroso ardor.

Os benêficios aqui mencionados, com tudo, não deixaõ de ter sua liga. Eu podia facilmente descrever, nos habitos sociaes, e occupaçoens dos escriptores e escolasticos Parisienses, as cauzas, em parte, daquella manifesta inferioridade, relativamente á profundeza de conhecimentos, e perfeição de estylo, em que laboraõ, a respeito da mesma fraternidade em Inglaterra. Os primeiros, penso eu, analysaõ hum objecto, por intrincado que seja, com mais rapidez, e

compoem com mais facilidade; mas em sciencias moraes, em eruditas indagaçoens, e refinamento de estylo, estaõ longe de exercerem o mesmo grão de abstracção, trabalho, e perseverança. Muitas de suas horas são consagradas á dissipacção do mundo, e á turbulencia dos negocios. Os seus pensamentos são mui activa e habitualmente empregados em planos de politico adiantamento, e em projectos contentadores da vaidade. Luzir e deslumbrar, ser applaudido e festejado, trazer as insignias de emprego, e executar funcões administrativas, he o principal objecto do homem de Lettras em Paris, e quasi a mira unica da sua ambição. Logo que elle adquire reputação pelos seus escriptos, ou enthezoura certa porção de conhecimentos bastante para o seu fim immediato, huma nova serie de imagens toma posse do seu espirito; e o retiro se lhe torna insuportavel. Elle deve estar em continuo movimento para colligir os tributos do louvor. A sua attenção se volta toda para a contemplação dos meios necessarios para segurar as recompensas que ambiciona, ou manter o brilho de seu nome. Pode-se dizer, que immediatamente salta sobre hum theatro, e começa a representar hum papel estudado e theatral, naquella systema geral de impostura, de que he centro o governo Francez; systema, que, uzando da linguaagem da Burke, degrada os homens, e no qual, o escolastico Parisiense, assim como seus chefes, existe de tudo a que he espurio, ficticio, e falso.

Naõ preciso lembrar-vos, que nem profunda erudição, nem grande excellencia de estylo pode conseguir-se sem longo e firme trabalho, e que nenhum espirito, por mais dotes que tenha da natureza, pode espalhar solida instrucção no genero humano, ou subir a altura das sciencias moraes, e elevadas intuiçoens, sem se dar por muito tempo á solitaria meditação, e proseguir, sem interromptimento, por huma serie de annos, a mesmo trilho de ideas. Reflectindo-se no que fica dito, e recordando-se particularmente a influencia, que o despotismo militar exerce sobre as produçoens do entendimento, facilmente se perceberá, porque a Literatura Franceza em geral, he, neste momento, inferior á da sua rival, naõ obstante conceder-mos aos Literatos Francezes maior vivacidade de

intuição, e mais presteza em composição. A propriedade do character Inglez para o retiro estudioso—o sofrimento do trabalho, e espirito de perseverança que o distingue,—a firme, a excluziva attenção, que o Inglez instruido presta aos seus favoritos empregos, e a illimitada liberdade de escolha, e discussão, que elle goza nos seus estudos, dá inteiramente á seus escriptos, hum character de sam decizaõ, e investigação profunda, hum remate e pureza de dicção, huma graça e elegancia de gosto, huma dignidade e solidez philozophica, que se não achão nos escriptos dos seus vizinhos. Nos mais altos voos, e nas profundas obras de imaginação, os Inglezes tem sempre tido o superioridade.

Durante a minha residencia em Paris, a maior parte das familias, que vivem a moda, tinhão huma partida ou *soirée* huma vez por semana, em que o jogo das cartas fazia o principal divertimento. As horas de se ajuntarem e separarem he mais cedo que em Londres, e o numero das pessoas nunca tam grande que destrua o commodo, ou impossibilite o conversação. Ajuntamento como o que em Londres se chama *rout* he felizmente desconhecido. Os parceiros jogando o Whist ou reversi, jogos da moda, nunca jogão riço, tanto quanto eu pude observar. Os bailes eraõ inumeraveis e frequentes em todas as classes da sociedade, desde o magistrado até ao alimpador de botas. O som da rebecca se fazia ouvir em todos os bairros da capital, a dança parecia mais huma paixão, hum furor, \* que hum divertimento ordinario. A excel-

\* A pintura seguinte da danço-mania em Paris he copiada do *Nouveau Tableau de Paris*, por Mercier, obra publicada no fim da revolução.

Depois do dinheiro, a dança he hoje o que o Parisiense mais ama, adora, ou para melhor dizer, idolatra. Cada classe tem a sua sociedade dançante, e desde o pequeno athé ao grande, isto he, desde o rico athé ao pobre, tudo dança; he hum furor, hum gosto universal. Os Parisienses dançãõ ou para melhor dizer, redemoinhaõ; porque nada he mais difficil para elles que obedecer ao compasso, e nada mais raro entre elles que hum ouvido muzical.

No reinado do terror, os Parisienses rezervados, e tremendo, e não ouzando entãõ fazer hum jornal, nem *suspender huma carreta* sumiaõ-se nos espetaculos ou nos clubs, e não dançavaõ senãõ nas festas publicas, e algumas vezes á roda dos cadafalsos: de repente todas as paredes foraõ cobertas de numerosos cartazes, em estylo quasi academico, annunciando bailes de toda a especie, e alguns tam baratos, que huma creada pode hir a elles.

lencia a que os Francezes tem levado esta arte, he, como vos sabeis, sem rival e excita a admiração de todo o estrangeiro. Entre as ordens mais elevadas, a mocidade de ambos os sexos, lhe consagraõ duas ou tres horas por dia, por huma serie de annos, e desenvolve huma agilidade, e emulação que dá a estas assembleas hum ar de representação theatral. Hum baile n'hum bellissimo hotel de Pariz, representa huma scena de absoluto encanto. A amplitude, e decoraçãõ dos quartos, o brillantismo da illuminação, o esplendor, e gosto dos vestidos, a vivacidade dos assistentes, e a presteza dos dançadores—tudo contribue para produzir hum effeito irrezistivel, capaz de transportar a imaginação mais remissa. A orchestra he sempre numerosa, e bem composta, e quando o som das Walsas retine, pode mui bem dizer que

Dança-se *aux Carmes* onde se degolava, dança-se *au Noviciat des Jesuites*, dança-se no convento *des Carmelites du Marais*; dança-se nas tres igrejas arruidadas da minha secção, e sobre as lages dos tumulos que ainda se não tem tirado: os nomes dos mortos estão debaixo dos pés dos dançadores, que os não percebem, e que se esquecem que pizaõ sepulchros.

Dança-se em cada taverninha dos Boulevards, nos Campos-Elysios, ás bordas do rio. Dança-se em todas as tavernas em que se refugia a corja dos traficantes que depois de ter enganado todo o dia os desgraçados particulares, da ainda hum *cheque e mate*, á fortuna publica. Em fim, dança-se em caza de todos os professores de *rigadons* (especie de dança redicula) que se chamaõ artistas, como os bobos ou chocorreiros.

Antigamente, nos bailes as mulheres tomavaõ refrescos e quando muito, alguns biscoitos com hum pouco de vinho. Hoje a golodisse as domina, e eu não cesso de admirar a sua firme continencia á meza, e o ar sem cerimonia com que satisfazem a seu devorante appetite. As perdizes frias são dous bocados; as vianças desaparecem, e grandes copos de agoa refrescaõ de quando em quando seu paladar escandecido pelo fogo dos liciores.

Ha bailes para todas as condiçoens: os agoadeiros e carvoeiros tem os seus. Eu nada quero ommittir. Nas adegas, no fundo mesmo de alguns passeios, em tascaes immundas, ao som de huma grosseira rabeça ou de huma rouca gaita de folles, todos os domingos, e mesmo nos intervallos, os heberroens dançaõ a abalar o sobrado, e a fazer reccar reparaçoes locativas. O lugar da dança he illuminado por hum lustre feito de dous pedaços de pão em cruz, ou por alguns lampioens de barro postos por terra ao longo das paredes. Nos meio de huma nuvem de fumo de tabaco, e cheiro de agoa ardente, vos vê des elevar-se e cahir sem cadencia sem compasso dançadores inconceptives; e de lado, sobre toscos bancos meio carunchozos, grupos de homens e de mulheres, se enlabuzaõ com grosseiros beijos, tam hediondos que me fazem voltar a cara, e que eu quizera expulsar da minha memoria. Algumas vezes o sapato ferrado no meio dos saltos quebra o lampião, e salpica toda a assemblea; não fazem cazo diisso. Não se distinguirá das meas, sapatos e anagoa; o sebo inflamação não faz impressãõ no couro curtido destes *Vestrices*, elles pegaõ das suas bandoleiras e vaõ-se embora jogando os murros por divertimento.

Então diffunde magica harmonia  
 Pasmoso encanto : a phantazia sonha  
 C'os as sacras fontes, c'o as Elyseas selvas,  
 E vales de ventura.

He moça hum cha a Ingleza, a imitação do costume Inglez. Lizongeu-me hum pouco esta imitação. O primeiro desta espécie a que assisti, foi dado pela Condessa de R—— a huma grande assemblea. Os convidados chegaraõ pelas nove da noite, entretiveraõ se com muzica e a conversar athé a meia noite, quando duas grandes mezas se introduziraõ, huma com o apparelho de cha, e outra com bolos, apresentando hum grande vazo ou bacia de prata com leite fervido, para satisfação dos amadores da sopa de leite. A senhora de caza fazia o cha, e o distribuia aos que se approximavaõ; e os que preferiaõ tirar da outra meza, se serviaõ sem cerimonia. Depois deste cha, levantaraõ-se as mezas, e os creados immediatamente introduziraõ agoa fervendo, assucar, agoa ardente e limoens; ingredientes para o que vulgarmente se chama ponche quente. Foi feito pela Condessa e das suas maõs passava para as dos vizitantes de ambos os sexos. Esta irregular mistura de cha e ponche deve divertir-vos. A segunda parte foi julgada indispensavel para tornar o entretenimento completamente Inglez! Partidas de jantares saõ menos frequentes em Pariz, entre os opulentos, que em Londres, e demais curta duraçaõ. Os jantares publicos, uzados em Inglaterra, acompanhados de brindes e da livre expressaõ dos sentimentos politicos, saõ inteiramente desconhecidos em França. Elles saõ incompativeis com a natureza do governo Francez, assim como o ficar longo tempo a meza depois de jantar, segundo o nosso costume, o que naturalmente conduz a discussõens politicas.

Paris he devidida em varias sociedades distinctas, que tem o seu differente character. Os habitantes do Marais, o quartel em que reside Deseze, saõ pela maior parte familias respeitaveis que empobreceraõ na revoluçaõ, letrados e outros adherentes a tribunaes de justiça, negociantes, &c. que vivem de huma maneira frugal e sem ostentaçaõ. Elles conservaõ mais dos antigos costumes mais do decoro e humanidade, que outro qualquer ramo da comunidade Parisiense, e



goza de mais solidas commodidades, e mais elevados prazeres. Elles se ajuntão frequentemente á noite, dançaõ alegremente, participaõ de huma comida sobria, congratulaõ-se mutuamente por estarem distantes do tumulto do estouvamento e vicio geraes, e esquecem nestes intervallos de reciproco applauzo, e innocente recreio, os seus infortunios passados e suas presentes miserias. He so entre elles, que vos podeis achar claros vestigios da bonhomia, doce simplicidade, insinuante e sincera urbanidade do antigo character Francez, e podeis reconhecer todas as feiçoens de alma e costumes que intitulaõ outrora a nação a chamar-se.

Hum prompto e muito facil a mover-se

Hum civil delicado, humano, docil

Hum povo illuminado—

Naõ posso dizer, com tudo, que a sociedade de que fallo, naõ tem degenerado desta pintura, ou que he inteiramente exempta da corrupçaõ e vulgaridade que prevalece nas mais opulentas e altas classes. Os habitantes do Marais vivem n'huma vezinhança muito infecta, e tem diante de si exemplos mui poderosos de vicio, para terem escapado ao seu contagio. A mocidade deste quartel de Paris, assim como de outra qualquer parte de França, naõ podia deixar de soffrer pela auzencia de todos os meios de instrucção, e pelo estrago geral dos costumes e da moral durante a revoluçaõ. Elles offerecem, todavia, hum espetaculo edificante, comparados com o mundo da moda, e deixaraõ-me impressoens que folgo de conservar. Eu hia para aquellas assembleas, como para huma especie de refugio da atmospheria pestilencial da regiaõ que habita o poder, a consideraçaõ, e achava entre ellas huma grata imagem do commercio social do nosso proprio paiz, onde ha huma superabundancia de ingenuidade, de benevolencia, de justiça, e de eutrapelia, com a escassez do ciuime e vaidade, que agitaõ e amarguraõ, e total carencia dos torpes vicios e fins atraçoados, que manchaõ que degradaõ os ajuntamentos das classes superiores, em quasi todas as outras partes do mundo.

O Faubourg St. Germain, o quartel mais bem edificado de Paris, he o azilo de outra especie de pessoas,

quasi semelhante em ponto de moralidade e verdadeiro refinamento aos habitantes de Marais. Alludo a huma porção d'antiga nobreza e proprietarios de França, que sobreviverão á tempestade da revolução, e tomarão a sua residencia n'aquella parte da capital, com limitadas rendas, mas com hum amplo remanescente da mesma corrupção e loucuras que os caracterizavaõ antes da epocha da sua adversidade. Por algum tempo elles formaraõ huma sociedade separada, e industriosamente excluião os modernos Nobres, os novos Senhores ascendentes, das suas assembleas, em que se conservara muito da polida urbanidade, e alguma couza da grave affectação d'antiga escola. Varias causas, com tudo, concorreraõ para vencer seu escrupulo, e os seos ajuntamentos exhibem agora hum grupo variegado, que possue alguma elegancia de maneiras, e delicadeza de gosto, mas poucas virtudes do coração e menos ornamentos dos que fornece a guarda ropa da imaginação moral.

As grandes scenas das sociedades da moda se vem nas vizinhanças dos principaes theatros, e no Chausée d'Astin, parte de Paris não distante, que contem as residencias dos banqueiros opulentos e dignitarios do imperio: estes ultimos são os mais delectantes e magnificos no modo de viver, e daõ tom e movimento ás gentes de consideração e da moda. As suas cazas são esplendidamente mobiliadas, as suas mezas sump-tuosamente fornecidas, e suas sallas amiudo cheias de numerosos e brilhantes convidados. A maior parte desta nova nobreza, assim como o resto daquelles que sustentão hoje o mais despendioso trem, são, como vos sabeis pessoas de baixa esphera, e de pouca ou nenhuma educação. A sua sociedade consta de militares, e funcionarios civis, a cuja majoridade se pode applicar a mesma observação. Podem-se juntar a estes, alguns dos ex-nobres e dos literatos e sabios, que todavia são mui poucos em comparação do resto.

N'huma sociedade composta destes materiaes, vos não podeis esperar que se encontrem maneiras muito polidas, elegantes rasgos de imaginação, hum commercio de pensamentos delicados e instructivos, ou muita dignidade de porte. Vos não sereis surpreendido, ouvindo que ella apresenta hum quadro opposto; que

não obstante observar-se o mero maquenismo da cortezia, e as formas e a phrascologia geral de polida saudação; ha entre amassa huma grosseria, huma vulgaridade de expressão, huma arrogancia de tom e maneiras, hum certo gráo de ferocidade em alguns, e de abjecta adulação em outros, que inspiraõ aborrecimento, e são particularmente révoltantes para aquelles, que gozaraõ das mais altas sociedades debaixo do antigo regime.

N'esta classe de sociedade Parisiense, não reina o mesmo gráo de alegria, que se observa naquella de que ha pouco fallei. Os seos membros pela maior parte estão envolvidos em intrigas politicas, que produzem reserva e abstração. Elles olhaõ huns para os outros com desconfiança e receio, como sabedores reciprocamente de que exercem as funçoens de espias e denunciantes. Onde se teme a traição, não pode habitar o prazer. Onde a lingoagem he contrafeita e reflectida, onde o semblante he forçado a huma particular expressão, para que a ruina não seja consequencia de huma palavra indiscreta, ou de huma vista duvidosa; pode haver gracejos forçados e rizo laboriozo, mas não real contentamento de coração. As caras dos funcionarios publicos denotaõ a anxiedade, a cautella, e o constrangimento. Cada hum vela ou para enganar os outros, ou para se defender a si mesmo, e representa hum papel estudado, fora do circulo da familia, e mesmo ali na presença de hum creado. A sociedade de Thuilleries, não obstante a pompa solemne e esplendida magnificencia do trem imperial, tem o mesmo aspecto, que acabo de traçar. Differe somente em maior grosseria e ignorancia. Quaes quer que sejaõ as faculdades mimicas pertencentes ao genio nacional, os hábitos, maneiras e moral de soldados sem educação, sem letras, e mulheres de pescadores, não se podem por de parte, nem, onde o mesmo monarcha offerece hum particular exemplo de grosseria e ferocidade, pode haver huma corte polida e augusta, formada alias dos mencionados materiaes, ainda que hoje mistura de huns poucos de superior molde e mais fina contextura.

Como a revolução não guiou a refinar os costumes, não servio tambem, como podeis estar certo, de pu-

rificar a moral das sociedades Parisienses. O dezenfreamento d'antiga corte e das altas classes debaixo da monarchia, era na verdade grande, mas quero crer que era muito inferior ao que hoje fere os sentimentos moraes na metropole Franceza. Se vos reflectis no estado de França, durante o revolução, sem freio religioso, ou instrução publica, sem regular administração de justiça, sobre o systema de divorcio, que esteve em actividade por tanto tempo, sobre a condição originaria, e caracterès particulares daquelles, que agora monopolizaõ a riqueza e o poder em Paris, vos não tereis muito trabalho em formar huma justa conclusão, relativa a publica moral. Ella não he somente depravada a hum excesso incrível, e nunca d'antes tocado, mas como podeis inferir da representação, que ja dei, he expoliada da protecção daquelle corpo de opiniaõ, sentimento e costumes, que segundo Burke, faz o vicio perder metade dos seos males, perdendo toda a sua grosseria.

As mulheres de Paris, posto que ainda gozem de não pequeno gráo de influencia, e sejaõ extremamente activas em intrigas politicas, vivem, com tudo, em hum estado de mizera degradação. Presta-se-lhes, he verdade, certa homenagem exterior e ceremonial, mas ja não existe em seu favor, aquella generosa lealdade, e respeitosa gallantaria do coração, aquelles sentimentos de firmeza, e respeito, que ao passo que humanizaõ e exaltaõ o nosso character, revestem os seos objetos de real dignidade e poder, e tendem a produzir a combinação dos dotes a que elles são unicamente devidos. O espirito de cavallaria, que guiou as bellas relações, em que os dous sexos agora existem em Inglaterra e neste paiz, bem que ao principio fonte de illuzoens, contribuiu para realizar aquella perfeição do character femenino, so pela idea da sua supposta origem. Elle creou no bello sexo a ambição de tocar a meta ideal de virtude e refinamento, que introduziã, e o submetteo a huma formidavel censura, estabelecendo a nimia severidade da opiniaõ publica.

Em nenhuma parte floreceo máis o espirito cavalleiresco do que em França, athé ao periodo da revolução. E posto que, por varias cauzas, a sua influencia no character femenino fosse muito menor, entãõ, ser-

vio, com tudo, de contrabalançar as propenções do vicio, e a dar ao commercio social, hum exterior pelo menos de elegancia e decoro. Elle dezappareceo totalmente agóra do mundo da moda em Paris, e com elle todas as vantagens que tenho enumerado. Mulheres vivendo n'hum estado de reconhecida concubinação, que não tem mesmo os nomes daquelles com quem rezidem, são livremente admittidas nas mais altas sociedades, recebem em caza a meliôr companhia, e do seu, como do outro sexo todas as demonstraçoens de estima e respeito. Ellas gozaõ de facto do mesmo gráo de consideração, que as ligadas em legitimo matrimonio, e que, na verdade, pela maior parte pouco mais credito desfructaõ.

A castidade, e mesmo a fidelidade conjugal não se classificaõ entre as virtudes necessarias, ou principaes ornamentos do character feminino. O casamento origem de todas as nossas relações e o elemento de todos os deveres moraes, he considerado mais como ruptura dos vinculos do decoro, que como base para mais severas obrigaçoens; mais como huma occasião para dar publicidade ao vicio, do que preservativo para a virtude. Eu disse como "ruptura dos vinculos do decoro," por ser singularissima a mui severa restricção imposta sobre as raparigas antes de cazar—a ponto de serem condemnadas em companhias dos dous sexos a hum total silencio, e separadas de toda a communicação familiar com o outro sexo; entre tanto que depois do casamento gozaõ de huma liberdade illimitada—de huma latitude de permissaõ, que abre a porta á prevaricação mais horrorosa. Os vinculos conjugaes são geralmente formados sem previo conhecimento das partes, e não tendo aquelle sagrado e respeitoso character que a religião, e a opiniaõ lhes communica entre nos, não podem ser em tal cazo, senão hum fraco e mui debil segurador.

Do que fica dito facilmente podeis inferir, que o amor como sentimento moral da mais pura delicadeza, e ordem mais sublime, he inteiramente desconhecido na capital Franceza. No espirito de hum Parisiense, que considera huma mulher muito pouco mais que

hum mero animal ou automato, elle não he mais que sensualidade brutal, ou passageiro impulso de sympathy. Em parte nenhuma da terra, com tudo, se falla mais da pura uniaõ de coraçoens amantes. Se exceptuamos a celebração das virtudes de familia Imperial, quasi tudo o mais que se ouve nos theatros são pagnegricos de terna affeição, e toques sentimentaes. A penas se canta outra cautilena, que não seja a sublimidade do amor conjugal.

A nova lei do divorcio abre hum campo vasto a dissolução do contracto de cazamento mas não se tira daqui a vantagem, que se esperava. A tentação para este passo, não pode, he certo, considerar se tam forte quando a uniaõ conjugal impoem tam pequena restricção sobre as paixoens dezordenadas d'ambas as partes. Durante a minha residencia em Paris, occorreo hum cazo particular, que merece ser mencionado, para illustração do estado da moral publica. A mulher de hum Irlandez, ali domiciliado, quiz desquitar-se de seu marido, por insignificantes motivos, e a sua applicação para isso, nos tribunaes inferiores, foi inutil. A cauza foi levada por appelo ao Tribunal de Cassação, a suprema judicatura em França, a que se reserva o juizo dos outros tribunaes, e deo-se huma sentença a favor da mulher, apezar da vigorosa opposição de seu marido. Era notorio, que a supplicante era amigo presidente d'aquelle Tribunal; e foi quasi evidente, que ella deveo o consiguimento do seu pedido á influencia daquelle ministro exercitado de hum modo igualmente repugnante á decencia como á justiça. Nada he tam vergonhoso, como a maneira porque se practicou o divorcio do Imperador. A natureza da cauza allegada, a solemnidade da promulgação, e todo o ceremonial, tanto em lingoagem como em forma, foraõ do character mais grosseiro e escandalizante. Se vos dezejaes formar huma idea adequada da moralidade de Paris, neste momento, não tendes mais que ver os innumeráveis epithalamios apresentados a Buonaparte, por occasiaõ do seu cazamento, e graciosamente recebidos. Elles excedem em grosseria e obscenidade todas as produçoens deste genero, que se achaõ no circulo total da poesia.

A acção civil, que a lei Ingleza concede ao marido

contra o seductor de sua mulher, he, creio eu, desconhecida na jurisprudencia Franceza. Pelo menos eu nunca ouvi cazo desta especie. Se tal remedio se julgasse necessario, seria preciso dobrar o numero dos tribunaes presentes. Eu observo que se tem introduzido algumas curiozas medidas, a respeito de adultério, em o novo codigo penal, publicado a primavera passada. Declarou-se ser a intensão do Imperador o defender a cauza da moral, e dos bons costumes por todo o imperio, e para isso se estabeleceraõ as regulaçoens seguintes. Huma mulher convencida de adultério está sujeita as castigo de prizaõ por espaço não menos de três mezes nem mais de dous annos. Nenhuma denuncia pode ser valida contra ella, senão a de seu marido, e elle mesmo não está habilitado a denunciála se tem sido convencido do mesmo crime. Elle pode obter o perdaõ d'ella, se elle consente em a trazer de novo para caza. O seductor he sujeito a prizaõ o mesmo espaço de tempo, e a huma mulcta de não menos que cem francos, nem mais de mil. O marido da mesma sorte deve ser denunciado pela mulher; e he sujeito á puniçaõ somente se for convencido de ter a sua amiga dentro de caza. O castigo he a mulcta equivalente a que he imposta ao seductor. A razaõ dada para a clauzula, que prescreve que a mulher denuncie o marido e vice versa, he, por que so elles são interessados na fidelidade hum do outro, e tem o direito exclusivo de se queixarem, daquillo que he todavia huma quebra da moral publica.

Quem tem visto o estado da sociedade em França, deve rir do theor desta lei. He claramente huma pura farça legislar assim sobre abuzos que os edictos mais rigorozas não podem affectar, e que requerem, como os governadores Francezes sabem, remedios de natureza differente. Vos tendes lido, em Suetonio e Gibbon os ensaios legislativos, feitos por Augusto, para reformar semelhantes vicios em Roma, e a sua conhecida futilidade. Se Buonaparte cuja politica actual, e verdadeiro interesse, he, nutrir a corrupção a roda de si, fosse mesmo animado das sinceras desposiçoens de Augusto, os seos esforços seriaõ igualmente inefficazes. São sempre os costumes superiores a lei, e servem de a fortificar sendo conformes a ella, ou de

a paralyzar se délla descrepão. O systema do governo, e dos costumes em França deve refundir-se primeiro que possaõ florecer as virtudes sociaes e domesticas, ou mesmo o decoro publico reasumir a sua influencia. Exemplo diverso deve ser dado pelos regentes da França, se pertenderem seriamente dar efficacia a medidas legislativas para reforma da moral publica. Aristoteles disse ja, nos seos principios politicos, que o povo em geral se torna como os chefes que o governaõ. Se jamais houve paiz a que está maxima podesse applicar-se, he a França. Cicero no seu tractado, "De Legibus," generalizou a idea do Stagyrita, e inculca huma doutrina, que merece bem a attençaõ dos cidadaõs mesmo de huma republica livre. Eu transcrevo as suas palavras, para vosso recreio:—*nec enim tantum mali est peccare principes (quamquam est magnum hoc per se ipsum malum) quantum illud, quod permulti imitatores principum existunt. Nam licet videre, si vis replicare, memoriam temporum, quælescunque summi civitatis viri fuerint, talem civitatem fuisse; quæcunque mutatio morum in principibus extiterit, eandem in populo secuturam. Idque haud paulo est verius, quam quod Platoni nostro placet, qui, musicorum cantibus, ait, mutati mutari civitatum status. Ego autem nobilium victá victu que mutato, mores mutari civitatum puto. Quo perniciosius de republica merentur vitiosi principes, quod non solum vitia concipiunt ipsi, sed infundant in civitatem; neque solum obsunt, quod ipsi corrumpuntur, plusque exemplo quam peccato nocent.*—Os vicios e crimes da nobreza ainda que grandes males em si mesmos, passaõ a ser ainda maiores, por serem objectos de imitação geral. A historia nos ensina, que em ponto de costumes, os estados tem sido sempre taes quaes os seos chefes; e que toda a alteração effectuada nos costumes dos grandes tem passado para os pequenos. Este principio he mais exacto, que a justa observação de Plataõ, que o character de hum povo muda, mudando o estylo da sua muzica. Mas eu insisto, que muda, mudando a vida e costumes dos grandes. Portanto os principes preversos, e os pre-



versos chefes são mais dignos de castigo que os outros homens, porisso mesmo que não somente são viciosos em si, mas infundem os seus vicios no publico, e porque se graves prejuizos rezultaõ de seus crimes, ainda peores rezultaõ do seu exemplo.

(Continuar-se-ha.)

## POLITICA PARTICULAR DE BONAPARTE,

Relativamente á Religiaõ Catholica : meios de que se serve para a anniquillar, e submeter os Hespanhoes pela seducção, não os podendo subjugar pela força.

Nos julgamos esta nova obra de D. Pedro Cevallos, ja mui conhecido no Mundo Politico, taõ interessante, e taõ util a sua lição, que nos resolvemos a inseri-la por inteiro neste No. e no seguinte, em vez de a darmos por extracto.

### DEDICATORIA AO POVO HESPANHOL.

Amados Compatriotas,

Como Catholico, não tenho podido ser insensivel aos ataques que Bonaparte faz á nossa Santa Religiaõ : como Patriota, eu vou preencher a sagrada obrigação de pantentear, e desenvolver os artificios, que elle emprega para nos reduzir : e como fiel vasallo de Fernando VII. julgar-me-hia culpado de Leza-Magestade, se ficasse mero espectador das injurias, que se espalhão contra a Sua Pessoa Real.

Tal he o objecto do opusculo, que meu amor vos dedica. Eu o rezumi quanto as circumstancias o exigem : fraco como he, vos lhe dareis algum valor, e estima, pela intençaõ com que vo-lo offereço.

A Santa Religiaõ he o primeiro de todos os bens : ella abraça os mais importantes interesses dos homens. Posto que a guerra não seja huma circumstancia favoravel á sua propagação, a que nos sustentamos em sua defeza não he menos meritoria, menos glorioza, e santa. Hespanhoes, vos supportastes os erros do Governo antes desta guerra, como se supportaõ os mãos annos : vosso valor tem-se feito notavel pela constancia caracteristica, com que tendes sabido soffrer : mas este mesmo valor junta hoje a seu antigo character o da indignação, e vingança que a horrivel violencia, e

atroz perfidia do Imperador dos Francezes excita em vossos coraçoes. Este homem horrivel vos considera como hum rebanho de carneiros, que errantes pelos campos na auzencia do seu pastor, são preza do primeiro occupante. Mas elle enganou-se nos calculos da sua *Politica particular*: elle julgou que evitava huma guerra de gabinete, e achou huma guerra nacional. Bonaparte conhece bem que nas primeiras he facil vencer por meio da prevaricação de hum Ministro, ou pela corrupção de hum General; mas nunca entrou em seos calculos, e menos ainda pôde prever que cada alcaide seria hum general, cada habitante hum soldado, e que a corrupção não tem poder algum sobre hum povo inteiro. A guerra actual he verdadeiramente huma guerra de Vandalos: nunca ella entrou na imaginação dos escriptores politicos: elles suppozerao que era impossivel ver renascer guerras desta natureza, por que julgarao como impossivel que nascesse hum Bonaparte. Vos não tendes hum meio a escolher, amados Compatriotas. He precizo, ou combater cobertos de loiros, e ricos de bençoes em favor de objectos os mais dignos de vossa ternura; ou morrer p'outras regioens cobertos de infamia, para manter, e sustentar os caprichos de Napoleaõ. Esta guerra he immensa, eu o sei; não se lhe vê o fim; mas a guerra da successão foi taõbem huma longa, e cruel guerra: ella não apresentava alguns vizos de ter hum mais breve termo: mas huma sabedoria, que zomba da orgulhoza sabedoria do homem, permitio que ella se terminasse no momento, em que menos se pensava, por huma frivola disputa por hum par de luvas. Ah que! he possivel que este Deos de bondade, offendido em sua Religiaõ, e nas suas creaturas, tenha decidido, que aquella fosse continuamente ultrajada, e que nunca chegasse huma epoca de consolação, e alivio para a estes? Não, meos caros, e muito amados compatriotas: a Justiça Divina conserva todos os seos direitos contra o Author de tantos males. Vos sois o instrumento, que Deos tem escolhido para manifestar sua potencia; e não chegou ainda o momento em que a Colera Divina lançara por terra este Colosso, como huma palha. Elle nos restituirá hum dia o objecto de nossos votos, Fer-

nando, para que vivamos em huma paz duradoira, e prospera, debaixo do suave imperio das leis que nós observaremos tanto melhor quanto o nosso Rey nos dara primeiro o exemplo ; este Rey que esta persuadido, que os Soberanos não tem outra alternativa, ou grangear o amor, e prosperidade de seos vassallos pela obediencia ás leis, ou de attrahir sobre si seu odio, deixando-se dominar pelo capricho dos cortezaons, ou pelo delirio das paixoes.

Por grandes, e sagrados que sejaõ os objectos deste escrito, eu conheço que he superior ás minhas forças o desenvolve-los com a dignidade, que elles merecem ; mas nada podia dispensar-me de preencher, quanto em mim estava, meos deveres para com meu Deos, meu Rey, minha Patria, e para comigo mesmo.

---

POLITICA PARTICULAR DE BONAPARTE RELATIVAMENTE A RELIGIAO, &c.

POUCOS annos tinhaõ passado, depois que Bonaparte havia entrado na carreira militar, quando o Directorio o nomeou General em Chefe do exercito de Italia, cujas bellas provincias, taõ favorecidas pela natureza, se tornaraõ, debaixo do seu dominio, hum theatro de estragos, e desolação.

Os males, que o devorador flagello da guerra produz, são taõ horriveis, taõ numerosos, e taõ geraes, que ninguem pode subtrahir-se aos funestos effeitos de sua terrivel actividade. Mas todos estes males são nada para saciar o coração sanguinario de Napoleaõ, deste inimigo de Deos, e dos homens. Elle quer que se soffra todos estes males sem consolação, sem socorros, e sem esperanza de melhor sorte : e como elle sabe, que todos estes beneficios se encontraõ na terna, e compassiva Religiaõ Catholica, por isso elle tem empregado todos os meios de a extirpar.

O Directorio tinha ja concebido o projecto horrivel de destruir o que, segundo o testemunho d aquelle que he a mesma verdade, he indestructivel ; e Bona-

parte cioso de provar que não era em vão que elle tinha merecido a confiança daquelle corpo oligarchico, reduzio a systema seos projectos. Elle formou o plano impio de transtornar, e destruir a obra de Jesus Christo, e escolheu o Cidadão Serbelloni para ser o apostolo da incredulidade.

Aprezentar debaixo de cores as mais seductoras as duvidas, que os incredulos tem produzido para atacar as verdades da Religiaõ Catholica; enfraquecer as provas, que depoem a favor do Christianismo, taes como a vida, e morte admiraveis de seu Divino Author, a sabedoria, e santidade de seos preceitos, a authoridade, e sublimidade das Escripturas Santas, o testemunho dos Apostolos, o sangue de tantos Martires, o complemento das Profecias, a energica vos dos milagres, a conversão do mundo inteiro, a inalteravel, e perpetua duração da Igreja, e tantas outras provas de hum tão grande pezo aos proprios olhos da razaõ; taes foraõ os attributos da *sacrilega missaõ* de Serbelloni; e para realizar tão vastos, e impios projectos he que elle recebeo de Bonaparte as instrucçoens seguintes.

#### INSTRUCÇOENS

Entregues, a 18 Brumaire do 5. anno da Republica Franceza, ao Director Serbelloni pelo General Bonaparte, que as remetteo a 21 do mesimo mez ao Directorio.

‘ Roma despojada de suas duas espadas por hum povo que só faz conquistas para bem da liberdade, e da razao, nutre contra nos hum odio mortal, que nenhum meio pode extinguir, e que só o temor pode abrandar.

‘ Seu odio implacavel, activo, mas prudente em suas declaraçoens, obra com hum zelo infatigavel por todos os meios, que estaõ em seu poder, e estes meios estaõ longe de ser despreziveis. Se elles saõ temiveis á mesma França victorioza da Europa, deve ser evidente, que elles o serao muito mais á Republica Cisalpina.

‘ Debalde se tentaria negociar de boa fé com Roma. Eu mesmo, apezar desta certeza, julguei perigozo destruir sua potencia, e suspendi sua ruina, que estava em minhas maons,

com o temor de augmentar seu poder em França destruindo-o no seu berço. Eu tenho feito sobre o estado destes restos das *superstiçoens humanas* as mais profundas, e prudentes reflexoens. A conducta, que vos me tendes visto observar com o Papa, tem sido o resultado dellas.

‘ Os povos da mesma França, entre outros aquelles que habitao a Belgica, a Bretanha, a Normandia, o Poitou, o Languedoc, e a Provença, estaõ, relativamente ás luzes, a huma grande distancia do Governo. A philosophia he só quem dirige o Governo, entre tanto que os outros saõ escravos dos prejuizos, principalmente dos prejuizos religiosos.

‘ Mas como a força do Governo rezide na vontade do povo, elle nao pode fazer sempre o que quer; e he preciso que o Governo eleve a sublimidade de seos conhecimentos o povo Soberano, a fim de poder fazer uzo de todas suas forças, e de todos os seos meios.

‘ Se tal he a situaçao da França, a vossa he inda peor, porque a philosophia do Directorio, e as opinioens deste povo em materia de Religiao saõ absolutamente oppostas; as coizas se achao em tal estado que vos sabeis mui bem as excellentes razoens, que fazem com que elle mesmo se opponha á tolerancia publica das diversas religioens: vossas razoens eraõ prudentes, e ate hoje a experiencia tem provado ao Directorio da Republica Franceza, que o espirito publico da Cizalpina esta inda nas faxas da infancia.

‘ Tal he nossa situaçao para com Roma. Ella apresenta de certo, grandes difficuldades; as Potencias as augmentao, tornando sem cessar mais pezadas as cadeias do erro, para melhor se assegurarem da fidelidade de seos povos: ellas chegaõ ate a incensar este *velho idolo decrepito* cujo trono carunchozo cahiria em terra com seu proprio pezo, se os differentes Estados o nao sustentassem.

‘ Este *velho idolo* serã inteiramente destruido: assim o querem a liberdade, e a philosophia; mas quando, e como, só a politica o pode determinar. A este respeito vos sabeis que a sorte de Roma depende de consideraçoens demaziadamente grandes para que possaes izolados fazer coiza alguma; mas a Republica Cizalpina deve ajudar-nos, e *preparar seos povos para o aviltamento da doctrina Catholica, para lhes fazer dezejar a ruina desta Religiao*, e afferra-los á sua destruiçao pelo seu interesse pessoal: e para este fim, antes de confiscar os bens do clero, vossos escriptores deverao representalos como bens vergonhosamente usurpados pelo charlatanismo.

‘ Neste entretanto deveis propagar em todo o Estado Ecclesiastico os principios philosophicos.

‘ A França tem em vos a maior confiança para este ob-

jecto ; porque fallando a mesma lingua, tendo os mesmos habitos, e o mesmo genio, vossos philosophos devem destruir a superstição, por todos os meios da grande influencia que elles tem sobre o coração, genio, e espirito dos povos.

‘ Nada seria, quanto a mim, mais desagradavel, que hum acontecimento que obrigasse o Governo Francez, e seos alliados em Italia, a sahir dos limites da prudencia, que sua politica lhe tem prescripto. Este acontecimento seria a morte de Pio VI. He para dezejar que elle viva ainda dois annos, a fim de dar á philosophia o tempo necessario para consumar sua obra e deixar este *Lama* da Europa sem successor. Mas se elle morressé antes, eu creio, que a vontade do Directorio seria que se lhe desse hum successor. A politica, e as obrigaçoens secretas a que ella reduz algumas vezes os Governos, podem prescrever-lhe esta medida, sobre tudo antes da citada epoca, em que ella seria apoiada por huma grande força de opiniao publica : mas antes que ella chegue ao seu mais alto ponto, pode o Papa morrer ; e neste cazo, eu o repito, tenho razoens de crer, que o Directorio consentirá em que se lhe dê hum successor.

‘ A eleição deste successor será hum negocio da mais alta importancia, pelos mesmos motivos que haõ de fazer com que as Potencias tenhaõ o maior interesse nesta eleição.

‘ Este acontecimento, que se pode realizar a todo o instante, exigio da providencia do Directorio que este tomasse, d’antemão, todas as suas medidas. Se isto acontecer, elle prevenio o General das tropas Francezas na Lombardia, para que se transporte com todas as suas forças para a Romagna, deixando 3,000 homens no Castello de Milão, e 2,000 em Mantua. Vos mandareis para ali a Legião Polaca para que esteja ás suas ordens, e nesta situação esperar-se-ha que cheguem as do Directorio.

‘ O Ministro da Republica Franceza se entendera com o Directorio Cizalpino para a apresentação de hum Candidato á Dignidade Pontificia ; e este Ministro exigira formalmente do Conclave, que termine sua eleição em oito dias.

‘ As tropas avançaõ para Roma, segundo a necessidade, para apoiar as pertençaens do Directorio. Este intimará á Corte de Napoles, que lhe he expressamente prohibido o intrrometer-se em os negocios de Roma durante a vacancia da Sede ; e se Napoles enviar tropas para o territorio de Roma, os Francezes teraõ ordem de repellir a força pela força.

‘ Eu sei que se tem lizongeadõ o Directorio da Republica Franceza com a esperança de que no meio destes acontecimentos, os Romanos se revoltaraõ para ser livres. Eu creio que he huma coiza bem facil de effectuar, como ja o disse ao

Directorio ; porque os habitantes de Roma são muito mais esclarecidos que os dos Estados Romanos.

‘ De resto a *extirpação do Pontificado* não he somente hum negocio de Roma, mas taobem o de todos os paizes *envenenados pelo Catholicismo* : toca pois aestes mesmos paizes determinar o que elles podem fazer sem perigo a este respeito. He possivel que a *extincção do Pontificado* não seja praticavel daqui a dois annos : serao talvez precisos quatro : mas seria soberanamente impolitico deixar subsistir o Papa despojado de seos Estados, como alguns imbecis propoem.

‘ Neste cazo haveria algum Monarca que se apoderasse do *idolo*, para o fazer adorar, e rete-lo em escravidão nos seos Estados. Por esta maneira elle attrahiria as homenagens de todos os Catholicos ; e em lugar de destruir o poder Pontifical, se augmentaria a força deste Monarca com os restos deste poder, que elle restabeleceria depois para tornar mais firme, e seguro o seu proprio.

‘ O Directorio quer que o *Papa desappareça absolutamente quando for tempo, e seja sepultada com elle a Religião*. Mas entre tanto que se deixar subsistir esta *emanação da ignorancia humana*, elle quer que o Papa conserve huma Soberania propria, mas subordinada sempre á direcção de França, a fim de minar sua força real, e a que elle deve conservar ainda entre os povos, que estão sempre *agrilhados pela superstição*.

‘ A Sabia memoria apresentada ao Directorio pelo Cidadão Sieyes, a 30 Nivoso, anno 5, he, e sera sempre a base da politica, que deve regular a este respeito. Eu entreguei huma copia della ao Cidadão Moscati.

‘ A Republica Cizalpina não pode temer as forças do Papa. Com tudo, elle poderia facilmente pôr em campo 24,000 homens. Nosso Ministro em Roma tem ordem de se oppor a que se levante huma tal força, e a que se exercite.

‘ Mas inda que a Republica Cizalpina nada tenha que temer a este respeito, ella deve com tudo acautelarse muito contra as numerozas, e surdas intrigas de Roma. Por esta razão he que eu me tenho frequentemente opposto ás instancias, que me tendes feito para castigar alguns individuos, os quaes, por culpados que sejam a certos respeitos, *são com tudo muito uteis para destruir a Religião ; porque tendo sido padres, seu exemplo torna sua influencia sobre o povo mais efficaç*.

‘ Para anniquilar a Religião he preciso que vos imiteis a França, mas todavia com prudencia : semeai a discordia entre os padres ; procurai entre elles os mais inimigos da Religião, e achareis nelles os apóstolos da philosophia.



“ Passem estes novos apóstolos para o lado do povo, e seos discursos farão muito mais effeito do que mil jornaes. Será preciso castigar os Bispos, que se atreverem a perturbar estes missionarios da liberdade, e reprimir os fanaticos que refuzarem auxilia-los.

“ Tenho-me demorado largamente sobre este objecto, porque elle he da mais alta importancia para vos.”

---

Tal he o plano de violencia, e seducção imaginado pelo Directorio, commentado, e reduzido a systema por Napoleão, para destruir em dois ou quatro annos o que elle chama *a obra do embuste, e dos prejuizos*. Ate quando seraõ pois inuteis as liçoens da historia? Ella nos diz—que debalde se tem conjurado os homens contra a obra de Deos; que todos os seos esforços tem sido inuteis: que todos aquelles que tam atacado a Religiaõ tem perecido; que ella subsistirá eternamente tendo sido fondada sobre bazes indestructiveis; e que quando a Barca de S. Pedro parecia estar a ponto de submergir-se pela violencia das mais furiozas tempestades, aquelle, a cuja palavra obedecem os ventos, ordenou as embravecidas vagas que se acalmassem, e com huma só pálavra poz freio ao furor das ondas. Ella nos ensina que o Arianismo deo origem a huma guerra de mais de 60 annos, durante os quaes nao houve genero algum de seducção, e de violencia, que se nao praticasse para lançar em terra o edificio da Religiaõ; e que esta herezia se extinguiu pōuco a pouco, semelhante a huma nuvem espessa, que se dissipa, e evapora diante dos raios do sol.

A nova seita de impiedade dos *pertendidos philosophos* que tem apparecido em nossos dias, terá a mesma sorte que todas as mais que a tem precedido; ella accrescentára hum novo testemunho aos da nossa Augusta, e santa Religiaõ: ella será agrilhoada ao seu carro de triumpho, e Bonaparte verá desvanecer-se com o absurdo systema de incredulidade os artificios que tem empregado para a propagar.

Ja passaraõ os dois annos de que Bonaparte dizia ter necessidade para transtornar, e destruir inteiramente o magestoso edificio da Religiaõ: ja desappa-

receo esse Serbelloni, digno co-operador de huma empreza tão sacrilega: já os apostatas da Religião, os chamados philosophos, que acabavaõ de semear entre os povos a incredulidade, e a irreligião; perecerãõ taobem e jazem sêpultados no esquecimento; e o facho da fé não está extinto, apesar da pobreza e despojo dos templos em que ardia outrora com pompa, e magestade: o Papa já perdeu o gozo da sua soberania temporal; já não tem exercitos, nem vassallos que o defendãõ: os Soberanos da Italia, que o veneravaõ, e protegiaõ foraõ envolvidos taobem na subversão geral: os Reis de França, que se honravaõ com o titulo de filhos mais velhos da Igreja succubiraõ debaixo dos attentados da mais horrivel facção: a Caza d'Austria, que por sua dignidade de Rey dos Romanos, era o primeiro baluarte da Sede Apostolica, geme em vergonhosos laços: a constante, e activa mediação, que a piedade do Governo Hespanhol entreinha em Paris a favor de Sua Santidade, cessou totalmente: o Sacro Collegio, cujos Conselhos contribuiaõ para a força moral dos Romanos Pontifices, e cuja sabedoria, e experiencia guiavaõ, e dirigiaõ em grande parte as medidas do Chefe da Igreja Universal, anda errante, e disperso á merce do impulso da força, sem outro azilo mais que o das Cidades, e Castellos a que estão circunscriptos: o Romano Pontifex mesmo arrancado da sua Sede, sustentado somente pela generosidade dos fieis, cercado de bayonetas, conduzido de Castello em Castello á descripção de huma politica tenebroza, e desconfiada, privado de penna, e papel, que os maiores tyrannos entre os gentios concediaõ em suas prizoens aos Apostolos, que se aproveitavaõ deste succorro para esclarecer as duvidas dos fieis; e confirma los na Fé: privado do poder que dá a dispensação das graças; privado de todo o succorro humano; despojado de toda a esperanza de o obter; fraco, enfermo, e septuagenario; este mesmo Pontifex Romano se apresenta em campo para lutar contra todo o poder collossal de Bonaparte, sem outras armas, que sua constancia, e sua fé nas promessas de Jesus Christo, e está seguro de triumphar deste segundo Juliaõ. O primeiro obrigou os Judeos a re-edificar o celebre Templo de Jerusalem; deo-lhe para

esse fim sommas immensas, ajudou-os com todas as forças do Imperio ; mas o resultado servio somente de punir o orgulho deste Principe soberbo.

Entre tanto que Alipio, ministro, e emissario zelozo de Juliaõ o Apostata, secundado pelo Governador da provincia, animava aquella obra com o maior ardor, vio-se muitas vezes rebentar dos fundamentos os mais terriveis turbilhoens de fogo, que devoraraõ huma parte dos operarios. Aquelles que se obstinaraõ nesta empreza foraõ igualmente consumidos pelas chamas ; e o lugar tornou-se taõ inaccessivel, que foi preciso abandonar a obra. Deste modo Juliaõ, querendo desmentir a predicçaõ de Jesus-Christo de que não ficaria pedra sobre pedra do Templo de Jerusalem, foi o primeiro que a confirmou.

Os criticos incredulos que não querem dar credito ao testemunho, uniforme de S. Joaõ Chrisostomo, S. Gregorio Nazianzeno, e St. Ambrozio, nenhum motivo podem ter para duvidar da authoridade de Marcellino, author a quem se não pode exprobrar a mais legeira nota de parcialidade.

Bonaparte, Segundo Juliaõ, em sua luta com hum venerando velho desamparado, com o digno Successor de S. Pedro que não tem outras armas se não aquellas mesmas, que teve o primeiro vigario de Jesus-Christo, sera o instrumento de que a Providencia se hade servir para juntar hum novo testemunho á perpetuidade da Igreja. Tal he o estado das coizas : Bonaparte se acha na mais terrivel alternativa : ou elle levava sua atrocidade ao ponto de martirizar o Papa ; e neste cazo elle preenchará os votos deste generoso defensor da Religiaõ Catholica ; ou o deixara viver ; e entaõ, como poderá soffrer seu orgulho que as Naçoens digaõ em altas vozes, que toda a sua soberba, e toda a sua potencia se foraõ despedaçar contra essa mesma, Igreja, que elle se lizongeava de poder transtornar á sua vontade ?

Quando Napoleaõ era hum simples General ás ordens do Directorio, elle se glorificava ja de ter em suas maõs a sorte da Religiaõ Catholica. Agora he Imperador ; sua impiedade não tem diminuido ; mas seos meios de a propagar se tem augmentado de huma maneira extraordinaria. As emprezas estaõ agrilho

adas por seu despotismo ; as mais brilhantes, e seductoras pennas só esperaõ suas ordens, para se mover na direcção que elle lhes prescreve : os exercitos levantaõ o estandarte da irreligião ao menor signal da sua vontade. Mas em circumstancias, que parecem de hum taõ máo agoiro para á Religião Catholica, he que Deos se apraz em confundir os designios de seos inimigos, e que se tem visto o maior, e o mais encarniçado destes mesmos inimigos forçado a implorar seu succorro para completar os vastos planos de sua insaciavel ambição. Deste modo he que Bonaparte, com a mais negra hypocrizia, e com huma fe de theatro, se contou hum momento em o numero dos crentes desta mesma Religião, de que, ha pouco, escarnecia, a fim de se pôr á frente do Governo ; e que apezar de toda a repugnancia de seu coração, foi-lhe preciso pagar este tributo, e dar assim hum novo triumpho á verdade.

Se este reconhecimento de seu erro não suffocou os dezignios de Bonaparte, obrigou-o pelo menos a mudar seu plano de ataque.

A Religião de Jesus-Christo destinada igualmente a submeter nosso entendimento, e a reformar nosso coração, nos propoem mysterios profundos para crer, e virtudes sublimes para observar.

Quando os homens se deixão dominar pelo orgulho, e sensualidade, elles não conhecem outra ventura mais, que o gozo dos prazeres, e tem o maior interesse em destruir huma Religião, que lhos envenena. Elles empregão todas as suas luzes, e todos os seos talentos para a fazer passar como falsa, e não deve cauzar-nos espanto que elles mesmos cheguem por fim a persuadir-se da sua falsidade.

Com este conhecimento he que Bonaparte tem dirigido todas as suas medidas de huma maneira propria a desmoralizar os homens, como o melhor meio de os fazer incredulos.

Nos estados de Bonaparte as prostitutas não somente são obrigadas a ter cartas de seguro para exercer sua prostituição, mas taobem são empregadas pelo Governo na espionagem da policia.

Os jogos de azar, que em todos os paizes tem experimentado a indignação e os castigos dos Governos,

saõ authorizados por Napoleaõ, e formãõ hum ramo da renda publica.

A incorruptibilidade dos Ministros da Justiça, que tem constantemente sido hum objecto de veneraçãõ, e o azilo, e segurança dos cidadãos, aos olhos de Bonaparte he huma prova da estupidez daquelles, que antes se submettem a todas as privaçoens, do que fazer o menor ataque a esta virtude.

O luxo, que arruina as familias he para Bonaparte a mais agradavel coiza; porque elle sabe mui bem, que de balde se procuraraõ costumes, e virtudes em huma Naçaõ que delle está infectada; e que a beneficencia, e a compaixãõ não habitaõ em coraçõens que não tem bastantes riquezas para si mesmos.

Bonaparte aprendeo de Machiavel, que hum Principe não deve ter outro objecto mais, que a guerra, nem outros pensamentos, nem outro estudo, que o da guerra. A guerra estabelece o despotismo, e este sustenta a guerra. Bonaparte tem perpetuamente aquella, e este em seu coraçãõ: he o seu grande pensamento, e elle serve-se da guerra, e do despotismo para dar o ultimo golpe aos costumes. De balde se esperará ver renascer os Aristides, os Cimons, os Miltiades, os Socrates, eos Phocioens onde reina o despotismo. Ninguem se occupará do bem publico, e esta mesma palavra sera banida daquelles paizes onde reina o poder arbitrario. Nunca existirá amor da patria onde os vassallos, para emitir o Soberano, que os opprime, se fazem hum dever de o anniquilar. O despota tem interesse em corromper os costumes de seos subditos; e nunca está taõ seguro como quando reina sobre homens entregues ao vicio, á molleza, e as mais desordens, que os aviltaõ: A virtude eleva os homens; e o vicio os degrada. O homem de merecimento tem grandeza d'alma, e he zeloso da estima publica: aquelle que o não tem, he baixo, servil, condescendente em excesso, e se vê forçado a despreziar-se a si mesmo. Finalmente, onde reina o despotismo, jamais reinara aquella moral, que, segundo o author do *Espirito das Leis*, parecendo não ter outro objecto, senãõ a vida futura, faz da felicidade nesta vida para o futuro a baze da verdadeira e sã politica dos particulares bem como dos Estados.

A guerra he o outro instrumento de que Bonaparte dispoem para desmoralizar os homens. A licença, o desprezo das leis, a corrupção dos costumes, são consequencias a que estão expostas as Naçoens bellicozas. Os grandes exercitos tem sido constantemente funestos á liberdade prudente; e aos costumes dos Cidadãos. Bonaparte recruta seos exercitos á custa das profissoens pacificas, e virtuozas. Com elles destroe as sementes da moral, arruina os templos, e tornado senhor de suas doaçõens, priva os ministros da Religião das que lhes são necessarias para continuar o exercicio de seo ministerio: o culto publico não tem igrejas para se celebrar: as cadeiras do Espirito Santo estão mudas; os directores das consciencias encanecidos debaixo de perseguiçoens de toda a especie, que se lhe tem feito experimentar, desapparecem d'entre os povos; e estes soffrem, sem poder consolar-se com os succorros da Religião, todos os excessos, e todos os males da licença desenfreada de huma soldadesca, que toma por guia o espirito desmoralizador, e irreligiozo do supremo chefe que a commanda.

Os castigos, e as recompensas são as molas, que todo o Governo deve empregar para reprimir o vicio, e estimular a virtude. Bonaparte não conhece outras virtudes mais que aquellas que aperfeiçoão a sciencia de destruir os homens, ou que contribuem para sustentar seo despotismo. A estes unicos talentos he que elle tem sacrificado as recompensas, que eraõ n'outro tempo concedidas á propagação das sciencias, e á destruição da ignorancia, que he tao pernicioza á moral.

A beneficencia, a humanidade, a probidade, o desenteresse, a generozidade não ábrem hoje o caminho nem ás recompensas, nem á estima do conquistador, feito soberano. Os professores das sciencias sagradas, privados de recompensa, e perseguidos pelo odio de seos calumniadores, são de todas as partes desanimados. Vicios os mais vergonhozos, a impudicidade, a fraude; a rapacidade, ficaõ impunes, quando são perpetradas á sombra do valor militar.

Os prelados canonicamente instituidos são expulsos de suas Igrejas, e choraõ os perigos de suas ovelhas, nutridas actualmente com a impura doutrina dos Bis-

pos intruzos, que ao mesmo tempo enegrecem a Religião, imputando-lhe as superstiçoens, que ella mesma condemna, excitaõ o orgulho, alimentaõ a ambição, e augmentaõ a authoridade de Bonaparte. Elles persuadem aos povos que o poder de Imperador he huma emanação pura do poder supremo, que governa o Universo, que seos direitos são divinos, sua authoridade irrevogavel, e suas acçoens independentes de todo o tribunal humano. Elles chamaõ-no omnipotente, o dezejado das naçoens, a obra mais perfeita, que jamais sahio das maõs do creador, e ate chegaõ a dizer que Deos se repouzára, depois de o haver creado! Blasfemias taes, e taes sacrilegios são o mais agradavel incenso, que se pode offerecer a Bonaparte; e posto que ninguem os creia, com tudo não he justo imputar á Religião as opinioens sordidas, e venaes de seos perversos ministros; poisque longe de encobrir o odioso destas opinioens debaixo de seu veo sagrado, como a malignidade pertende, a mesma Religião persegue com anathemas a impiedade dos Ecclesiasticos depravados.

Sim: a Religião detesta a doutrina desses Bispos creados pelo poder desmoralizador de Bonaparte; que tem a audacia de representar os Soberanos, como seres privilegiados a quem tudo he permittido; que persuadem aos povos que devem submeter-se cegamente a todos os seos caprichos, sem uzar do direito de representação: que ensinaõ aos Reis, que elles são formados de hum lodo differente, e que suas vontades não devem experimentar algum obstaculo.

Bonaparte bem sabe que taes doutrinas não tem algum apoio na Religião Santa; e por isso he que elle procura extirpa-la. Elle sabe que segundo a moral do Evangelho, todo o poder he essencialmente limitado e circumscripto ao fim da sua instituição, a felicidade, e conservação dos povos; que entre tanto que o Soberano governa segundo seos votos, e sem outro fim mais que a salvação publica, suas Leis são sagradas; que, quaesquer que sejaõ as condiçoens primitivas comque huma Nação se submettem, quaesquer que sejaõ os obstaculos, que a tenhaõ embaraçado de as estipular na sua origem; qualquer que seja a violencia, que tenha suffocado sua voz com o andar do tempo;

nada lhe pode fazer perder o direito de manifestar seos votos, e seos dezejos: a salvação publica he sempre a Lei suprema para o Soberano, e para o vassallo; ella he a medida immutavel do poder de hum, e da obediencia de outro; ella he o lugar commum, que une a Nação a seos chefes, e estes á Nação. Qualquer que tenha sido a authoridade a que a sociedade tenha querido livremente sujeitar-se, jamais ella pensou submeter-se á huma vontade injusta, desarrasoada, e caprichoza: ella tem querido sempre ser felis. Se ella se tem privado do exercicio de direitos, foi para os depositar em maons, que podessem exercelos por ella com mais segurança e habilidade: foi para simplificar a maquina, que sendo mui complicada pelo attrito de suas rodas, e pelas molas, que movem diversamente cada huma das suas partes, não fosse suspendida em sua marcha, e despedaçada em seos movimentos. A felicidade, a segurança, a conservação, taes foraõ em todos os tempos os objectos de seos votos. Ella quiz pôr os individuos ao obrigo de suas paixoens reciprocas, e jamais podia ter o designio de sujeitar-se a hum Poder terrivel, a hum Poder, que abuza de todas as forças confiadas á sua authoridade. Ella se obrigou a obedecer, mas he para sua utilidade, he a vontades justas, he a Leis fundadas em a Natureza, e conformes à sua prosperidade.

Taes são os bazes invariaveis sobre as quaes se tem estabelecido todas as Sociedades. Não chame a lizonja tacitas estas condiçoens: a natureza, e a Religiaõ as condemnaõ com huma voz bem intelligivel. Não trate a tyrannia de chimera este titulo primordial das Naçoens: elle está gravado no coração de todos os homens. Estes archivos sagrados se conservaõ eternamente ao obrigo dos tempos, da violencia, e da perfidia.

A bondade, e a justiça divina são os laços, que unem o homem a seu Deos. Mas se he permittido aos Soberanos dispensar-se destas qualidades para com os seos vassallos; se elles se dispensaõ das Leis da equidade, da razão, e da beneficencia, não pertendem elles ser superiores á Divindade, que elles mesmos se honraõ de representar.

O Soberano Author da Natureza, ornado de bondade de razão, e de justiça concede ás Naçoens o di-



reito de exigir estas virtudes daquelles que se honraõ com a prerogativa de ter recebido o poder de o representar. Dir-se-ha que hum Deos de bondade, que manifesta tanta ternura para com os homens, queira ser representado debaixo do caracter de hum tyranno, e de hum usurpador? Pode a Divindade approvar, que hum homem mudado por suas paixoes em animal feroz, tenha o direito exclusivo de devorar seos semelhantes? Este Deos, que he á mesma bondade, consentirá que hum mortal, que em nada differe essencialmente de seos semelhantes, viole, á vontade dos seos caprichos, as leis que conservaõ a existencia das suas creaturas? A cazo tem elle resolvido em seos Eternos Decretos, que hum unico membro de cada sociedade se aproveite do trabalho de todos os outros, e unicamente se ocupe da sua felicidade, esquecendo se absolutamente da dos seos povos?

Aquelles, que procuraõ augmentar sua authoridade, fazendo-a dirivar immediatamente de Deos, enganaõ-se vergonhozamente; e se elles pertendem dar lhe o despotico exercicio de sua potencia, commettem o mais sacrilego attentado, e cahem na mais evidente contradicção.

Tal he a linguagem característica da Religião: tal he o tom magestoso em que ella falla aos Potentados: tal he a doutrina que poem hum freio á sua authoridade: que poem a salvo os direitos dos povos: que não pode ser do gosto de Bonaparte, acostumado aos nauseabundos lauvores dos Bispos de sua creação, e que excita a hum ponto extremo sua indignação, e sua raiva.

Dali nascem seos esforços, e a odioza conspiração, que elle tem formado para destruir esta Religião Santa, que conserva os laços da sociedade, e que mantem a ordem publica, e a probidade entre os homens. Que seria dos costumes, da boa fé, da segurança dos Estados, e dos particulares, se o mundo inteiro chegasse a persuadir-se, que não ha Deos, ou que Deos olha com indifferença para as acçoens dos homens, que tudo perece com o corpo, e que o nada he o fim commum do vicio, e da virtude? E de que serve crer na existencia de hum Deos, se os homens virtuosos nada tem que esperar de sua bondade, e os máos nada que

temer de sua justiça? Quebradas as barreiras sagradas da Religião, instantaneamente desaparece aquelle temor saudavel, que reprime o fogo das paixoens, e todas as paixoens tem porta franca.

Taõ horriveis resultados entraõ nos deznios de Bonaparte: mas de que serviraõ todos os seos esforços contra a firmeza immovel da Religião, senaõ para a tornar mais invencivel? Ella tem sido atacada por todas as potencias da terra, e do inferno: os Imperadores naõ tem omittido meio algum para a suffocar em seu nascimento. Muitos outros Principes tem perseguido os Papas, e differentes seitas tem atacado a Igreja Catholica Romana, mas tudo tem sido baldado. E he possivel, que liçoens taõ convincentes, que verdades taõ claras naõ produzaõ outro effeito sobre o entendimento de Bonaparte, senaõ augmentar seu crime, e fazer sobresahir sua demencia?

Eis aqui todavia quem he Bonaparte, este Soberano, cujos desmedidos elogios profanaõ as cadeiras da verdade, e manchaõ as imprensas de França! He preciso ter perdido todas as noçoens de Governo para naõ saber, que a religião he a mais poderosa mola da politica, e a mais forte barreira que se pode oppor ás paixoens. A idea de huma Providencia, que governa o Universo, que penetra nos mais secretos escondrigios do coração humano, que pune o vicio, e recompensa a virtude, he fundada sobre a justiça de Deos; ella he conforme a razaõ: ella convem ás nossas precisoens, mas ella combate sem piedade nossas paixoens.

O homem naõ se deixa arrastar de repente, e sem temor para a primeira injustiça. O crime tem seos grãos. O criminozo começa por se familiarizar com a imagem do crime: procura depois os meios de enganar a vigilancia dos magistrados, e de evitar o rigor das Leis: mas se elle sabe que tem hum juiz que naõ pode ser enganado, e que hum inevitavel castigo o espera; este temor produzira o mais salutar effeito em seu coração, e reprimira suas paixoens ao mesmo tempo que elle hade sentir o freio da Lei.

Tirai o temor do castigo, e a esperanza de huma recompensa eterna: em que se tornará o mundo, ou

para melhor dizer que theatro de horrores se não tornará o Universo? Onde acharemos homens de probidade? Quem sustentara o homem no combate de seos deveres, e dezejos? Será o interesse pessoal? Elle he o grande móvel da conducta do homem: mas não he este mesmo interesse a origem dos crimes? Não he elle que arrasta ao crime, quando não he submettido ás leis da consciencia, e da Religiaõ? He verdade que o interesse pode fazer guardar certas apparencias de probidade, porque de outra sorte a fortuna, e a reputaçã correriaõ perigo: mas he facil comprehender, que a probidade sem o apoio da Religiaõ, he huma probidade exterior, incerta, e vacillante.

Apologistas vilmente condescendentes, se, a respeito deste capitulo, Bonaparte não merece vossos elogios, dizei-me em que he elle digno do sobrenome de Grande, que vos lhe dais? He porque elle substitue suas paixoens ás leis da Natureza, e da Sociedade? He porque elle escravizou a França com as mesmas forças que ella lhe confiou para sua segurança? He porque, desprezando todas as leis se fez arbitro da vida, da liberdade, e dos bens de seos vassallos? He porque elle prodiga sem necessidade, o sangue, e os thezoiros de seos povos? He porque despreza o merecimento das virtudes pacificas, e porque só recompensa os serviços dos complices de suas usurpaçoens? He porque elle cingio a coroa contra o voto da maior, e melhor parte da Naçaõ? He porque despreza os direitos de que huma Naçaõ nem pode, nem quiz jamais desfazer-se\*. He porque elle não

\* Bonaparte dezejando cobrir com o veo das formalidades as criminozas tramas de sua insaciavel ambiçaõ, forçou os Hespanhoes, que se achavaõ em Bayonna, e pertencentes a diversos corpos, a cumprimentar Joze Bonaparte na sua chegada áquella Cidade. Todos os papeis, que eu li, continhaõ unicamente as expressoens ordinarias da civilidade, e por huma extrema subtiliza, nenhum foi mais longe. Os grandes dezejaraõ saber o meu voto a respeito da sua falla, e achando-o conforme aos seos dezejos, enseriraõ nella o paragrafo seguinte, que eu lhe aconselhei:—

“ Os grandes limitaõ-se a estas expressoens, não podendo expor-se a outras de que não podem fazer uzo sem estarem para isso authorizados pela Naçaõ, pois so ella tem direito de as pronunciar.”

He impossivel pintar a irritaçã, que esta clausula produzio no espirito orgulhoso de Bonaparte, nem escrever, sem faltar á decencia devida a meos leitores, todas as sortes de insultos, que os grandes soffreraõ por a nor desta clausula honroza. Com tudo, eu relatarei huma expressão de

renuncia a huma só das suas empresas, posto que ellas ataquem a equidade, e a justiça, e ponhaõ em risco a salvaçaõ publica? He porque sem humanidade, esmaga seos povos debaixo do pezo de sua ambiçaõ? He porque nada ou pouco lhe importa que seos vassallos o detestem, com tanto que o temaõ? He porque nenhum cazo faz da opiniaõ publica? He porque reduzindo a systema sua tyraunia, faz desgraçados seos vassallos a fim de serem submissos? He porque elle compra seos gozos á custa do sangue de seos subditos, sangue\* taõ vil a seos

que elle uzou, como da hum axioma, para sustentar, que o povo não deve influir sobre alguma especie de governo:—*Tout pour le peuple, rien par le peuple.* Como quem queria dizer, que tudo se devia fazer para bem do povo, e nada por meio d'elle.

O Imperador espantou-se de ver que os defensores de Saragoça, sem outras fortalezas mais que seos peitos, defendiaõ aquella cidade, e batiaõ exercitos costumados a tomar de passagem praças da primeira ordem. Cobrio-se entaõ com a capa da compaixãõ; chamou em seu soccorro a humanidade, e a prudencia; e quiz que os Hespanhoes (os quaes somente a força, em geral, unia em Bayonna,) se servissem destas virtudes para persuadir aos heroes de Saragoça que desistissem de huma empresa, que a historia está ençarrigada de transmittir á posteridade para ser o exemplo, e a admiraçaõ dos seculos futuros; e para este fim ordenou, que elles se juntassem no *hotel* a que Bounaparte chamava Palacio do Governo, o qual era dominado por hum castello, e junto do qual se achava huma força, que não era menor de 6,000 homens. Tal he o apparatus com que o despotismo consulta o que elle se atreve a chamar declaraçaõ livre da vontade dos povos; e desta maneira he que Bonaparte quis que os Hespanhoes de Bayonna escrevessem aos intrepidos guerreiros de Saragoça, e os obrigassem a desviar-se da carreira do heroismo, que abandonassem o thezouro da liberdade e que trocassem a gloria da independencia pela vantagem de ser vassallos de Napoleaõ, cujas rezoluçoens eraõ irrevogaveis, e ao qual ninguem podia resistir. Elle queria que os Hespanhoes de Bayonna se deshonrassem daquella maneira; mas entre elles achou muitos, que desprezando os ameaços da força, somente escutáraõ a voz da honra. Eu dei o meu parecer, paraque se consultasse o voto da Naçaõ: eu queria que Bonaparte conhecesse, que se elle pela sua perfidia se tinha desembaraçado do Augusto Representante da Hespanha, esta por nenhum titulo havia perdido seos direitos á independencia, e que inda mesmo que toda a dynastia dos Borboens tivesse desaparecido, nada podia atacar, e destruir a faculdade, que o povo tem de escolher huma dynastia, quando a outra se extingue, e de estabelecer entaõ o Governo, que a prudencia lhe dicte. Por outra parte ninguem duvida que desde o momento em que huma provincia, ou hum reino, se associa com outro para formar hum só Estado, áquelle, que tem o maior interesse em que nenhuma das partes, que o compoem se separe do corpo geral, he que pertence particular, e exclusivamente dissolver huma associaçaõ, que se não tem podido estabelecer sem o seu consentimento.

\* Francezes, que contraste! Bonaparte por huma pollegada de terra

olhos? He porque elle condemna os artistas, que vestiaõ seos concidadaõs a despojar as outras Naçoens? He finalmente porque tem reduzido a huma perfeita inacção o Commercio, que deve o movimento, e a vida á agricultura e á industria? Vos me direis que he hum conquistador feliz, que tem estendido os limites de seu imperio; mas em que consiste a felicidade se não he na somma da felicidade dos individuos, que o compoem? São elles mais felizes, porque Bonaparte tem levado a outros paizes a desolação, e a morte? São elles mais felizes porque, a custa da mais precioza porção de seu sangue, tem adquirido huma gloria inhumana contra a qual a eloquencia, e a satira deverião atirar seos golpes? Longe de nos o criminozo emprego de louvar esses monstros ferozes, esses flagellos da humanidade! Pereça para sempre a memoria desses conquistadores que escarnecem, e zombaõ das afflicções do genero humano! Historiadores não avilteis as letras; não envenencis as geraçoens futuras fallando com tantos elogios de hum Soberano, que só he famozo por suas empresas guerreiras. Considerai o estado da França oppressa com o pezo da gloria militar. Fazei conhecer, que toda a guerra emprehendida por mera ambição, destroe os fundamentos da prosperidade publica; que toda a conquista que se não fundar sobre a utilidade do pais conquistado, he funesta ao mesmo conquistador; e que hum estado composto de provincias cujos habitantes differem totalmente em costumes, em opinioens, e linguaagem, nunca chegará a possuir huma força, e poder proporcionado á extensão de suas possessoens. Dissensoens intestinas, odios occultos entre o opprimido, e o oppressor se oppoem a huma verdadeira uniaõ de

prodiga vosso sangue, e Luis XVI. expoz sua vida para evitar que se deramasse o de seos vassallos! Bonaparte despreza vos-o amor; e Luis XVI. dizia que os Reis só devem ambicionar o amor de seos povos! Bonaparte perscruta o estado de vossas fortunas para as exhaurir; e Luis XVI. convocou os Notaveis para descobrir os meios de melhorar vossa situacão! Bonaparte dissipa vossos thezouros para coroar seos parentes; Luis XVI. estendendo seo amor ate aos pobres, foi surdo ás reclamaçoens do feudalismo; elle lançou suas vistas sobre esta torrente de males, que a desmedida influencia dos Baroens, e a impotencia dos Reis, transmittiraõ á posteridade; e resolveo abolir estes monumentos da fraqueza, e da impotencia dos povos, por cuja razaõ algumas pessoas lhe deraõ o sobre nome de *Roy Democrat*!

forças. Nem o Soberano sera poderoso, nem os vasallos seraõ felizes, se os habitantes de todas as provincias não formaõ entre si huma unica, e mesma Nação, cujos individuos estaõ ligados pela semelhança de character, e de costumes. Consequentemente, a gloria fundada sobre a prosperidade das armas, bem longe de contribuir para a felicidade de huma Nação, deve fazer a sua desgraça.

(Continuar-se-ha.)

## SCIENCIAS.

### CHYMICA.

Continuação da Memoria de Mr. Humphry Davy sobre o Acido Oxymuriatico, Sua Natureza, e Combinaçoens.

Poucas substancias, talvez, merecem menos o nome de acido, que o acido oxymuriatico; porquanto não podemos dizer, que elle se tenha decomposto; e como a sua tendencia a combinar-se he com substancias inflamaveis, pode muito bem considerar-se como pertencente á mesma classe de corpos, a que pertence o oxygenio.

Com effeito não pode elle ser hum principio *particular* acidificante e dissolvente, formando compostos com os corpos combustiveis, analogos aos acidos, que contem oxygenio, ou oxides, nas suas propriedades e poder de combinaçãõ; differindo so delles, em serem pela maior parte decomponiveis pela agoa? Debaixo desta idea o acido muriatico pode considerar-se como tendo hydrogenio por base, e acido oxymuriatico por seu principio acidificante. E o sublimado phosphorico, como tendo phosphoro por base, e acido oxymuriatico por materia acidificante. O Licor de Libavio, e os compostos de arsenico com acido oxymuriatico, podem ser olhados como corpos analogos. As combinaçoens do acido oxymuriatico com chumbo, prata, mercurio, potassium, e sodium, podem igualmente considerar-se como classe de corpos mais analogos a oxides, que acidos, nos seos poderes de attracçãõ.

He desnecessario gastar tempo em mostrar a imperfeiçãõ da nomenclatura moderna destas substancias. Ella envolve ideas falsas sobre a sua natureza e composiçãõ, e será precizo no progresso da sciencia

fazer grandes alteraçoes. He muito provavel, que haja hum grande numero de combinaçoes de acido oxymuriatico com substancias inflamaveis, que ainda não tem sido investigadas. Com phosphoro elle parece combinar-se em tres proporçoes pelo menos; o acido muriatico phosphorizado de Gay Lussac e Thénard he o composto que contem o maximo do phosphoro. O sublimado phosphorico crystallino, e o licor formado pela combustão do phosphoro em gaz acido oxymuriatico não deenvolvem phosphoro pela acção d'agoa; o sublimado como eu tenho ja mencionado, produz acido phosphorico, e muriatico. O sublimado de base boracica dá, creio eu, somente acido boracico e muriatico, e pode olhar-se como boracium acidificado pelo acido oxymuriatico.

He evidente, que todas as vezes que se decompoem pela agoa huma combinação oxymuriatica, a oxide, acido, alkale ou corpo oxydado, que se forma, deve estar na mesma proporção, que o gaz acido muriatico, pois que o oxygenio e hydrogenio devem ter a mesma relação entre si; e as experiencias que se fizerem sobre estes compostos provavelmente trarão a simplez maneira de verificar as proporçoes dos elementos, contidos nas differentes oxides, acidos, e terras alkalinas.

Se o hydrogenio, segundo a idea engenhosa de Mr. Dalton, se considerar como 1. em pezo, na proporção em que existe n'agoa, então o oxygenio será quasi 7.5; e suppondo a potassa composta de 1. proporção de oxygenio, e 1. de potassium, será então a potassa 48, e o potassium quasi 40.5; e pela experiencia que circumstanciei na preleção Bakeriana passada, sobre a combustão do potassium no gaz acido muriatico, o acido oxymuriatico será representado por 32.9, e o gaz acido muriatico, consequentemente, por 33.9; e este calculo concorda com a gravidade especifica do gaz acido oxymuriatico e do gaz acido muriatico. Pelas minhas experiencias, 100 polegadas cubicas de gaz acido oxymuriatico pezaõ, feitas as reduçoes, a temperatura e pressao medias, 74.5 graons, entretanto que pelo calculo deviaõ 74.6. Achei que o gaz acido muriatico nas mesmas circumstancias, e na quantidade de 100 polegadas cubicas, peza 39 graons; pelo calculo devia pezar 38.4 graons.



He facil por estes dados, conhecendo a composiçãõ de qualquer muriato seco, determinar a quantidade de oxyde ou de acido, que elle forneceria pela acçãõ d'agoa, e consequentemente a quantidade de oxygenio, com que a materia inflamavel se deve combinar\*.

Considerando os muriatos secos, como compostos de acido oxymuriatico, e corpos inflamaveis; o argumento, que empreguei para mostrar, que o potassium não forma hydrato de potassa pela combustãõ, fica mais forte; por quanto a quantia de acido oxymuriatico requerida pelo metal para formar hum muriato, parece mostrar, que elle he a mais simples forma conhecida da materia alkalina. A potassa feita pelo alcohol, e aquecida athe a vermelhidaõ, parece ser hum hydrato de potassa, em quanto a potassa formada pela combustãõ do potassium pode considerar-se como oxide metallica pura, a qual requer quasi 19 por cento d'agoa para se converter em hydrato.

Entre os corpos combustiveis conhecidos, o carvão he o unico que não se combina directamente com o gaz acido oxymuriatico; e com tudo ha razaõ para crer que esta combinaçãõ pode formar-se pelo inter-

\* Eu referi na ultima preleçãõ Bakeriana, que durante a decomposiçãõ d'amalgama do ammoniaco, se dezenvolve 1 em volume de hydrogenio para 2 de ammoniaco: he notavel, que qualquer theoria que se adopte sobre a natureza deste extraordinario composto, sempre ha huma feliz coincidência quanto ás defenidas proporçoens. Suppondo-se que o hydrogenio procede da decomposiçãõ d'agoa, o oxygenio, que se deve suppor no ammoniaco, deve ser exactamente o que baste para neutralizar o hydrogenio, em hum igual volume de acido muriatico; ou a dizer-se que o ammonium he hum composto de 2 de ammoniaco, e 1 de hydrogenio em volume, entãõ iguaes volumes de gaz acido muriato e de ammoniaco produziraõ o mesmo composto, que o acido oxymuriatico e ammonium, suppondo que elles podem immediatamente combinar-se. Eu pensei outrora que os phenomenos da metallizaçãõ podião explicar-se n'huma theoria phlogistica modificada, suppondo tres differentes classes de corpos metallicos. 1. O metal do ammoniaco, em que o hydrogenio estava levemente combinado, e era facilmente separavel, e que em razaõ da pouca affinidade da sua base para agoa, tinha pouca tendência a combinar-se com o oxygenio. 2. Os metaes dos alkales, e terras alkalinas, em que o hydrogenio estava mais firmemente combinado, mas formando na combustãõ agoa capaz de separar-se da base. 3. Os metaes das terras e metaes communs, em que o hydrogenio estava mais intimamente combinado; produzindo pela uniaõ com o oxygenio, agoa não separavel por novas attracçoens quaesquer. Os phenomenos com tudo, d'acçãõ do potassium e sodium sobre o acido muriatico, ja referidos, parecem transformar estas consideracões relativamente aos metaes dos alkalinos

medio do hydrogenio. Eu quero crer, que a substancia oleosa, produzida pela acção do gaz acido oxymuriatico, e do gaz olifico, he hum composto ternario destes corpos; por quanto se combinaõ quasi em iguaes volumes; e acho pela acção do potassium sobre o oleo assim produzido, que se forma muriato de potassa, e huma substancia gazosa, que ainda não pude colligir em sufficiente quantidade para determinar a sua natureza. A camphora artificial, e ether muriatico, como he provavel pelas experiencias ingenhozas de M. Gehlen e M. Thenard devem ser combinaçoens de semelhante natureza, huma provavelmente com mais hydrogenio, e a outra com mais carvão.

Hum dos maiores problemas em chymica economica, he a decomposição dos muriatos de soda e potassa. A solução deste problema, sera provavelmente facilitada por estas novas vistas. A affinidade do potassium e sodium para o acido oxymuriatico he mui forte; igualmente o he a sua attracção pelo oxygenio, e a affinidade das suas oxides para agoa. As affinidades do gaz acido oxymuriatico para o hydrogenio, e do gaz acido muriatico para a agoa, são igualmente fortissimas. Agoa portanto, deve estar presente todas as vezes que se quizer produzir alkale. Segundo estas vistas não he difficil explicar a decomposição do sal commum, pelas substancias, aluminozas ou siliciozas, que obraõ somente contendo agoa, tanto quanto he sabido. Neste cazo pode conceber-se que o sodium se combina com o oxygenio d'agoa e com a terra, para formar hum composto vitreo, e o acido oxymuriatico com o hydrogenio d'agoa; formando gaz acido muriatico.

He tambem facil explicar por este modo a decomposição do sal commum, por meio do Lithargyrio humedecido, cuja theoria tem embaraçado os mais habeis chymicos. Pode considerar-se este cazo, como hum exemplo de affinidade composta; o acido oxymuriatico he attrahido pelo chumbo, e o sodium se combina com o oxygenio do Lithargyrio, e com agoa, para formar hydrato da soda, que gradualmente attrahe acido carbonico d'atmosfera.

Como o ferro tem huma forte affinidade para o acido oxymuriatico, eu tentei obter soda, fazendo passar vapores aquosos sobre huma mistura de limalha de fer.

ro, e muriato de soda intensamente aquecida : deste modo pode decompor parte do sal : desenvolveo-se hydrogenio, e formou-se hum pouco de hydrato de soda, e muriato de ferro. Não parece improvavel, suppondo exactas as vistas que se tem desenvolvido, que, por meio de affinidades complexas, se podem obter potassium e sodium em forma metallica das suas combinaçoens oxymuriaticas : para esse fim o acido oxymuriatico deve ser attrahido por huma substancia e os metaes alkalinos por outra, e para esta experiencia se devem escolher corpos que diffirão consideravelmente em grão de volatilidade.

Eu não posso concluir o objecto d'applicação destas doutrinas, sem pedir licença de dirigir a attenção da Sociedade, para algumas das relaçoens theoreticas dos factos mencionados nas paginas precedentes.

Que hum corpo principalmente composto de acido oxymuriatico, e de ammoniaco, duas substancias que se tinhaõ athequi julgado incapazes de existir juntas, fosse de tam difficil decomposição, que apenas o affectassem agentes chymicos, he hum phenomeno inteiramente novo.

Tres corpos, dos quaes dous são gazes permanentes, e o terceiro he consideravelmente volatil, formaõ neste cazo, huma substancia nem fuzivel nem volatil, a hum calor branco. Não era de esperar que o ammoniaco ficasse retido á tal temperatura ; e que elle se fixasse em combinação com o acido oxymuriatico, pareceria incrivel, segundo todas as analogias existentes em chymica. As experiencias, em que se fundaõ estas conclusoens, são todavia, uniformes nos seus resultados, e he facil repetilas. Ellas parecem mostrar, que a propozição chymica ordinaria, a saber, que a complexidade de composição está uniformemente ligada com a facilidade de decomposição, não he bem fundada. O composto de acido oxymuriatico, phosphoro, e ammoniaco, parece huma oxyde tal como a silex, ou a de columbium nos caracteres chymicos geraes, e igualmente refractario, sendo tractado por communs reagentes, e excepto pelo effeito da combustão, ou agencia da potassa fundida, a sua natureza não sera descoberta pelas methodos conhecidos d'analyse. Raciocinando destas circumstancias, não será provavel,

que muitas das substancias, reputadas elementares, possam ser reduzidas ás mais simples formas na materia? E que huma attracção intensa, e hum equilibrio de attracção possa dar a hum composto, contendo varios componentes, aquelle refractario character que geralmente se attribue a unidade de composição, ou a natureza homogenea das suas partes?

Alem do composto do sublimado phosphorico, e ammoniaco e os outros compostos analogos, a que se tem referido, he provavel que outros compostos de semelhante natureza se formem das oxides, alkales, e terras com as combinaçoens oxymuriaticas, ou dos compostos oxymuriaticos huns com os outros; e a ser assim, as mais refinadas analogias da philosophia chymica se tornaraõ mais extensas por estes novos, e a primeira vista contradictorios factos. Se pois o gaz acido oxymuriatico se refere á mesma classe de corpos que o gaz oxygenio entaõ, como o oxygenio naõ he hum acido, mas forma acidos combinando-se com certos corpos inflamaveis, assim o acido oxymuriatico, unindo-se a semelhantes substancias, deve formar ou acidos, como quando se combina com o hydrogenio, ou compostos como acidos ou oxides, capazes de formar combinaçoens neutras, assim como nos cazos dos oxymuriatos de phosphoro, e estanho.

Semelhante ao oxygenio, o acido oxymuriatico he attrahido nas combinaçoens Voltaicas pela superficie positiva; e na hypothese, em que a attracção chymica está ligada com a potencia electrica, todas as energias de combinação correspondem ás de huma substancia supposta negativa em extremo gráo; e na maior parte dos seus compostos, excepto aquelles que contem metaes alkalinos, que podem conceber-se positivos no mais alto gráo, e os metaes com os quaes forma compostos insolueis, elle parece reter ainda o seu character negativo\*.

\* Davy finaliza esta memoria com o detalhe de algumas observaçoens e experiencias relativas ao enxofre, e phosphoro, que omittimos, por naõ terem immediata connexão com o principal objecto que nella se tracta; e dezejar-mos continualo, transcrevendo a sua segunda memoria a este respeito; o que faremos em o seguinte numero.

## ZOOLOGIA.

Observações sobre a Physiologia do ovo ; por Joaõ Ayrton. Paris. M. B. N'huma carta ao Dr. Maton.

O lugar extenso, que os *oviparos* occupaõ na escala dos seres animados, fornece á physiologia do ovo hum objecto de summo interesse e de importancia ao naturalista ; espero portanto que a communicação de alguns factos relativos a sua organizaçõ e desenvolvimento, seraõ recebidos por vos, como hum tributo acceptavel á cauza da historia natural.

Os *ovos* ou germes dos animaes oviparos, admittem huma devizaõ distincta em duas ordens. 1. Perfeito. 2. e Imperfeito. Os primeiros saõ depositos por *aves serpentes* e pela maior parte dos *quadrupedes oviparos* e saõ completamente formados no *utero* ; em quanto os outros, produzidos por alguns *testaceos*, *amphibios* e pela maior parte dos *peixes* adquirem addiçoens depois da sua excluzaõ. As observaçoens contidas nesta memoria se referem mais particularmente a classe das *aves*, a historia de cujos *ovos* comprehende o que ha de mais importante nos germes dos animaes inferiores. O ovo quando he perfeito e depositado, consta das seguintes partes :

1. O *vitello* ou *gema* com a sua *capsula*, e *cicatricula*.
2. Duas especies de *albumen* ou *clara* com as suas membranas proprias.
3. A *chalaza*.
4. O *folliculo do ar*.
5. As *membranas communs*.
6. O *involucro exterior* ou *casca*.

A descripção destas partes se acha detalhada nas obras de Fabricio Aquapendente, Harvey, Malpighi, e muitos outros esclarecidos physiologistas. Eu me limitarei portanto, ao que considero escluzivamente original.

O uzo principal da parte *albuminosa* do ovo, he sem duvida produzir materiaes para o crescimento, nutrição e sustento do embryaõ *ovular* ; naõ parece com tudo ser este somente o fim, para que he designado. Em

nenhuma parte a Natureza dezenvolve mais empenho, para a conservação dos seus germes, ou mais sabedoria para obter os seus fins, do que nas provisoens que faz para segurar huma temperatura igual ao *feto no ovo*, condição essencial á evolução do animal, de maneira que a mais pequena deviação transtorna o perfeito equilibrio das differentes acçoens que devem sazonallo, e produz consequencias fataes. Eu considero pois o *albumen* como huma grande defeza contra este mal. A *chalaza*, retendo a *cicatricula* como origem do calor, se oppoem ao prejuizo que rezultaria da constante mudança de posição; mas o *albumen* sendo fraquissimo conductor do calorico, obsta a que o calor escape, e previne qualquer rapida tranzição de temperatura, e remove assim os fataes resfriamentos, que as mutaçoens occasionaes do individuo prolifero occasionariaõ. Como illustração do uzo e importancia de tal estructura, posso observar, que os peixes que retem a vitalidade por muito tempo, tirados d'agoa, como a enguia, a tenca, tem a propriedade de segregar hum fluido viscoso, em que envolvem o corpo. Não he pois extremamente provavel que esta materia, obrando como o albumen do ovo, e impedindo a evaporação da superficie do animal, e a consequente mudança da temperatura, seja a cauza principal da sua tenacidade de vida?

Deve, com tudo, notar-se, que as deviaçoens de temperatura são nocivas e fataes a proporção do grão de energia vital que possui o embryão ovular: germes por conseguinte de vitalidade inferior, não somente soffrem as vicissitudes do calor e frio impunemente, mas athé se dezenvolvem á huma temperatura menos definida. Descendo, portanto, pela escala dos seres oviparos, nos percebemos, que aquellas particulares provisoens que possuem os ovos dos animaes perfeitos, para regulamento da sua temperatura, cessão de ser essenciaes, e por conseguinte dezapparecem.

A parte do ovo, a que agora derijo a vossa attenção, he o *folliculo de ar*, colocado na sua extremidade obtuza; a natureza deste folliculo excitou em mim consideravel interesse, vendo que não tinha ainda sido

investigado, como a sua importancia parecia requerer.

A casca exterior, e a membrana que a forra, constituem as *paredes* da cavidade, cuja extenção no ovo recente apenas excede em tomanho o olho de ave pequena: pela sua incubação, todavia, elle se estende a huma consideravel grandeza. Que o seu uzo mais essencial he oxygenar o sangue do pinto, quanto a mim, não pode ter duvida: mas para estabelecer completamente a verdade desta theoria, he precizo descobrir a natureza do ar, que o faz intumecer, e que athégora se não tem examinado. Buffon nos informa, que elle he hum producto da fermentação, que as differentes partes do ovo soffrem. Se esta conjectura fosse verdadeira, o ar deveria ser não respiravel, e por tanto incapaz de exercer a função que tal theoria lhe assignasse. Para determinar este objecto, e descobrir igualmente, se o processo da incubação produz mudança alguma na sua constituição chymica, fiz as experiencias seguintes.

Exp. 1. Vinte e hum ovos de galinha, recentemente postos, picados na extremidade obtuza; deraõ somente huma polegada cubica de gaz, que recebido n'hum jarro, e esposto á prova eudiometrica de Priestley, achei ser ar atmospherico puro.

Exp. 2. Dous ovos, depois de vinte dias de incubação, foraõ abertos debaixo da superficie d'agoa, dos quaes se colligio huma polegada cubica de ar: este descobri ser ar atmospherico, mas contaminado com huma pequena porção de acido carbonico, que suspeitei derivar-se do sangue venoso do pinto, o que parece estabelecer outra mui brilhante analogia entre este modo de oxygenação, e a respiração depois do nascimento.

Destes resultados podem tirar-se os corollarios seguintes:—

1. O *folliculo do ar* antes da incubação contem ar atmospherico.
2. Nenhuma outra mudança chymica se observa neste ar, senão o ser levemente inquinado de acido carbonico.
3. Elle adquire pela incubação hum augmento

de volume, que cresce quasi athé á razaõ de dez para hum.

Devo aqui notar, que este volume não cresce igualmente em porçoens iguaes e successivas de tempo, mas guarda huma especie de progressaõ, que se accelera mais no termo da incubação. Elle parece chegar ao seu *maximo* de dilataçã, poucos dias antes da exclusã do animal.

Nos ovos dos animaes inferiores, o embryaõ não parece oxygenar-se por distincto algum apparatus; mas no seu progresso para a vida, o animal recebe ar por meio de certos *spiraculos* espalhados no *involucro* exterior. A descripção do *folliculo* dada, he de hum ovo de galinha ordinario. O mesmo apparatus existe nos ovos de todas as aves, e contem hum semelhante ar: a sua capacidade, com tudo, não parece variar segundo o tamanho dos ovos, ou das aves, a que elles pertencem; mas eu penso ter descoberto a brilhante lei, que modifica a sua extensaõ.

Eu tenho achado uniformemente, tanto quanto as minhas escassas indagaçoens me tem permittido, que o *folliculo do ar* he maior nos ovos daquellas aves, que fazem os seus ninhos na terra, e cujos filhos nascem ja empenados, e são capazes de exercer os seus musculos, logo que sahem da casca, do que nos ovos daquellas, cujos ninhos são construidos nas arvores, e cujos filhos nascem cegos e dezinparados. Assim os *folliculos* nos ovos das galinhas, perdizes, &c. são de huma consideravel extensaõ, em quanto os que se achão nos ovos dos pardaes, pombas, &c. são mui pequenos. Os pintos, portanto, das galinhas, e perdizes tem mais perfeitas pennas, e maior aptidaõ para mover-se, do que os filhinhos das pombas e pardaes. Exemplo tal do effeito da oxygenação em promover e augmentar a potencia muscular, não he unico em physiologia; por quanto a historia dos animaes ruminantes nos fornece semelhantes exemplos. “Os seus cotyledones,” observa o author da *Zoonomia*, parecem designados a expandir huma maior superficie, onde terminaõ os vasos *placentaes*, para receberem a oxygenação dos *uterinos*; assim a prole desta classe de animaes, he mais completamente formada, antes da sua nativi-



dade, que a das classes carnivoras. Bezerros, e cordeiros podem andar poucos minutos depois de nascer, entre tanto que os gatinhos e caensinhos ficam muitos dias sem abrir os olhos.

Se mais provas forem precisas, para mostrar que o augmento da energia muscular he o resultado de huma perfeita combinação do oxygenio com os orgaos animaes, podem trazer-se muitos factos em confirmação desta verdade. Nos geralmente achamos que o vigor dos animaes he proporcional á extensão do seu thorax: daqui huma attenção ao "*animosum pectus*" tem acompanhado o melhoramento das nossas crias de gado; e he em consequencia da grande extensão dos receptaculos pneumaticos, que as aves podem exercer os prodigiosos esforços musculares precisos para voar. Não he provavel tambem, que as repetidas suspirações dos fatigados sejaõ esforços de instincto para buscar porção maior de oxygenio, que reviva a sua energia muscular? Eu não devo deixar este objecto, sem noticiar hum facto mui curioso assas conhecido a todo o que se emprega em objectos de creação,—que se a extremidade obtusa de hum ovo se furar com a ponta de huma agulha a mais fina (estratagemas que a malicia muitas vezes suggere) o seu processo generativo se suspende, e elle morre como o *ovo subventaneo*. Isto fez suspeitar a Busick Harwood, que o fluido elastico contido no folliculo do ovo era oxygenio, e me induzio a investigar a sua natureza. Pode este curioso problema rezolverse, suppondo que o ingresso constante de ar novo, seria demasiado estimulo? Hum exemplo semelhante se pode tirar do reino vegetal em apoio desta opiniaõ. A nova e tenra planta, antes de lancar raizes, he muitas vezes destruida por ter mui livre communicação com a atmosphaera, pela qual os seus poderes saõ exauridos: he para obviar tal effeito, que o horticultor ensinado pela experiencia a cobre com o vidro, com que limita a extensão da sua atmosphaera, e consequentemente diminue a sua respiração, transpiração, e as acçoens dezordenadas, que lhe seriaõ fataes.

Rematarei este papel com algumas observaçoens sobre a formação do *involucro* exterior, ou casca, que de-

fende este microcosmo de violencia externa. Nos descobrimos aqui huma simples operaçãõ, correspondendo a hum tempo aos mais sabios e importantes fins do animal. Ella remove do individuo a destruiçãõ, e contribue essencialmente para a conservaçãõ da sua especie ; por quanto, ao passo que separa a materia calcarea, que deixando-se accumular, obstruiria os voos d'ave, e desfaria o melhor fim da sua existencia, fornece ao germe do futuro animal huma forte e conveniente defeza. Os ovos das ave saõ, com tudo, destituídos algumas vezes desta provizaõ, que eu penso proceder da secreçãõ da materia calcarea não hir a passo da exuberante produçãõ dos fluidos do ovo. Daqui nasce a imperfeiçãõ que muitas vezes observamos nas aves fortes e nos mezes da colheita, quando he mais nutriente e abundante a sua comida. As experiencias de Vauquelin, que provaõ, que a quantidade de materia calcarea despejada pelas aves, excede a que tomaõ, suggerio a Fordice, que as aves durante o choco requerem materia calcarea, sem a qual não se pode formar a casca do animal. Esta theoria, com tudo, não so he derogatoria da sabedoria da Natureza, mas illegalmente deduzida das mesmas experiencias. Podemos nos esperar, dos imperfeitos conhecimentos que temos sobre os elementos dos corpos, explicar a origem de todas as substancias, que se achaõ na economia animal, ou as series de mudanças que soffrem? A Natureza tem o seu proprio laboratorio, e pode sem soccorro alheio preparar os ingredientes necessarios para as suas producçoens. Que a falta de materia calcarea no systema he a cauza da auzencia da casca, ninguem pode negar; mas que isso depende de alguma circumstancia interna, e não da privaçãõ da cal, se mostra pelo seguinte facto. Huma galinha, que eu guardava para algumas experiencias, tinha as pernas quebradas em duas partes. A fractura foi cuidadosamente ligada; tres dias depois, se acharãõ em caza varios ovos destituídos da casca. A galinha não tinha posto ovos perfeitos, nem havia outra ave donde aquellas gemas procedessem; conjecturei por tanto que a materia cal-

carca destinada para a formação de casca tinha sido empregada na regeneração do osso. Achamos exemplos desta lei na especie humana. A reuniao de hum osso fracturado durante a gravidez de huma mulher he muitas vezes retardada athé ao parto, e he hum factio sabido, que se os galhos de hum veado se quebrarem durante o cio, elle não he capaz de procreação.

## ESTABELECIMENTO

Para a propagação da Vaccina mandado crear na Corte do Rio de Janeiro por S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor.

O DESANIMADOR effeito, que, o folheto publicado em Londres pelo Dr. Heleodoro Jacinto de Araujo Carneiro contra a pratica da Vaccina, produziu n'algumas partes de Portugal, nos obrigou a solicitar de muitos e mui dignos Professores Portuguezes factos, e observaçoens, que nos esclarecessem sobre hum objecto de tanta importancia, e de que temos fallado em os No. 6. e 7. do nosso Jornal. O author daquella obra avança que o *Continente da Europa, assim como as suas differentes Colonias nas outras partes do Globo, que tanto á risca tem seguido esta mania da inoculação da Vaccina, haõ de certo ter experimentado, e soffrido os mesmos danos, e projuizos, que a Inglaterra,* (pag. 110, e 111.) E bem que não possamos inda produzir circumstanciadamente os progressos da Vaccina no vasto Imperio do Brazil; temos com tudo o prazer de apresentar aos nossos Leitores o seguinte mappa publicado no appendix á excellente Gazeta do Rio de Janeiro No. 80. Por elle se verá que naquella Corte se creou por ordem de Sua Alteza Real hum Estabelecimento para a propagação da Vaccina, sustentado á custa da Real Fazenda, dirigido pelo Cirurgiaõ da Real Camara Theodoro Ferreira de Aguiar debaixo da inspecção do Fizico Mor do Reino, e Conquistas, e do Intendente Geral da Policia. Neste Regio Estabelecimento acharaõ os nossos leitores huma nova prova entre milhoens de outras, da Paternal Beneficencia de Sua Alteza Real, que não satisfeito com ter dado o exemplo Mandando Vaccinar Seos Augustos Filhos, quer que esta bençaõ

do Ceo se estenda a toda a classe dos seus feis vassallos. Neste Regio Estabelecimento veraõ os nossos leitores que a Vaccina, longe de ter cahido em discredito na America, tem conservado a sua reputação: d'outra sorte era impossivel que o Primeiro Medico de Sua Alteza Real propozesse hum tal Estabelecimento; nem os particulares, principalmente os Senhores de escravos sujeitariaõ á inoculação da Vaccina, seus filhos, e seus servos.

“Desvelando-se sempre Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor em promover tudo o que pode ter o fim de augmentar o Bem Publico, e a Felicidade dos seus Vassallos; fez logo em Portugal traduzir e publicar a Obra de Jenner sobre a Vaccina, e incumbio a Theodoro Ferreira de Aguiar, seu Cirurgiao da Camara; que a praticasse na Casa dos Expostos; mandando ao mesmo tempo que se vaccinasse nas Provincias, e nos Regimentos, e a fez introduzir nas Ilhas.

Em 1804, proseguindo Sua Alteza Real no mesmo plano de beneficencia, mandou a Vaccina para a Capitania da Bahia, para o que cooperou o Brigadeiro Inspector das Milicias da dita Capitania, Felisberto Caldeiras Brantes Pontes, enviando a Lisboa escravos, que a viessem reproduzindo pela viagem, a fim de chegar em toda a sua energia. Naquella Capitania se entrou pois a praticar a vaccinação debaixo das vistas e direccoens do Medico José Avelino Barbosa, e dali se espalhou para as mais Capitancias, e mesmo para Angola.

Aportando Sua Alteza Real ao Rio de Janeiro, achou extincta a Vaccina, e em seu lugar huma materia que não produzia os efeitos desejados, e tocado seu terno Coração de tamanha desordem, sabendo que havia bom puz na Bahia, dali o Mandou ultimamente vir, e organizou com despeza da sua Real Fazenda o util Estabelecimento desta practica, de que foi servido encarregar ao seu Cirurgiao da Camara Theodoro Ferreira de Aguiar debaixo da inspecção do Fysico Mor do Reino, e do Intendente Geral da Policia. O resultado do Estabelecimento vê-se do Mappa seguinte.”

1804	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1805	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1806	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1807	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1808	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1809	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1810	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1811	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1812	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1813	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1814	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1815	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1816	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1817	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
1818	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35																																																																	

# M A P P A

DOS VACCINADOS COM A MATERIA QUE VEIO DA BAHIA,  
desde o dia 17 de Janeiro ate ao ultimo de Maio do presente anno de 1811.

Mez.º.	Dias.	Branços.	Pardos.	Indios.	Pretos.	Séxo.		Marcha da Vaccina.	Verdadeira.	Falsa, ou Spuria.	No. dos em que não pegou a Vaccina.	No. dos vaccin. que não voltáraõ para serem observados.	No. dos vaccin. em cada mez.	Observaçãõ.
						M.	F.							
Janeiro.	17	1					1		1					
	21	1					1		1					
	22	3	1				2	2	3		1		10	
	25	1		1			2		1					
	29	2					2		2					
Fevereiro.	5		1		1	2		2	2					
	6	1	1				2	2	2					
	13	2			7	6	3	8	8		1		36	
	21	2	1		4	3	4	7	7					
	22	6	5		5	9	7	12	12		4			
Março.	7	3	1		6	4	6	10	10					
	14	1	3		12	13	3	15	15					
	17	4			15	12	7	16	16	1	1			
	21	5	3		23	27	4	23	23		1		165	
	24	4	1		18	15	8	19	19	1	3			
	28	7	1		36	40	4	26	26	1	17			
Abril.	31	4	2		14	15	5	14	14		3	3		
	4	5	1		54	49	11	47	47		4	9		
	7	5	2		30	32	5	30	30		7			Tres vaccin. tive- raõ bexigas natu- raes, hum no 2. dia da vaccinaçaõ, outro no 7., e o ultimo no 10. dia
	11	3			22	20	5	19	19		1	5		
	14	4	2		23	24	5	19	19		10		255	
	18	2	4		10	12	4	6	6		6	4		
	21	9	3		28	25	15	23	23		3	14		
	25	5	4		12	13	8	10	10	1	5	5		
28	5	2		20	18	9	13	13		13	1			
Maio.	2	3	3		14	12	8	14	14		3	3		
	5	4	1		22	24	3	10	10	1	6	10		
	9	2	3	1	34	30	10	21	21		13	6		N. B. Vaccináraõ- se 123 escravos de S. A. R., o Principe Regente N. S.
	12	6	3		22	24	7	10	10	2	14	5		
	16	8	5	1	28	29	13	27	27	1	5	1	385	
	19	10	7		51	48	20	28	28	1	19	10		
	23	15	4		39	39	19	13	13	2	16	27		
	26	7	3		47	40	17	19	19		8	30		
	30	3	8		31	27	25	14	14		16	12		
<b>Total.</b>		<b>143</b>	<b>75</b>	<b>3</b>	<b>628</b>	<b>620</b>	<b>229</b>	<b>485</b>	<b>485</b>	<b>11</b>	<b>190</b>	<b>155</b>	<b>849</b>	

Theodoro Ferreira de Aguiar.

## CORRESPONDENCIA.

---

SE ja tivemos o gosto de annunciar em nosso Journal o plano para o estabelecimento de huma Bibliotheca Publica na Cidade da Bahia, temos hoje o redobrado prazer de publicar, que hum Estabelecimento taõ util, e que tanta honra faz ao zelo, actividade, e patriotismo do Governador, e Capitão General daquella Capitania o Ex<sup>mo</sup>. Conde dos Arcos, a todos os habitantes da Bahia em geral, e em particular ao zelozo, e esclarecido redactor daquelle Plano—o Snr. Pedro Gomes Ferraõ Castellobranco ; hum Estabelecimento taõ util, dizemos nos, se acha ja em pratica desde o dia 4 de Agosto proximo passado. O Despota ama a ignorancia, e o erro ; persegue, e detesta as luzes ; hum Principe Legitimo, Justo e que só faz consistir sua gloria na felicidade de seos vassallos, detesta a ignorancia, e o erro ; ama, e protege as luzes, porque sabe que sem ellas não pode haver civilizaõ, nem prosperidade, nem verdadeira moral, nem costumes. Não era pois possivel que S. A. R. deixasse de approvar taõ util Instituiçaõ: approvou-a : não se contentou com preciozos, e animadores elogios : deo o Collegio que foi dos Jesuitas, o qual tem a necessaria capacidade, e precisas commodidades para hum vasto Estabelecimento desta natureza.

No dia 4 de Agosto se fez a abertura da Caza com o Discurso que vamos transcrever, e que achamos mui digno, e appropriado ao assumpto, e occasiaõ ; e naquelle mesmo dia se declarou Publica a Bibliotheca, que ja conta acima de quatro mil volumes, e começou a ser frequentada pelas Pessoas amigas da Literatura, e Sciencias.

## DISCURSO

Recitado na Sessão da abertura da Livraria Publica da Bahia no dia 4 de Agosto de 1811, por seu author Pedro Gomes Ferraõ Castellobranco.

A ILLUSTRE Graça que S. A. R. concedeo a esta Cidade de poder usar da Typographia, já felizmente estabelecida na Corte do Rio de Janeiro, concorrendo com diversas circumstancias tambem favoraveis á Instrucção dos Habitantes do Brazil, fez com que mais vivamente se sentisse a necessidade de huma Bibliotheca Publica, onde as Pessoas dadas ao Estudo das Sciencias por Curiosidade, ou Profissão podessem achar os Monumentos da Literatura Antiga, e Moderna.

Este o motivo porque o nosso Actual Governador o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, sempre attento aos Interesses do Estado, e particularmente á felicidade dos Povos desta Capitania, desejando ampliar os Beneficos effeitos d'aquella Magnifica, e Liberal Mercê, tomou a si dar principio ao Estabelecimento da Bibliotheca, cujo Plano, se fez já publico, por meio da Imprensa, depois de ter sido approvado por Sua Excellencia, e proxivamente por S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor.

Sem este soccorro, seria impossivel, não digo só, fazerem-se progressos, mas até darem-se com segurança os primeiros passos em qualquer dos immensos ramos das Artes, e Sciencias, e muito particularmente no Estudo das Sciencias Naturaes, a Physica experimental, a Chimica, a Botanica, a Historia Natural, que ainda estao por nascer, e apenas são conhecidas de nome no Paiz, que a cada passo offerece as maiores riquezas á aquelles, que as souberem conhecer, e aproveitar.

Huma Nação privada de Luzes, sem o menor conhecimento destas Sciencias tao agradaveis, como necessarias, entregue só a huma rotina cega, e imperita não pôde ter Commercio, nem Fabricas, nem Agricultura: ella merece antes o nome de hum Ajuntamento de Barbaros, que de Povo Civilisado: elle será a Prêza da miseria, e de todos os vicios, que a acompanhão, assim como do primeiro Ambicioso, que a quizer Conquistar. A maneira do Viajante em Paiz estranho os seus passos são incertos, e o seu Espirito tao perplexo em difficuldades que para ella são perdidos os Theouros, que a Natureza lhe apresenta.



Felizmente, que por meio da Estampa, e da Typographia, as Descobertas, Invençoens, e Melhoramentos no vasto Mappa do saber Humano, podem facilmente reunir-se em Bibliothécas, d'onde como de pura Fonte saiaõ a fertilisar os nossos Campos, a polir os nossos costumes, e a promover todas as virtudes, que constituem o Cidadão honrado, Beneficentia do Soberano, e da Patria.

He por esta razão, que desde a mais remota Antiguidade os Grandes Principes se tem empenhado em formarem ricas Bibliothecas. A dos Ptolomeos em Alexandria chegou a conter o extraordinario numero de setecentos mil volumes, cujo preço era entãõ exorbitante.

As obras de Aristoteles compradas a Neléo; a Biblia traduzida em Grego pelos 72 Interpretes, mandados por Eleasar, custarao sommas immensas: tudo achavaõ pouco aquelles Principes para a Grandeza dos seus Reinos, e Instrucção dos Povos.

Trajano, Constantino, Carlos Magno, Nomes para sempre respeitaveis, todos deraõ grandes desvellos ao Estabelecimento de Bibliothecas, em diversas partes dos seus vastos Imperios.

Colberto na França, activo sempre em tudo quanto elle julgava conducente á riqueza, e esplendor do Reino de Luiz XIV., estabeleceo Correspondencias por toda a Europa, para este fim, e fez vir do Levante os melhores Manuscriptos nas Lingoas, Grega, Arabe, e Persa.

Os Senhores Reis de Portugal, Illustres Predecessores de S. A. R. o Principe Regente N. Senhor. naõ tem poupado despesas para as erigirem distinguindo-se entre todos Sua Augusta Mai, a Senhora D. MARIA I., na Fundação da Bibliotheca Publica da Cidade de Lisboa.

Paizes naõ menos novos, e incultos, que o nosso devem talvez ao Estabelecimento de Bibliothécas publicas os rapidos progressos, que tem feito na Civilisação, e riquezas.

A America Ingleza, onde huma grande parte dos Habitantes inteiramente attenta a objectos d'interesse immediato, mal podia lembrar-se de applicaçoes literarias, e o pequeno numero d'aquelles, que tinhãõ inclinação aos estudos, naõ a podiaõ satisfazer, por falta de Livrarias, em circumstancias bem análogas ás nossas, considerou como hum successo summamente importante, e util o Estabelecimento da sua primeira Bibliotheca publica.

Pelos annos de 1731, Franklin lançou os primeiros Fundamentos da que presentemente existe com o nome de Companhia da Livraria de Philadelphia, a qual havendo começado com o pequeno numero de 50 Subscriptores, continha já no anno de 1806 oito mil volumes sobre todas as materias, hum Appa-

rato Filosofico, e huma Collecção bem escolhida de Curiosidades naturaes, e artificiaes, possuindo para sua conservação, e augmento consideraveis Bens de raiz que lhe tem sido doádos. Esta Instituição generosamente animada pelos Amigos da Litteratura na America, e na Gram-Bretanha, tem sido geralmente approvada, e o seu exemplo seguido com a mais benefica influencia sobre aquelles Póvos,

Pouco importa a Censura d'aquelles, que concentrados em hum desgraçado Egoismo, têm por estranho o bem da Humanidade, ou que doendo-se da propria ignorancia contaõ por contrarios os que promovem as Sciencias, e por inuteis os Bens, que se não podem afferrolhar em Cofres. Esses mesmos gozarão da felicidade, que se lhes prepara nestas Regioens agrestes. Talvez alguns, em cujas veias corre ainda o sangue dos Detractores de Collombo, tenham achado a liberdade, a paz, e as riquezas n'aquelle mesmo Mundo, que os seus Avós consideravaõ chimerico. A Posteridade dos que hoje mofaõ dos nossos esforços gozará tambem do fructo delles.

Sigamos pois o exemplo dos Póvos illuminados, que por toda a parte tem estabelecido Bibliothecas públicas: he nellas, que ao lado das Descobertas dos Modernos, se vem as Produççoens dos Genios de todas as Naçoens, e de todos os Seculos, a Sabedoria, e experiencia dos Povos. Nellas he que existem, como Contemporaneos os Lycurgos, os Socrates, os Ciceros, os Ozorios, os Camoens, á maneira de outros tantos Luzeiros, a patentearem os Caminhos, que só podem conduzir os homens a viverem na Posteridade.

Os Arcanos que a natureza só revelou aos grandes homens, aos grandes esforços, e ás meditaçoens mais profundas, e aturadas dos Newtons, dos Copernicos, e de outros Genios Immortaes, se patenteaõ á menor applicação dos novos Litteratos, por meio dos seus escriptos, reunidos nas grandes Livrarias. Tudo quanto tem enriquecido as Naçoens Civilizadas, os Instrumentos das mais altas Sciencias, e das Artes mais humildes, os seus usos, e applicaççoens, tudo nellas se encontra. Junto aos Thelescopios de Herschel, e á prodigiosa Máquina Filatoria de Arkwright se achão as descripçoens da Charrua, e do Fuso.

Ellas offerecem hum ponto de reuniaõ aos Amadores das Artes, e Sciencias: Conferindo em commum sobre as suas duvidas, communicando os seus pensamentos, elles fazem progressos, que jámais se poderiaõ ter conseguido na reclusão dos Gabinetes, e privaçoõ de taes soccorros. As ideas adquiridas com a Leitura, e com a Sociedade saõ o germen de quasi todas as descobertas, saõ como o ar, que se respira, sem pensarmos, e a que devemos a vida.

He verdade que as Artes tem sido praticadas, e até melhoradas por pessoas inteiramente ignorantes dos Principios, de que ellas dependem: com tudo as suas descobertas tem sido accidentaes, e as suas operaçoens vagarosas, e embaraçadas. Os mais experimentados devem confessar a incerteza com que procedem, e as difficuldades, que a cada passo encontraõ, para calcularem com segurança o resultado dellas. Esta incerteza he perfeitamente removida quando se sabem os Principios da Arte. O conhecimento delles he para os Artistas o mesmo que a Moeda para o Mundo Commercial; da lhes força, confiança, e hum firme apoio; e faz com que possaõ consideravelmente estender a Esphera da sua utilidade, e os seus progressos.

Longe de nós a idéa de que as Sciencias saõ inuteis a pratica das virtudes, e aos commodos da vida. Ella he só digna do Barbaro, que sobre as chammas da Livraria de Constantinopla fez lançar, por assim dizer, as liberdades, a industria, e as virtudes dos infelices Gregos. Aquelle Povo, cujos Sabios saõ ainda hoje os Oraculos do Universo, cujos Heroes saõ o Modello das virtudes Civis, e Sociaes, não offerece agora aos olhos do Viajante afficto, senão as Cadeas, que arrastão, a mizeria que os anniquilla, e a estupidez que até os faz insensiveis á sua propria desgraça. Mas ah, que a Grecia não he mais o Assento das Sciencias, o Paiz das Livrarias!

E como sem o estudo dellas se daraõ a conhecer aos Povos os Principios da Moral, e da Religião, os Deveres do Cidadão para com o Principe e com a Patria, os do Pai, do Filho, e dos Esposos? Remontemos neste proprio Paiz ao tempo da sua Descoberta: que digo eu? Examinemos agora mesmo os costumes das Naçoens Barbaras, que ainda o habitão: nos não acharemos de certo entre elles, nem Philosophos, nem Livrarias, mas veremos o homem, que devora o seu semelhante, veremos o Filho, que por hum atroz Principio de Piedade dá a morte ao desgraçado, que o gerou, veremos guerras interminaveis, huma vida miseravel, huma nudez immunda, e a crapula mais nojosa.

Se as Produçoens da Asia vem augmentar os commodos da vida aos habitantes da America, he ao Sabio que inventou o Astrolabio, que o devemos; Se ao abrigo das nossas Casas zombamos das inclemencias do tempo, nós o devemos aos principios da Architectura, que as edifica, e aos da Chimica, que tem sabido combinar materias para dar forma, e transparencia ao vidro: se das entranhas da terra extrahimos os metaes, sem que não dariaõ passo á riqueza, e Civilisação dos Povos, he tambem ás operaçoens Chemicas, que o devemos. Em huma palavra a Natureza está por toda a parte

trabalhada pela Arte. Desapareção os trabalhos dos Sabios, eo homem não sera mais, que hum Authomato, semelhante aos Brutos.

Graças ao Soberano, que nos Rege, e ao Seculo em que vivemos: não temoss a temer tão desgraçada sorte. Os principios de Commercio, os mais liberaes, que brilhao na nova Legislação do Brazil; a Natureza indagada por toda a parte; as Fabricas, que se levantaõ; as Escolas, que se fundao, e os Sabios animados nos fazem esperar os tempos mais felices. Nelles ver-se-hao os habitantes desta bella porção do Universo na posse do que presentemente só do Estrangeiro podem esperar: as suas bellezas seraõ gozadas, as suas preciosidades justamente apreciadas.

O Amor das Sciencias, a Gloria de tudo quanto he util, farao desaparecer as disposicoens lethargicas, em que o Brazil tem sido sepultado. Animados de nobres sentimentos os seus habitantes se juntaraõ ao redor do Templo da Fama: elles se esforçaraõ por serem tambem contados na linha dos Grandes Genios, que tem honrado a Natureza. A verdade, e a utilidade seraõ os fortes vinculos, que uniraõ os Individuos, e talvez, que em pouco tempo vejamos ser o grito universal, que o Caminho, que conduz as Sciencias he o Caminho da felicidade.

O presente Estabelecimento de huma Bibliotheca, que tao appropriado parece a estas lisongeiras esperanças, tem o seu Nascimento debaixo dos melhores Auspicios, havendo já concorrido para elle o nosso Excellentissimo General não so com a sua Approvação, mas tambem com generosa subscrição de dinheiro, e Livros, e com todas as Providencias, e auxilios necessarios. O nosso Excellentissimo Prelado, cujas luzes, e virtudes tanto resplendem com geral proveito dos que tem a fortuna de constituirem o seu Rebanho, he tambem hum dos nossos Subscriptores, assim como hum grande numero das Pessoas mais conspicuas, liberaes, e intelligentes desta Cidade, as quaes todas devem ser consideradas, como outros tantos Bem-feitores da Humanidade, e deste Paiz.

O objecto desta Sessão he emendar-se o Plano, aprovar-se o Regimento, e nomearem-se os Officiaes da Casa, o que tudo pertence aos Senhores Subscriptores na forma declarada no mesmo Plano.

Disse.

## MEMORIA

## Inedita do Conde Lippe sobre a Campanha de Portugal em 1762.

Na primavera de 1762 entraraõ os Hespanhoes na Provincia de Tras os Montes em numero de 1,800 homens de tropas ligeiras, commandados pelo Coronel O Reiley: elles occuparaõ Miranda, Bragança, Chaves, Torre de Moncorvo. Mr. De O Hara dispoz os paizanos de tal maneira nas vizinhanças do Doiro, que elles disputaraõ a passagem deste rio a huma forte partida do Corpo de Mr. O Reiley, junto de Villa nova de Foscoa. O rio he naturalmente de mui difficil passagem: as tropas de Mr. O Reiley nao o poderaõ passar, como tentaraõ, para ir fazer correrias na Beira. Mr. De O Reiley reenrou em Hespanha por Alcanissal, depois de ter evacuado as praças da Provincia. Os inimigos deixaraõ unicamente guarniçaõ em Chaves; praça que Mr. de la Croix, Governador da Galiza, mandou occupar por hum destacamento de tropas da sua Provincia. Mr. o Coronel O Reiley foi unir-se ás tropas Hespanholas, que principiavaõ a juntar-se nas vizinhanças de Cidade Rodrigo: parece que o fim de sua invazaõ em Tras os Montes tinha sido o reconhecêr esta Provincia, e as margens do Rio Doiro.

A Provincia do Minho estava protegida por 8 regimentos Portuguezes, e 6 Companhiaes francas de cavallaria debaixo das ordens do Marquez de Marialva.

O Conde Reinante de Schaumbourg Lippe chegou a Lisboa no principio do estio. Sua Magestade Fidelissima fez-lhe a honra de lhe conferir o commando em chefe de seos exercitos, dos quaes o nomeou Marechal, e Director Geral, com extensissimo poder: Sua Magestade o Rey da Grã-Bretanha confiou-lhe taobem o commando em chefe das tropas Inglezes, que mandava em soccorro de Portugal. Estas tropas consistiaõ em 6 batalhoens, hum regimento de Dragoes ligeiros, e 8 companhiaes de artilharia.

O Marechal Conde de Oriola, Baraõ d'Alvito tinha estado ate á chegada do Conde Reinante Schaumbourg Lippe, encarregado do commando de todas as tropas Portuguezas. Este Fidalgo foi entaõ chamado para a Corte, onde elle secundou, quanto poude, seu successor, e deo hum raro exemplo de grandeza, desprezando todo o ciume, e sacrificando os sentimentos de ambiçaõ privada á gloria de escutar somente

os de fidelidade, e obediencia ao Rey, e de zelo pelo bem da Patria.

O exercito combinado de França, e Hespanha unio-se pelo meado Julho nas vizinhanças de Cidade Rodrigo: o numero effectivo deste exercito pasava de 42,000 homens, com hum trem de 93 peças de artilharia de Campanha: estas tropas estavão bem armadas, e fornecidas de tudo, bem como o Parque.

Como nos era preciso deixar hum corpo em o Norte do Reino, por cauza das tropas Hespanholas, que estavão na Galiza; e como era igualmente necessario deixar guarniçoens nas fatalezas mais expostas: não restava, para oppor áquelle poderozo exercito dos inimigos mais doque 14, ou 15 mil homens, quando muito, incluzas as tropas Inglezas. Sabe-se, que alem desta inferioridade em numero, as circumstancias da maior parte de nossas tropas exigiaõ, que esta campanha fosse dirigida por principios differentes dos ordinarios: em lugar de fazer servir o local, e as situaçoens para secundar as operaçoens das tropas: o local, e os obstaculos naturaes deviaõ considerar-se como formando os principaes meios de defenza, e fora das conjuncturas particulares: o emprego essencial das tropas se limitava a reforçar a proposito, e a fazer combater em nosso favor estas vantagens.

Huma parte do exercito passou o Coa a 23 de Julho, apoderando-se, sem dar hum tiro, de Castel-Rodrigo, Castello mui forte por sua situaçoão, e de todos os postos que lhe convinhão para formar o sitio de Almeida. A margem occidental do Coa; e os postos fortes somente estavão guarnecidos com paizanos: em Castel-Rodrigo havia muniçoens, e artilharia.

Almeida he hum hexagono quasi regular: as obras, seos prefis, e a contrascarpa são revertidos de grossa pedra lavrada; os fossos são seccos, mas profundos; os bastioens planos, e espaçozos: ha diante de todos os poligonos meias-luas; circunda a Praça huma boa estrada coberta: em suas vizinhanças não ha lugares, que a dominem, de que a Praça não possa facilmente garantir-se: ha na villa hum castello de pedra maciça, cercado de profundos fossos: este Castello não pode ser batido, senão depois de tomada a villa: hum dos bastioens he cazamatado a prova de bomba, e nelle se podem alojar mil homens. Durante o sitio o Governador meteo ali as Religiozas, e deixou perecer os soldados nas suas cazernas esmagados pelas bombas: a guarniçoão era composta de 2 batalhoens do Regimento de Almeida, de 100 cavallos do Regimento de cavallaria do mesmo nome, do Terço dos Auxiliares, das companhias franças, e de arti-

lheiros, o que tudo formava perto de 3,000 homens: mas erao recrutas novas, huma consideravel parte das quaes desertaraõ da Praça desde o principio do sitio pela negligencia, ou consentimento do Governador. Havia na Praça huma boa provizaõ de artilharia, de muniçoens de guerra, e de bocca. Mr. de Mailcané, actualmente Marechal de Campo, official de hum grande merito, tinha sido mandado para Almeida a fim de ajudar o Governador (D. Alexandre Palhares) com seos conselhos; mas elle não foi ouvido.

Tendo os inimigos, como fica dito, passado o Coa, o Marechal Conde Reinante de Schaumbourg Lippe julgou necessario juntar as tropas Portuguezas, que ate entaoõ tinhaõ estado espalhadas em quarteis distantes, e descobertos na Estremadura, Alemtejo, e Beira baixa. Depois de algumas difficuldades reuniraõ-se 7,000-homens no campo d'Abrantes a 9 d'Agosto. O Regimento de Dragoeus do Brigadeiro Borgoyne foi açontonado no Sardoal, os 6 batalhoens Inglezes chegaraõ pouco depois a Punhete.

Posto que a tomada de Almeida pareceo desde entaoõ inevitavel com tudo o Marechal Conde Reinante de Schaumbourg Lippe rezolveo-se a fazer alguns esforços, que ainda que a nao salvassem, retardassem, ao menos, sua perda. Este objecto não podia executar-se marchando para Almeida: não só era de recear, que esta praça se rendesse antes que o nosso pequeno exercito chegasse ás suas vizinhanças por cauza da longitude, e difficuldades de huma semelhante marcha, sem armazaens em paizes aridos, e por caminhos quasi impraticaveis; mas principalmente porque nao havia a menor esperança de poder, inda vencendo aquelles obstaculos, fazer com as nossas pequenas forças, a menor tentativa contra o exercito inimigo, para levantar o sitio da Praça.

Havia lugar de presumir, que a intençaoõ dos inimigos era de invadir o Alemtejo, depois da tomada de Almeida, cuja execucaoõ tinhaõ ate entaoõ differido, por cauza da grande sêcca desta Provincia, que não tem agoa nos mezes de estio. Havia 3 ou 4 mil homens de tropas Hespanholas acantonadas em muitas povoaçoens, e aldeas entre o Tejo, e o Guadiana principalmente nas vizinhanças d'Alcantara, nesta cidade, e Rio Sabor; começava-se a formar por ali armazaens; tinha-se ja estabelecido muitos interpostos de muniçoens de guerra, e de bocca em diversos lugares da Estremadura Hespanhola; e comboys de toda a especie cobriaõ incessantemente a grande estrada entre Badajoz, e o exercito; que sitiava Almeida. Os inimigos estavaõ nesta Provincia na mais perfeita segurança, não suspeitando, que no estado, e distancia, á que

nos achavamos se podesse conceber a idea de alguma impreza contra elles.

Fundado nas informações que tinha, do descuido dos inimigos, o Marechal Conde Reinante de Schaumbourg Lippe concebeo a esperanza de achar facilidade, e meios de tomar huma parte destes quartéis dispersos, destruir, ou apoderar-se de algum armazem, cortar o caminho aos comboys, interrompendo a communicacão de Badajoz, Merida, e Casseres com o exercito do inimigo, reanimar entre nos os espiritos, transportando, ao menos por algum tempo, para a Hespanha, huma parte do theatro da guerra, e obrigar o inimigo a destacar do seu exercito algumas forças contra nos. O conseguimento destes diversas objectos não só teria affroixado as operaçoes contra Almeida; mas o projecto da invazão do Alemtejo teria sido consideravelmente desarranjado nesta campanha: era com tudo para reccar, que se Almeida se rendesse, antes que nossa empreza contra os quartéis da Estremadura se realizasse, o inimigo avançasse em força para o Porto, ou Coimbra. Não se ousava pois aventurar a entrada na Hespanha, sem deixar consideraveis corpos em estado de segurar as passagens principaes ate que, segundo a necessidade, se podesse ali occorrer com maiores forças. Para este effeito o Marechal deo ao Tenente General Tounshend o commando de 7 batalhoens Portuguezes do batalhão de Lambert Inglez, do Regimento de cavallaria de Moura, e dos voluntarios Reaes, compostos de homens, e cavallos escolhidos de todos os Regimentos Portuguezes por Mr. Hamilton, Coronel, que foi declarado chefe deste Regimento composto de 600 homens, dois terços dos quaes era infantaria. Este corpo de exercito tinha 10 peças de campanha do Parque Portuguez, e hum pequeno destacamento do Regimento de Dragoens de Mr. Borgoyne. Tendo o Marquez de Marialva sido chamado para servir no exercito; as tropas na Provincia do Minho forão taobem postas debaixo das ordens do General Tounshend, como hum destacamento commandado pelo Major General *Vrary*.

A primeira posição do General Tounshend foi nas vizinhanças de Vizeu. Este General reforçou-se algum tempo depois com 4 batalhoens, e com o Regimento de Dragoens de Chaves, e com o corpo das tropas do Minho, debaixo das ordens do Lord Lenox, Brigadeiro. Mr. Hamilton teve ordem de occupar o Castello de *Celorico*, cujas fortificaçoes se restabelecerão. O Marechal de Campo Conde de Santiago foi destacado com 2 batalhoens do campo de Abrantes; e tendo-se reforçado com o Regimento de Cavallaria de Bragança, e com o de Penamacor em Castello Branco, recebeu or-



dem de marchar logo para as vizinhanças da Guarda para cobrir a Beira-baixa contra as incursoens, e fazer transportar para a retaguarda na entrada da Estremadura Portugueza, os Carros, trigos, forragens, e o gado que se achasse na Beira em alcance do inimigo.

Quatro Regimentos Inglezes, que estavam esperando de Lisboa huma parte de suas equipagens, ficaraõ junto de Abrantes, ponto central para dali se marchar, e acudir aonde mais urgisse. O Marechal Conde Reinante de Schaumbourg Lippe escreveu ao Governador d'Almeida, para que fizesse sahir os habitantes da Villa, a fim de prolongar os viveres, e tornar inutil o bombardeamento, ordenando lhe que não escutasse propozicão alguma para se render, em quanto se não abrisse no corpo da Praça huma brecha capaz de dar passagem a 30 homens em frente, e praticavel com sua communicacão; decidindo-se a entregar-se, ou a sustentar o assalto geral, conforme o estado de seos entrincheiramentos interiores, e segundo a guarnição naquelle periodo, não estando ainda nesta epoca o sitio da Praça apertado. Esta Carta foi entregue a tempo ao Governador, que em nenhum ponto a cumprio.

O Marechal General Conde Reinante de Schaumbourg Lippe teve cuidado de fazer reparar, e prover Salvaterra, Castello fortificado á moderna, vantajozamente situado sobre rocha viva junto do Erge, que por este lado marca a fronteira entre a Estremadura Hespanhola, e a Beira: havia ali 10 peças, 300 homens, muniçoens, viveres, e agoa. Este posto importante para a entrada da Beira assegurava taobem a direita, e a retaguarda do corpo de tropas do Conde Santiago: o Commandante deste Castello (Grasiano Palha) teve ordem de se defender ate á ultima extremidade, e ate que se abrisse huma brecha praticavel. Feitas estas dispozicoens, o Marechal General mandou as mais apertadas ordens ás fronteiras do Alemtejo para que se redobrasse o cuidado a fim de prender aquelles que quizessem passar as fronteiras para ir a Hespanha, pretextando o Marechal a evazão de hum homem suspeito de ter correspondencia com o inimigo: esta ordem era acompanhada dos signaes desta pertendida personagem.

Mr. de Borgoyne, tendo passado o Tejo a 24 de Agosto de manhã na ponte, que tinhamos estabelecido ao pe do Castello d'Abrantes, tinha ordem de marchar com a maior parte do seu Regimento, e 16 companhias de Granadeiros, seis das quaes erao Inglezas, desfilando pela estrada de Vilha-Velha, como para ir repassar ali o Tejo, e ir juntar-se ao Corpo do Conde Santiago, o que era provavel, sendo este caminho

mais facil, que o de Sobreira—formosa; e marchar depois com o maior segredo, e presteza possivel por—Castello de Vide para Valença, onde, segundo as noticias, o inimigo formava hum armazem de trigo, e forragem, guardado por 60 homens somente: depois de ter incendiado, ou tomado estas provizoens, o Corpo de Mr. de Borgoyne estava destinado para marchar rapidamente sobre Celorico, e S. Vicente, tomar ou destruir 5, ou 6 companhias acantonadas, marchar depois para a ponte de pedra, e passagem de la Hevera para cortar a communicacao de huma parte dos acantonamentos com Badajoz: 17 Batalhoens Portuguezes, e 4 Regimentos de Cavallaria passárao o Tejo a 24; mas 6 horas mais tarde doque se lhes tinha ordenado. Este corpo, que formava o grosso do nosso exercito, devia marchar para as fronteiras de Hespanha entre Montalvam, e Castello de Vide, e penetrar naquelle Reino, pouco mais ou menos no mesmo tempo, em que Mr. de Borgoyne occupasse Valença, e depois de ter tomado, ou disperso as tropas acantonadas em Mombrio, Herera, e Carvajal, devia marchar para o Rio Sabor a fim de encobrir o projecto formado contra Alcantara, e as tropas nas vizinhanças de las Brocas, mandando ao mesmo tempo destacamentos em todas as direcçoens necessarias para executar o que estava projectado. Mas tendo-se feito com grande irregularidade as distribuçoens de pãe e de forragem, os 21 Regimentos chegárao a Gaviao extenuados de fome e de fadiga, e a cavallaria ja não podia marchar. Gaviao era hum dos lugares indicados, muito de antemaõ, ao Commissariado dos viveres para o estabelecimento de hum depozito de viveres, e de forragem: contava-se com isso para refrescar ali as tropas, e continuar a marcha depois d'algumas horas de repoizo: mas nem em Gaviao nem perto dalli se achou alguma especie de provizaõ para alimentar as tropas: e este contra tempo extraordinario junto ás demoras, e embaraços de todo o genero, fez com que o exercito não chegasse a Niza, senão a 28: de Niza eraõ precisas duas marchas para entrar em Hespanha, e era preciso concertar alguns caminhos.

Mr. de Borgoyne tinha executado a primeira parte da sua commissao com hum successo, a certos respeitoes, alem do que se podia esperar: porque, ainda que se não achasse algum armazem em Valença, o acazo quiz que as 5 companhias do Regimento de Sevilha, que se julgavaõ em S. Vicente, tivessem chegado no dia 26 a Valença, onde tinha taõ-bem chegado hum Marechal de campo com huma escolta de 40 dragoens. Mr. de Bourgoyne entrou de improvizo em Valença á frente da Cavallaria, acutilando as guardas, e os

que fazião alguma resistencia nas ruas : sua infantaria forçou as cazas donde se atirava sobre a tropa. O Marechal de Campo, bem como o Coronel muitos Officiaes, bandeiras, e 150 ou 200 soldados è dragoens foraõ tomados, sendo o resto morto, ou disperso. O Marechal de campo chamava-se D. Miguel Rumberry e Valanza : elle tinhá vindo dormir a Valença, para no dia seguinte reconhecer as entradas do Alemtejo. Os habitantes prestarao juramento de fidelidade a Sua Magestade Fidelissima, e se obrigárao a contribuiçoens, que pagárao depois em trigos.

Não tendo o grosso das nossas tropas podido entrar em Hespanha, á tempo, os inimigos o tiverao para se retirar de seos quarteis, e recolher-se a Alcantara, Albuquerque, e Badajoz. Lizongeando-se o Marechal que segundo as ordens que tinhaõ chegado ao Governador de Almeida, esta Praça se conservaria ao menos ate 14 de Setembro ; julgou que não devia inteiramente abandonar o projecto d'entrar em Hespanha, apezar do tempo que tinhamos perdido ; e as tropas deviaõ marchar de Niza para diante, quando se recebeu a inesperada noticia da entrega d'Almeida. O Governador tinha capitulado a 26 de Agosto, estando os inimigos ainda na sua primeira parallella, tendo as bombas destruido somente algumas cazas, tendo as baterias produzido pouco effeito contra as nossas fortificaçoens, e devizando-se a penas as obras do inimigo a huma distancia de 250 toezas.

Foi bom ter deixado 4 Regimentos Inglezes junto d'Abrantes. Achando-se estas tropas fornecidas de todo o necessario para se transportarem com promptidaõ, receberam ordem de marchar com toda a rapidez possivel para as margens do rio Alva na Ponte da Murcella, para nos assegurar a junção com o Tenente General Tounshend na Beira Alta ; movimento, cuja prompta execucao era tanto mais necessaria, quanto era indubitavel, que os inimigos se tinhaõ apoderado do Castello de *Celorigo* que tinha sido abandonado, dois dias depois da tomada d'Almeida. O posto de *Celorigo* franqueava ao inimigo a grande estrada de Coimbra, e interrompia a communicacao de nossas tropas entre a Beira Alta, e a Beira Baixa. O Marechal Conde, tendo deixado Mr. de Borgoyne encarregado de cobrir a fronteira entre Portalegre, e Villa Velha, depois de o ter reforçado com o Regimento Inglez de Crawford, com o de Infantaria de Olivença, e com o de Cavallaria de Sampaio, fez voltar as tropas acampadas em Niza para o campo de Abrantes. Estas tropas foraõ postas em *echellons* com os 4 Regimentos Inglezes desde Abrantes por Cabassos, e Foz d'Aronce até ás

margens do Alva na Ponte da Murcella, para estarem promptos a tomar aquelle partido, que as circumstancias tornassem necessario, segundo o primeiro movimento decizivo do exercito inimigo.

O Conde de Santiago teve ordem de se conservar o mais tempo possivel na Beira Baixa. Este corpo de tropas devia, segundo a necessidade, retirar-se para os desfiladeiros da cordilheira de altas montanhas, que existem entre o Zezere, e o Tejo, desde Sebola, e Cevilha ate Villa Velha, a fim de segurar as passagens principaes, sobre tudo a de Sobreira Formosa, contra os destacamentos inimigos, que poderião querer penetrar na Estremadura, e incommodar nossas communicações com Abrantes, entre tanto que o exercito se achava em *echellons* em differentes Brigadas entre o Mondego, e o Tejo, como fica dito.

Alguns dias depois da tomada d'Almeida o exercito inimigo avançou duas legoas pela estrada de *Celorico*. O Marquez de Saria, que commandava o exercito Gallo-Hispanico entregou o commando ao Conde d'Aranda, e pouco depois este exercito, deixando o caminho de *Celorico*, marchou em muitas divizoens pela sua esquerda para Sabugal, e Penamacor; huma columna marchou para Hespanha tomando a estrada de Alcantara. Este movimento pareceo decizivo, e o Marechal Conde não duvidou entao, que o grande objecto dos inimigos fosse entrar no Alemtejo com todas as suas forças, que era o que mais tinhamos que temer, e a que parecia mui difficil obstar. Durante esta marcha houve huma escaramuça em Sabugal, onde nossos Voluntarios Reaes tentaraõ entrar, mas forao repellidos com alguma perda.

O Commandante de Salvaterra apezar das mais precizas ordens de se defender ate á extremidade, entregou esta fortaleza á primeira intimação, e antes que as tropas inimigas estivessem á vista da Praça. O Commandante de Segura fez o mesmo; mas era desculpavel, porque não tinha meios de resistir. Este duas fortalezas faziaõ os inimigos senhores do Erge, e lhes asseguravaõ a communicação direita com Alcantara, e vizinhanças de Castello-Branco, onde todo o exercito Gallo-Hispanico se reunio no meado Setembro. Logo que o Marechal Conde soube dos movimentos do exercito inimigo pela esquerda, quando abandonou as vizinhanças d'Almeida, para se aproximar ao Tejo, elle mandou contra-marchar, para se reunirem junto d'Abrantes, as tropas que estavaõ postas em escala entre o Tejo, e o Mondego: e presumindo que os inimigos hiao incessantemente atacar o Alem Tejo com as suas maiores forças, o Marechal Conde mandou

ordem ao Tenente General Tounshend, que se aproximasse ao Tejo, para poder juntar-se ao grosso de nosso exercito. Este General tinha de fazer longas, e penozas marchas para chegar perto d'Abrantes, porque tendo avançado para o Coa depois das primeiras marchas do exercito Gallo Hispanico, se achava nas vizinhanças de Pinhel, quando recebeu aquella ordem. My Lord Lenox ficou junto de Almeida para observar a guarnição, e algumas tropas inimigas que tinham ficado nas fronteiras do reino de Leão, mas que pouco depois se forço juntar a seos exercitos. Lord Lenox tinha debaixo de suas ordens 4 Regimentos de Infantaria Portugueza, os restos do Regimento de Cavallaria d'Almeida, os Dragoens de Chaves, e o corpo de Voluntarios Reaes commandados por Mr. Hamilton : o General Tounshend marchava com 7 regimentos de Infantaria Portugueza, e o de Lambert, e hum regimento de cavallaria por Celorico, Ponte da Murçella, e Cabaços para Barca de Codos.

O Marechal General, que tinha pessoalmente seguido, e observado a marcha do inimigo na Beira Baixa, vendo que o seu exercito em vez de continuar sua marcha para Alcantara para passar o Tejo, se reunia em Castello Branco; julgou que tentaria a passagem do Tejo em Villa-Velha. Phelippe V. tinha-o ali passado com o seu exercito; e se o inimigo o conseguisse, as praças fronteiras no Alemtejo serião cercadas, e no estado em que se achavaõ, cahiriao infallivelmente todas, em poucos dias, nas maõs dos inimigos. Elles ja não tinham as difficuldades da natureza contra si, teriao toda a facilidade de subsistir, e achando se em hum paiz aberto, o nosso exercito, tao inferior, nao poderia fazer-lhe frente. Hia perder-se todo o Alemtejo, quasi toda a Estremadura Transtagana, e mesmo o Algarve. As margens do Tejo depois de sua junção com o Seve ate o lugar, em que a estrada de Castello Branco para Niza atravessa este rio na passagem de Villa-Velha, tem muitas circumstancias mui vantajozas para defender a sua margem meridional; de sorte que pela difficuldade das margens o inimigo, conduzindo-se de huma maneira ordinaria, se acha reduzido a o unico ponto de Villa-Velha para passar ali em corpo de exercito. O Marechal Conde fez marchar Mr. de Borgoyne para occupar esta passagem com ordem de fazer observar, ao mesmo tempo, o Seve com o maior cuidado, para segurar sua direita, que, pela sua nova posição junto da margem meridional do Tejo, era a unica parte por onde parecia verosimil que se podesse emprehender seriamente alguma coiza contra elle. Mr. Borgoyne fortificou sua posição na margem do rio servindo-se de todas as vantagens locaes : estabeleceo baterias

que descobrião a estrada que passa defronte entre as faldas da montanha de Villa-Velha, e a margem septentrional do Tejo, formando hum desfiladeiro longo, e estreito ate o lugar da passagem: mais abaixo para o Poente de tras da montanha, que tira seu nome de Villa-Velha, está hum oiteiro em cuja summidade está o Castello de Villa-Velha edificado no tempo dos Moiros: he hum máo recinto de muralhas, de espessura desigual, e menor de tres pez. O accesso para este Castello he difficil; e nao se pode sem grandes difficuldades collocar artilharia nas alturas vizinhas para o bater. Esta dobrada montanha de Villa-Velha está na extremidade da cordilheira de montanhas de que acima se fallou: esta cordilheira he contigua á Serra d'Estrella, serra tao elevada, que ali se acha neve em todo o estio. De Villa-Velha tirando para o Norte nao se acha, n'huma extensao de 18 legoas, para atravessar estas montanhas, senao duas estradas (e estas mui mas.) Huma destas passa de Sarzedas a Sobreira Formoza: e a outra pela montanha de S. Simao. A primeira divide-se em duas depois de ter passado na Cortiçada; e estes dois ramos se reúnem em Abrantes: a segunda conduz á passagem do Zezere, atravessando por Ouleiras, e Certan: estes caminhos conduzem para Lisboa por Santarem.

Tomadas assim as medidas para nos oppormos á passagem do Tejo em Villa-Velha, era de presumir, que depois de o terem tentado inutilmente, os inimigos se rezolvessem a voltar para Hespanha a fim de passar em Alcantara, e dela para o Alemtejo; menos, que lizongeados com a idea de ir em direitura á Capital, e receando (conforme tudo o que tinhaõ publicado) a vergonha de huma manobra retrograda com forças tao superiores, elles nao proferissem o tentar a passagem das montanhas para marchar para Abrantes, e para as passagens do Zezere pelos caminhos, que ficao apontados; o que nao era improvavel, parecendo os inimigos pouco instruidos no local. Este ultimo partido nao só era o menos perigozo para nos; mas podia-se taobem esperar, que os inimigos ali se consumissem, porque huma vez metidos naquellas montanhas estereis entre o Tejo, e o Zezere, nao podendo passar nem hum, nem outro destes rios (porque a natureza das margens do primeiro oppoem, naquellas vizinhanças, ainda maiores difficuldades, que em Villa-Velha, nem ha estrada que ali conduza; e porque o segundo corre entre rochedos escarpados absolutamente impraticaveis, á excepcao de algumas passagens estreitas, e faccis de guardar;) elles deviaõ achar-se nao só reduzidos a grandes extremidades pela falta de subsistencia, visto que a Beira nao podia

fornecer-lhe nem viveres, nem carros; mas taobem os trabalhos a que hiao ser obrigados para se mover em hum paiz tao aspero, nao podiaõ deixar de augmentar a desercao, e as doencas; e tudo isto sem poder avançar se quer, ate a Abrantes, por cauza das pozicoens singularmente fortes, que nestas vizinhanças atravessaõ caminhos, que para ali conduzem.

O Marechal Conde Reinante de Schaumbourg Lippe achou pois conveniente para determinar, e rezolver o inimigo ao ultimo dos dois partidos, deque se acaba de fallar, fazer occupar as montanhas entre S. Simaõ, e Villa-Velha de huma maneira, que parecesse aos inimigos que nos era muito importante o defender seriamente a passagem, e a entrada da Estremadura, mas que ao mesmo tempo lhes deixasse entrever *alguns fracos*, que d'alguma sorte os convidassem a tentar a sorte.

O Corpo de tropas Commandado pelo Conde de Santiago, que depois da chegada do exercito inimigo para ca de Castellobranco, nao podia por mais tempo sustentar-se naquella parte da Beira, teve ordem de repassar em Alvito, e veio occupar as passagens desta torrente, atravessando a estrada, que vai para Sobreira Formosa. A passagem de S. Simaõ foi occupada por hum destacamento de 300 homens ás ordens de hum Major. Outro destacamento da mesma força foi postado no desembocadoiro de Perdigao, e hum Tenente Coronel do Regimento de Faro chamado Silva com 500 homens do Regimento de Aveiras, estava encarregado da defeza do castello e das alturas de Villa-Velha: tornou-se impraticavel hum caminho de almocreves, que passa de Sarzedas para Sobreira Formosa, por Alvito ao pe da Serra de Venda do lado do Norte: o posto que occupava o Conde de Santiago com 1,000 homens, 200 cavallos, e 8 peças de canhão, he forte pela frente, e pela sua direita, em quanto se está senhor das alturas de Perdigao, e de Villa-Velha, e de huma passagem ordinaria do Creza junto da confluyente desta torrente com a de Alvito: mas elle podia ser atacado pela sua esquerda. Fizeraõ-se pois ali alguns máos redutos de huma terra secca misturada com muita pedra. Estes postos deixavaõ entre si ao longo das montanhas mui grandes intervallos; estas montanhas verdadeiramente nao sao atravessadas por algum caminho; mas posto que muito altas, sao quasi por toda a parte accessiveis á infantaria que as pode com pequeno trabalho atravessar.

O grosso de nosso exercito veio acampar-se em Macam\* para parecer que se approximava a fim de sustentar os postos nas montanhas, mas na realidade para se pôr em estado de fazer marchar destacamento para assegurar a retirada das tropas collocadas nas montanhas de S. Simao, Alvito, e Villa-Velha, quando fosse occaziaõ, bem como para ganhar tempo, disputando o terreno ao inimigo o mais possível, quando se vissem mais seriamente travados. O exercito nao se approximou mais áquellas montanhas, por que segundo o que fica dito bastava que estivesse perto de Macam; e por outra parte ainda se nao tinha o que era necessario para avançar e estabelecer huma communicacão solida com Mr. de Borgoyne, e com o Alemtejo, de que o Tejo nos separava; porque era preciso abrir novos caminhos para chegar ao rio, e os bateis empregados para a ponte de Abrantes nao podião navegar mais acima, por cauza da natureza do fundo: nao se ousava por tanto afastar-se muito d'Abrantes, unica passagem por onde podiamos marchar para o Alemtejo a fim de defendermos suas fronteiras, no cazo que o exercito inimigo contramarchando de Castellobranco para reentrar em Hespanha se resolvesse ainda ao primeiro dos dois partidos, deque acima fallamos.

O Conde d'Aranda destacou do exercito acampado em Castellobranco hum corpo de quasi 600 homens, que veio postar-se junto de Villa-Velha approximando-se por destacamentos ao rio Tejo, de frente dos postes de Mr. de Borgoyne sobre a margem meridional, e sendo ali o rio pouco largo davaõ-se tiros de hum, e outra parte. Os inimigos sondarãõ o Tejo em muitos lugares, estabelecerãõ baterias, donde canhoneavaõ de tempos em tempos as tropas de Mr. de Borgoyne, na esperanza de o obrigar a desguarnecer as margens, mas a canhonada quasi nao produzia algum effeito naquelle terreno desigual, senãõ nos parapeitos das contrabaterias, e de algumas pequenas obras. Hum corpo inimigo de 4,000 homens se avançou pela estrada real de Castellobranco, e veio acampar-se sobre as alturas entre Sarzedas e Montegordo de frente do posto que o occupava o Conde de Santiago entre Venda, e Ferreira junto d'Alvito.

Hum 3.º corpo inimigo de 2 a 3,000 homens se acampou de frente da garganta de S. Simao occupada por 300 homens commandados por hum Major. Os inimigos convencidos, depois de diversas tentativas, e pelo conhecimento da difficuldade que tinhaõ para desalojar Mr. de Borgoyne do posto,

\* Nao conhecemos terra ou sitio algum em Portugal assim chamado, apesar do conhecimento que temos de todo o Reino; e reccamos que seja hum erro do Copista.



que occupava, rezolverão-se a tentar, e abrir as entradas das montanhas para marchar para Abrantes, e as passagens do Zezere: reforçaraõ consideravelmente os corpos de suas tropas em Sarzedas defronte de S. Simão. O Conde de la Torre que commandava em Dergier (\*), fez passar 600 homens em Alvito, para se por em estado de cercar o flanco esquerdo das tropas do Conde de Santiago: outro forte destacamento se avançou para as gargantas de S. Simão para as reconhecer em força, atacando os nossos postos avançados.

A maior parte das tropas inimigas nas vizinhanças de Villa-Velha se adiantaraõ para as montanhas, e atacaraõ as alturas do segundo oiteiro occupadas, bem como as muralhas do Castello, por hum batalhaõ do Regimento d'Aveiras; este ataque dirigia-se ao cume dos rochedos guardado por 80 homens deste batalhaõ, commandados pelo Major De Bassemont do corpo de Engenheiros. Este posto foi defendido contra grandes forças, durante mais de cinco horas, não podendo os inimigos lá chegar senaõ engatinhando: finalmente chegáõ, soffrendo alguma perda, ao alto da montanha em muitos pontos. Mr. de Borgoyne podendo communicar pelo Tejo com o Castello de Villa-Velha hia fazer reforçar Mr da Silva com algumas companhias de Infantaria Ingleza; mas no momento em que chegavaõ, soberaõ que Mr. da Silva acabava de se entregar prisioneiro com toda a sua gente. Estando os inimigos senhores do posto do Major de Bassemont, o Castello de Villa-Velha estava debaixo do alcance de mosquetaria, e não podia conservar-se em seu estado actual: mas Mr. da Silva podia evitar o entregar-se prisioneiro de guerra com a sua gente, porque havia entaõ ali hum vão estreito no Tejo, onde Mr. de Bassemont passou, e se foi juntar a Mr. de Borgoyne. A perda da altura de Villa-Velha trazia necessariamente apos de si a das alturas de Perdigaõ, e os 300 homens, que ali estavaõ foraõ obrigados a abandona-las.

Tendo visto o Marechal Conde Reinante de Schaumbourg Lippe que os inimigos se reforçavaõ consideravelmente defronte de S. Simão, e do corpo de tropas do Conde de Santiago, tinha reforçado este General com dois batalhoens Portuguezes, tirados do campo de Macam. A disposiçaõ, e os movimentos de 3. corpo de exercito que os inimigos tinhao feito avançar, bem como seos trabalhos em concertar a estrada que vai ter a Sarzedas, e os repetidos avizos que se recebia de Castello Branco, fazendo conhecer que tudo estava prompto para a entrada dos inimigos nas montanhas, o Mare-

\* Repetimos o mesmo que ja dissemos na antecedente nota.

chal Conde fez marchar alguns regimentos do Campo de Macam para Cardigas, e mandou ordem a My Lord Lowdon, que avançasse com quatro regimentos de Infantaria Ingleza adiante de Sobreira Formoza junto ás alturas de Falhadas; a fim de segurar a retirada de nossas tropas para Cortiçada Cardigas, e Macam; retirada, que se tornava mui critica, porque o Conde tinha julgado não dever retirar as tropas do Conde de Santiago, e os postos dependentes, senão mui tarde, com o receio de que os inimigos as não carregassem em seos movimentos. O corpo postado junto de Moito achava-se, depois da tomada das alturas de Villa-Velha, cercado por seos dois flancos, e tinha de conduzir 8 peças de artilharia por caminhos mui asperos. Os inimigos depois da tomada de Villa-Velha passarão aquella cadeia de montanhas em Porto Cabrao com 6,000 homens. A 3. de Outubro, ao romper o dia o Marechal Conde retirou das vizinhanças de Alvito as tropas do Conde de Santiago; os 4 regimentos Inglezes ficaram sobre as alturas das Falhadas ate que os regimentos Portuguezes se achavam ja perto de Sobreira Formoza, e que as obras do posto do Conde de Santiago se demoliram: os piquetes dos 4 regimentos Inglezes, 50 homens tirados de cada hum destes regimentos, 6 companhias de Granadeiros, 50 Dragoens Inglezes, e 24 Portuguezes, com 8 peças de canhão dos regimentos Inglezes, fazião a retaguarda. O corpo de tropas inimigas acampadas em Sarzedas, que tinham abatido as barracas desde que amanheceo, avançava á medida que as nossas se retiravam pelo caminho, que vai a Sobreira Formoza o qual depois de descer de huma altura, passa, n'hum pequeno espaço, por entre duas altas colinas assas approximadas para formar hum valle estreito. Junto ás 5 horas depois do meio dia, quando nossas ultimas tropas desciam da altura, que occupavam para entrar no valle, os inimigos avançaram rapidamente, e seos Miqueletes espingardearam de perto 50 cavallos, que fechavam a marcha: dois batalhoens forcejaram ao mesmo tempo para occupar a colina que fica á esquerda do desfiladeiro, atacaram os piquetes, que ali cobriam o flanco da marcha, e houve alguns tiros. Adiantando-se os inimigos tambem em força, e rapidamente para as alturas vizinhas, o Marechal Conde fez promptamente contramarchar os 4 regimentos Inglezes, que precediam a retaguarda, para embaraçar que os inimigos se apoderassem da colina, donde nos teriam incommodado muito. Occultando por algum tempo o cume da montanha este movimento aos dois batalhoens, que subiam para desalojar dela os piquetes, elles ficaram tao espantados da subita apparição

dos regimentos Inglezes, que quando o primeiro foi visto marchando rapidamente para elles com as espinguardas ao hombro, os dois batalhoens inimigos tornarao a descer a montanha com a maior precipitaçao para se irem juntar ao grosso de suas tropas: atirou-se sobre elles algumas descargas de artilharia. O Corpo dos inimigos que marchava sobre as alturas, que nos acabavamos de abandonar, fez alto: nos continuamos a occupar a altura com huma partida da retaguarda ate á entrada da noite, e nossa marcha não foi mais incommodada.

(Continuar-se-ha.)

## LISTA

Dos Livros que se publicaraõ ou annunciaraõ no mez de Janeiro de 1812.

### ARCHITECTURA.

Prospecto Historico das Antiquidades Ecclesiasticas de França, a fim de illustrar o nascimento e progressos d'architectura Gothica na Europa. Pelo Rev. G. D. Whittington, 8vo. Real. preço 12s.

### BIOGRAPHIA.

Biographia Moderna; ou, Vidas da pessoas notaveis, que se distinguiraõ desde o principio da Revolucao Franceza athé ao tempo prezente. Traduzida do Francez. 3 vol. Svo. preço 11. 11s.

### ECONOMIA DOMESTICA.

Exercicios Mechanicos; ou, Elementos e Practica de Carpentaria, Merceneria, officio de Pedreiro, Ladrilhador, Telhador, Ferreiro, Pintor, Torneiro, &c. Contendo huma plena descripcao dos instrumentos pertencentes a cada officio, e explicacao dos termos d'arte. Com 29 estampas. R. Nicholson. 8vo. preço 18s.

Collecção de Debuxos, para armação de Cazas, e Decoração Interior da maneira a mais approvada, gosto e elegancia, com varios Debuxos para Quartos, Geometricos e em Perspectiva, &c. Com 138 estampas, elegantemente gravadas em aquatinta. Por George Smith, armador extraordinario de Sua Alteza Real o Principe de Gales. 4to. preço 4l. 14s. 6d. o illuminadas elegantemente 7l. 17s. 6d.

### DRAMA.

O Drama Inglez Moderno; ou Seleccion das melhores peças uzadas prezentemente no Theatro Inglez. Em 5 grossos, 5l. 10s.

### EDUCAÇÃO.

Contos Verdadeiros: ou interessantes Anecdotas de Meni.

nos : designadas por meio do exemplo a inculcar principios de virtude e piedade. Preço 2s. 6d.

Observações sobre o systema de Educação de Mr. Lancaster em que se expoem os erros e defeitos de seu modo de tuição. Por William Fell. Preço 2s.

## GEOGRAPHIA.

Novo Atlas Moderno de Pinkerton, Numero IX. contendo Mappas da Russia Europea, Nova Grenada e Possessoens Hespanholas em o Norte da America. Preço hum guineo.

O Gazetteiro das Ilhas Britanicas; ou, Dictionario Topographico do Reino Unido; contendo a descripção de cada Condado, Cidades, Villas, Aldeas, Parochias, Castellos, Quintas de Nobres, &c. na Gram-Bretanha e Irlanda. Por Benjamin Pitts Camper, illustrado com 46 Mappas Novas. Preço 1l. 6s.

## HISTORIA.

As Chronicas de Enguerrand de Monstrelet; em que se contem huma noticia das crueis guerras civis entre as Cazas de Orleans e Bourgonha, da possessão de Paris e Normandia pelos Inglezes e sua expulsão; Historia interessante pelos factos que refere da historia Franceza, começada por J. Froissard no anno de 1400, continuada por outros athé 1516. Traduzida em Inglez por Thomas Johnes. Em 12 vol. hum de estampas. Preço 7l. 4s.

## MATHEMATICA.

Doctrina e applicação de Fluxoens; em que se contem novos melhoramentos sobre a Theoria, e a Solução de huma variedade de Problemas novos e interessantes em diversos ramos desta sciencia. Por Thomaz Simpson, revista e correcta por William Davis. 1 vol. em 8vo. Preço 16s.

## MEDICINA.

Nosologia; ou Doenças arranjadas em Classes, Ordens, Generos, e Species em exactas diffinições. Traduzidas do Latim de William Cullen, em 12mo. Preço 2s.

Transacções Medico-Cirurgicas, publicadas pela Sociedade Medica e Chirurgica de Londres. Em 8vo. com 8 estampas. Preço 16s. Volume Segundo.

Vade-Mecum Pharmaceutico, ou Companheiro Critico-ex-

- planatório da Nova Pharmacopea de Londres, para uzo dos estudantes e Practicos Novos. Por Hyde Mathio Brownne. 1 vol. em 8vo. Preço 7s 6d.
- Indagação sobre os Processos da Natureza em reparar lesões de Intestinos, em illustração do Tractamento das Feridas profundas e Hernia encarcerada. Por Benjamin Travers, em 8vo. com estampas, preço 13s.
- Observações Practicas sobre Dezordens do Estomago, com Ideas Novas relativas ao uzo da Bilis em promover a Digestão. Por George Rees. Preço 7s. Segunda Edição augmentada.
- Historia da Remittente de Walcheren, commecando com os seus progressos, e destruidores effeitos e concluindo na sua terminação favoravel effeituada pelo methodo proposto pelo Author á Legislatura, e Meza Militar, &c. com os phenomenos morbosos mostrados pela disseção. Por Thomas Wright. em 8vo. Preço 10s. 6d.

## BOTANICA.

- Ensaio sobre a Probabilidade da Sensação nos Vegetaes, com observações addicionaes sobre o Instincto, Sensação, e Irritabilidade, &c. Por J. Perchard Tupper, Socio da Collegio Real de Chirurgia, e da Sociedade Linneana. Preço 5s.

## HISTORIA NATURAL.

- Conchologia, ou Historia Natural das conchas, contendo hum novo arranjo de generos e especies, illustrada com estampas illuminadas, e incluindo as ultimas descobertas. Por George Perry, em 1 vol. em folio. Preço 16 guineos.

## NOVELLAS.

- Os filhos de Altringham. Por Alicea Tyndal Palmer. Em tres volumes. Preço 18s.

## LITERATURA ORIENTAL.

- As obras de Confucio; contendo o texto original, com a Tradução, a que vem junta huma dissertação sobre a lingua Chinezza, e caracter. Por J. Marchman. N'hum volume em 4to. Preço 5l. 5s.

## POEZIA.

- A Cadea Poetica ; ou varios Poemas Moraes, Sentimentaes, e Descriptivos sobre objectos familiares e interessantes. Por Mrs. Ritson, elegantemente impressos n'hum volume, em 8vo. preço 3s. 6d.
- A Campanha do Egypto ; Poema, em celebração do valor das Forças Navaes e Militares da Gram Bretanha, empregadas na expedição do Egypto. Por Constantino Williams. 1 vol. em 8vo. preço 10s. 6d.

## THEOLOGIA.

- Prospecto Christão de todos os primitivos acontecimentos, e periodos do mundo, desde o principio da Historia athé a concluzão das Prophecias. 1 vol. em 8vo. Preço 7s. 6d.

## MISCELLANEA.

- Encyclopedia de Algibeira ; ou Diccionario d'Artes, Sciencias, e Literatura, compilado dos melhores Authores. Por E. A. Kendal e outros. Com 48 bellas estampas para illustração da Historia Natural e outras Sciencias. Edição elegante em 4 volumes de algibeira. Preço 1l. 4s.
- Traços de Historia, Politica, e Costumes. Tirados em Dublin, e Norte da Irlanda, no outomno de 1810, em 8vo. Preço 8s.
- Pantalogia ; comprehendendo huma serie completa de Ensaios, Tractados, e Systemas, alphabeticamente arranjados ; com hum Diccionario Geral d'Artes, Sciencias, e Palavras ; apresentando huma vista clara do Genio, Industria e saber Humano. Por J. Mason Good, F. R. S. Olinthus Gregory e Mr. Newton Bosworth, de Cambridge, e outros. Esta obra conterá des volumes em 8vo. Real. Preço 6s.
- A Encyclopedia de Edinburgo ; ou Diccionario d'Artes, Sciencias, e varios ramos de Literatura, Conduzido por David Brewster. Preço 18s.
- A Sentinella ; ou Appellação para o povo de Inglaterra, em que se apresentao conjecturas sobre o rapido crescimento do Sectarismo ; sua tendencia moral e politica, &c. com algumas observaçoens sobre Predica Evangelica. Em e

Fora da Igreja. Por hum Advogado da Pureza Evangelica.  
Preço 5s.

Ensaio sobre os bons effeitos que se podem tirar nas Indias Occidentaes Britanicas, da Abolição do Negocio da Escravatura; incluindo huma indagação sobre a prezente Politica Insular daquellas colonias. Por Stephen Gaisford, em 8vo. Preço 7s.

O Collector; contendo huma serie de Ensaios periodicos, selecta e arranjada de papeis nao incluidos no ultima Edição dos Ensaistas Britanicos. Com huma introdução e Notas. Por Nathan Drake, Author das Horas Literarias, &c. Em 4 vol. 8vo. Preço 2l 2s.



# POLITICA.

## BRAZIL.

### RIO DE JANEIRO.

Na excellente Gazeta do Rio de Janeiro de 16 de Outubro proximo passado achamos hum artigo, que mostra com a maior evidencia os Paternaes Desvelos de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor, e as Suas Grandes Vistas, que só tem por mira a Publica Felicidade, o Bem de seos Vassallos, em cujos coraçoens impera. He para nos hum bem doce dever o termos de transcrever para o nosso Jornal hum artigo taõ interessante ; e os nossos leitores imparciaes sentirãõ, quando o lerem o mesmo prazer sincero, e puro, que nos temos em o copiar, e que todo o Portuguez, que ama cordialmente a Gloria do seu Soberano, e o Bem da sua Nação, deve necessariamente experimentar.

“ POR autoridade superior diz a citada Gazeta, se communica ao Publico que se receberam informaçoes do habil, intelligente, e activo Governador de *Matto Grosso*, pelas quaes consta, que continuando a fazer os maiores esforços para executar as Paternaes, e Grandes vistas do Nosso Augusto Soberano, e avivar as communicaçoens do interior do vasto Imperio do *Brazil* por meio dos Grandes Rios que regaõ o interior, e daõ communicaçoens faceis com as Provincias Maritimas, tem tido a felicidade de ver naõ só avivada a Navegaçõ que de *Villa Cuyabá* vai ao Rio *Madeira*, e dali pelo *Amazonas* ao *Pará*; mas que a Navegaçõ de *Ariños*, e *Topajaos*, que de *Cuyabá* vai para o *Amazonas*, e *Pará*, se acha demonstrada possivel, posto que por

ora as muitas cachoeiras do Arinos, e a grande quantidade de *Indio* bravo que habita as suas margens, não animem a estabelecer-se esta Navegação, tanto mais que a Navegação do Cuyabá para *S. Paulo* por varios rios terminando no Parana e *Ti-e-té* offerecem taes vantagens que os navegantes do Cuyaba preferem em geral a communicação com *S. Paulo* á que poderiao ter com o Pará. Para o fim de evitar nesta Navegação os Rios *Pardo*, e *Cochim*, que são muito trabalhosos, e perigosos, acaba este activo Governador de ordeuar huma expedição, que descendo o Rio *Cuyabá*, deve entrar pelo Rio *S. Lourenço*, e subindo por este, deve entrar na sua margem esquerda no Rio *Pesqueira*, subir ate ás suas cabeceiras, e procurar o melhor Varador, e mais curta passagem deste rio para o Tucariu, e descendo esta, entrar no Parana, e dahi á foz do *Ti-e-té*, e segundo todas as informaçoes, que procurou, e obteve, espera que vencerá todas as difficuldades, e que deste Plano resultarão vantagens, que as pagaraõ com uzura pelos grandes interesses, que haõ de resultar para o Commercio, e felicidade dos Povos daquella *Capitania*, e de que brevemente podera aqui chegar á Real Prezença certa informaçõ pelo official, que foi encarregado deste descobrimento. Todos os leitores imparciaes, que conhecerem a importancia, e vantagens, que pode tirar o vasto Imperio do *Brazil*, das communicaçoes pelo interior dos seos Rios Navegaveis, podem julgar do que devemos ao Immortal e Benigno Soberano, que em tao poucos annos de rezidencia no *Brazil*, tem animado descoberto, e estabelecido as Navegaçoens de tantos Rios, que tem feito reconhecer, e se haõ de, ou não ser eternos os monumentos, que se haõ de exigir á sua felis Regencia, nos margens dos Rios *Madeira*, *Arinos*, *Topajos*, *Tocantes*, *S. Matheus*, *Belmont*, *Rio Doce*, e agora dos Rios, que facilitaõ a Navegação do *Ti-e-té*. Cita-se entre os Rios o *Amazonas*, porque he na feliz Regencia de *S. A. R.* que se praticou com Navios Grandes a Embocadura do Rio *Amazonas*, e se reconheceo, que era navegavel pelos mesmos ate huma grande distancia da sua mesma boca, o que para o futuro prepara para aquellas Provincias huma grande fonte de riqueza. Desta forma verá a posteridade, que são incalculaveis os beneficios, com que *S. A. R.* tem promovido a Felicidade Publica de seos Vassallos, que por tao justos titulos o adoraõ como *Pay*, e Restaurador dos Povos de todos os seos vastos Estados.”

## ALVARAS

## PROMULGADOS NA CORTE DO RIO DE JANEIRO.

- Alvara de 27 de Julho de 1811—Da creação das Villas do Cabo de Santo Agostinho, de Santo Antão, do Paõ de Alho; da Comarca de Pernambuco, com os officios respectivos, Termos, e Rendimentos.
- Dito—de 10 de Setembro de 1811—Estabelecendo nas Capitães dos Governos, e Capitancias dos Dominios Ultramarinos, Juntas para resolver aquelles negocios, que antes se expedião pelo recurso á Meza do Desembargo do Paço.
- Dito—de 18 do mesmo mez, e anno.—Permittindo o Emprazamento dos Baldios, ou pertencentes á Coroa, ou a Morgados, e Capellas, em beneficio dos Habitantes das Ilhas da Madeira, e Porto Santo, Açores, Cabo Verde, S. Thomé e Principe.
- Dito—de 18 do dito—e dito, Derogando o de 6 de Dezembro de 1755, e todos os mais relativos á prohibição, e restrição dos Commissarios volantes, e Homens de mar, para effeito de ficar livre a todas as classe de pessoas, que não tiverem prohibição, o commerciar nos generos, fazendas, e mercadorias que não forem vedadas, ou de Estanco Real.
- Dito—de 2 de Outubro do mesmo anno—ordenado que o pagamento da Siza das compras, e arremataçoens dos bens de raiz se faça da quantia, que se der á vista, e se continue a fazer das quantias que se forem dando em pagamento.
- Dito—de dito, e dito—Determinando que os Testamenteiros não possam fazer pagamentos aos Herdeiros, e Legatarios sem que primeiramente tenha sido paga a taxa ordenada no Alvara de 17 de Junho de 1809.
- Dito—de 21 do dito, e dito—Declarando, e ampliando o § 3. do Tit. X. do Liv. III. da ordenação a favor dos que achando-se auzentes por cauza de chamamento Real, ou empregados na Guerra, Embaixadas, ou Legaçoens, tiverem antes sido, ou forem depois chamados a Juizo.
- Decreto de 12 de Outubro de 1811—Mandando processar no Real Erario do Brazil annualmente huma folha das quantias legitimadas, pertencentes á Divida antiga,

pára se satisfazer aos proprietarios no fim decada anno a importancia de seis por cento, &c.

Carta Regia de 20 de Julho 1810, ao Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira; Despensando, a beneficio dos Habitantes da Ilha de Porto Santo no Alvará de 3 de Julho de 1766, e dando varias providencias, tanto a favor da cultura das terras, e praias, como das Pescarias.

---

### CARTA

Do Ex.<sup>mo</sup>. Conde de Linhares á Junta de Buenos Ayres.

Ex.<sup>mos</sup>. Sr.<sup>es</sup>.

Havendo constado na Augusta Presença de S. A. R. o Principe Regente Meu Amo, por officios do Governador, e Capitão General do Rio Grande, que se havia formado no Territorio á quem do Uruguay huma grande insurreiçãõ de Bandidos, que assolavaõ as Campanhas, e Territorio ate á costa do mar, commettendo insultos ate nos fronteiras da Capitania do Rio Grande; e que esta insurreiçãõ se achava protegida pela Junta Governativa de Buenos Ayres, em opposiçãõ ao Vice-Rey Elio, que opprimido pelos mesmos bandidos, havia reclamado o soccorro do mesmo Governador, e Capitão General. Ordenou-me S. A. R. que participasse a Vossas Excellencias que nem a Alliança que o une a S. M. Catholica, nem a segurança dos seus vassallos e Dominios, que deve proteger, lhe permittiaõ ver com indifferença atear-se nas suas fronteiras o fogo da guerra civil entre os vassallos de hum Soberano Vizinho, e Alliado, e que S. A. R. para evitar hum grande flagello, e para não ser obrigado a declarar-se, e a entrar nas questoes interiores dos Vassallos de hum Soberano Amigo, e Alliado, o que certamente nunca fará, sem a maior violencia, se via obrigado a propor a Vossas Excellencias, assim como ao Vice-Rey Elio, a Sua Mediaçãõ junto de S. M. C. e das Cortes, para que fazendo-se logo cessar todas as perturbaçoens, e insurreiçoens, particularmente á quem de Rio Uruguay, e estabelecendo-se o commercio livre em Monte Video, e Buenos Ayres, cujo bloqueio devia ser levantado, em consequencia de hum Armisticio geral, de ambas as partes se nomeassem commissarios, que debaixo da referida Mediaçãõ fossem tratar com a Regencia de Hespá-

nha hum accommodamento de que podesse rezultar o perfeito restabelecimento da tranquillidade Publica dos Povos, que formao o Vice-Reinado de Buenos Ayres, e que assim poderao gozar de toda a felicidade, consequente de hum Governo bem organizado, declarando igualmente, que se Vossa Excellencias nao quizerem adherir a estas justas propozicoens, que S. A. R. nao poderá deixar de auxiliar o Vice-Rey Elio, particularmente no que diz respeito ao restabelecimento da Paz no Territorio áquem do Uruguay; e que se o Vice-Rey Elio da sua parte recuzar este offercimento, que S. A. R. se julgará desobrigado de prestar-lhe soccorro algum, e assim o fará conhecer á Regencia de Hespanha; estando S. A. R. bem certo, que Vossas Excellencias, que ate aqui lhe tem mostrado toda a consideração, nao deixarao de dar-lhe esta nova demonstração de Amizade, e Confiança, que he toda em beneficio dos Povos, que regem; e que igualmente farao logo cessar as hostilidades, particularmente áquem do Uruguay, para que da sua parte mostrem o sincero dezejo, que tem do restabelecimento da Paz; esta ultima instancia, para a cessao das hostilidades, se manda agora fazer aos commandantes, que Vossas Excellencias possao ter nomeado áquem do Uruguay, para que o dezejado restabelecimento da Paz possa ter logo effeito.

S. A. R. ordenou-me igualmente que esta participação official fosse dirigida a Vossas Excellencias por hum Official Parlamentario, expedido pelo Governador, e Capitao General do Rio Grande, por cuja via espero receber a resposta de Vossas Excellencias, que levarei á Real Presença, aproveitando esta occasiao de renovar a Vossas Excellencias os sentimentos de perfeita estima, e alta consideração com que tenho a honra de ser.—De Vossa Excellencias. Mui attento, e seguro Servidor, Conde de Linhares—Excellentissimos Senhores Presidente, e Vogaes da Junta Governativa de Buenos Ayres.

Palacio do Rio de Janeiro em 22 de Abril de 1811.

### CARTA

Do Excellentissimo Conde de Linhares ao Vice-Rey Elio.

Ex<sup>mo</sup>. Snr.

Havendo participado a S. A. R. o Principe Regente Meu Amo o Governador, e Capitao General do Rio Grande, que se havia formado huma terrivel insurreicao de Ban-

didos áquem do Rio Uruguay, protegida pela Junta de Buenos Ayres, que infestavao ate ás fronteiras de S. A. R. ; e que havia quasi obrigado a V. Ex<sup>ca</sup> a fazer-se forte, e a limitar-se ás Praças de Montevideo, e Colonia ; e com pouco intervallo de tempo, havendo taobem S. A. R. recebido informação authentica de que V. Ex<sup>ca</sup> havia reclamado os soccorros do Governador, e Capitão General do Rio Grande. Ordenou-me S. A. R. que participasse V. Ex<sup>ca</sup>, que não obstante os bons desejos que S. A. R. tem de dar todas as provas de amizade, e de adhezaõ á Alliança de S. M. Catholica, que o Mesmo Augusto Senhor no estado actual das couzas, não julgava conveniente aos interesses de S. M. Catholica dar semelhantes soccorros na forma que V. Ex<sup>ca</sup> os pede, e que lhe parecia mais conveniente propôr a V. Ex<sup>ca</sup>, e á Junta de Buenos Ayres a sua Mediação, para que cessando desde logo todas as hostilidades entre os Vassallos de S. M. Catholica no Vice Reinado de Buenos Ayres, cessando o bloqueio maritimo da mesma cidade, estabelecendo-se o Commercio livre tanto em Buenos Ayres, como em Montevideo, conservando o Territorio áquem do Uruguay sujeito a V. Ex<sup>ca</sup>, e o Paraguay ao Governador Vellasco, assim como o resto á Junta de Buenos Ayres, se nomeassem commissarios para irem á Hespanha tratar com a Regencia e Cortes, o Systema de pacificação, que, sem violação dos Direitos de S. M. Catholica o Senhor Dom Fernando VII., podesse estabelecer-se a beneficio dos Povos do Vice Reinado; para cujo effeito Sua Alteza Real offercia a sua Mediação, que só tinha em vista o conseguir-se hum armisticio, durante o qual se podesse terminar felismente tao importante negocio; declarando taobem S. A. R. que se a Junta de Buenos Ayres não quizesse aceitar esta Mediação, então S. A. R., se julgaria obrigado a soccorrer a V. Ex<sup>ca</sup>, e que não cazo de que V. Ex<sup>ca</sup> não quizesse annuir a esta Propozição, que S. A. R. se julgaria totalmente desobrigado de soccorrer lo e assim o manifestaria ás Cortes, e Regencia de Hespanha. S. A. R. me ordenou que transmitisse a V. Ex<sup>ca</sup> esta Sua Real Rezolução por hum Official Parlamentario, que lhe ha de dirigir o Governador, e Capitão General do Rio Grande aquem S. A. R. ordena taobem, que proponha logo hum armisticio interino aos Commandantes da insurreição ás ordens da Junta de Buenos Ayres á quem do Uruguay, fazendo-os responsaveis de qualquer consequencia, que possa ter a continuação das hostilidades, em quanto não chegao as respostas dos officios, que S. A. R. manda dirigir a V. Ex<sup>ca</sup>. e a Junta de Buenos Ayres as quaes hostilidades o Governador, e Capitão General do Rio Grande fica authorizado para fazer cessar ate por meio de

força, e particularmente fazendo declarar aos Portuguezes, que servem na mesma insurreiçao, que os mandará prender, e castigar com toda a severidade das nossas Leis contra os que servem, e tomão armas sem licença do Soberano, contra hum Soberano Seu Amigo, e Alliado. Deste modo julga S. A. R. que se conseguira o grande fim de pacificar immediatamente o Vice-Reinado de Buenos Ayres, e que V. Ex.<sup>a</sup> tera a Gloria de segurar a felicidade desses Povos, que S. M. Catholica confiou ao seu cuidado, fazendo cessar o terrivel flagello de huma Guerra Civil, que no momento actual se apresenta debaixo de hum aspecto pouco favoravel ás vistas de V. Ex.<sup>a</sup>, e do Seu Governo. Vossa Excellencia nao deixará de render justiça aos sentimentos de Amizade, e principios de Alliança, que S. A. R., sustenta em tao criticas circumstancias, e quando Vossa Excellencia tem mostrado tao pouca consideração para os Vassallos de S. A. R. estabelecidos nesses Dominios, e quando os ciumes intempestivos de Vossa Excellencia tem affistado aquellá grande confiança, que era consequente á Amizade, e Alliança, que felismente une os nossos dois Soberanos.

Lizongeo-me que Vossa Excellencia quererá responder-me com a possivel brevidade sobre tao interessante objecto, para que tudo seja logo presente a S. A. R.; e que me permittirá a honra de segurar a Vossa Excellencia os sentimentos de perfeita estima, e alta consideração com que tenho a honra de ser —De Vossa Excellencia —Mui attento, e seguro servidor — Conde de Linhares.—Excellentissimo Senhor Vice Rey D. Francisco Xavier Elio—Palacio do Rio de Janeiro, em 1 de Junho de 1811.

## CARTA

Da Junta de Buenos Ayres ao Excellentissimo Conde de Linhares.

Ex.<sup>mo</sup>. Sur.

A Carta, que Vossa Excellencia foi servido dirigir nos em data de 22 d' Abril do prezente anno, foi da mais grata satisfação para esta Junta. Ella mostra a esta Junta os pacificos sentimentos de que S. A. R. o Senhor Principe Regente se acha penetrado, e os vivos dezejões que o animão de concorrer por todos os meios, que a Amizade pode suggerir, para o restabelecimento da boa harmonia, infelismente interrompida entre os que temos a gloria de ser vassallos de hum mesmo Rey. Se as preoccupaçoes do Go-

verno Hespanhol, lhe tivessem permittido pezar em balança mais fiel nossos direitos ; e se os passados Depozitarios da Authoridade Real nesta parte da America nos tivessem proposto obrar contra a evidencia dos factos, a fim de estender por toda a parte a duvida, e o erro, se acharia a larga distancia mais bem estabelecida nossa lealdade, e teriao desaparecido entre nós os restos da discordia civil. Mas por desgraça guiados huns, e outros por vistas pessoas, introduziram o mortifero germe da divizaõ, que, posto que suffocado na maior parte deste Vice-Reinado, faz ainda seos estragos na Provincia do Paraguay, e dentro dos muros de Montevideo.

Os papeis publicos terao informado a Vossa Excellencia a respeito dos justos, e fortes titulos em que, sem prejuizo de nossa Vassallagem á Fernando VII. temos fundado nossos direitos, para reasumir o manejo de nossos negocios. Pelo que toca a nossas direcçoens mais proximas he de igual notoriedade, que o objecto a que se dirigio a expedição militar enviada á Provincia do Paraguay, nao foi outro mais do que pôr aquelles habitantes confinados a huma angulo do Reino em estado de deliberar sobre os meios de salvar o Estado da subversão que o ameaçava. Sem dar lugar á persuazaõ, quizeraõ antes prestar ouvidos ás suggestoens de homens mal intencionados, e que tinhao maior interesse em seos erros, do que nos saons Conselhos de seos irmaons. Daqui rezultou correr ás armas huns, e outros, apezar de serem movidos por huma, e mesma cauza. A Junta que nada dezejava tao cordealmente, como economizar o sangue de seos compatriotas, olhou com horror estes desastres e mandou cessar toda a hostilidade, deixando ao tempo o cuidado de despreocupar os Paraguayos.

O mesmo acontece relativamente aos de Montevideo. Huns poucos sediciozos, com o pretexto de lealdade, quando somente aspiravaõ a sustentar sua prepotencia, apoderaraõ-se daquelle Porto, e subtrahiraõ-se á obediencia desta Capital. Para cumulo das publicas desgraças, teve o Governo de Cadix a inconsideração de pôr á sua frente com o respeitavel titulo de Vice-Rey o D. Francisco Xavier. Este homem arrebatado, cujo instincto á destruição he bem notorio, acabou de azedar todos os animos, pelos choques que excita, e pelo odio a que provoca. Desde a sua chegada a estas partes nao tem cessado de tratar nos de rebeldes denunciar contra nos a vingança das Leis, bloquear nossos portos, fazer preparativos para submeter-nos pela força, e irritar finalmente os habitantes da banda oriental em razão dos sacrificios que exigia e das miserias a que os tinha reduzido.



Postos aquelles habitantes naquelles momentos terriveis, em que, acabado o soffrimento, a prudencia se vê forçada a recorrer a meios violentos, levantaraõ-se em massa, e pedirão auxilios á esta capital, a Junta julgou que sem fazer-se responsivel de huma indifferença criminoza, nao podia deixar de remover vexaçoes, que mui de perto a affectavaõ: fez passar algumas das suas tropas, e com ellas tem conseguido deter em parte o curso destes males.

A Junta houve por bem lembrar a Vossa Excellencia os motivos de sua separaçõ da Hespanha, e fazer a Vossa Excellencia huma singela exposiçã dos successos mais recentes, unicamente com o objecto de que, passando os á noticia de S. A. R. o Senhor Principe Regente, se ponha em estado de julgar que nem os Hespanhoes do Ultramar, nem o General Elio, nem seos sequazes os Europeos de Montevideo, podem jamais achar-se no cazo de merecer sua protecçã em prejuizo de nossa cauza.

Quanto ao mais, a Junta nunca pode perder de vista as consideraçoens a que huns, e outros são acredores, como vassallos do mesmo Rey. Ella dezeja que se accelere esse ditozo momento em que vejamos restituído Fernando VII. aó Throno de seos Pays, e em que todos trabalhemos de concerto para sustentar sem altera.ãõ os Direitos da Coroa. He indubitavel que o poderozo influxo de S. A. R. pode alhanar as difficuldades, que se achãõ inherentes a estas emprezas. Tendo porem consideraçãõ a que por hum voto geral dos Povos foi precizo convocá-los para tratar as espinhozas questuens, que as occurrencias actuaes tem suscitado, e assegurar os interesses da Naçãõ, tom esta Junta assentado, que sem o conhecimento deste Congresso seria hum passo prematuro entrar em negociaçoens com a Hespanha.

Não se offerecem os mesmos escolhos relativamente á nossa reconciliaçãõ com a Cidade de Montevideo. A naturalidade de seos habitantes, a vizinhança do terreno, e suas intimas relaçoens com esta Metropole, tudo concorre a excitar o dezejo de nossa reuniaõ. A Junta aceitará desde logo toda a propoziçãõ, *que por meio de S. A. R. lhe seja proposta, e que não comprometta os interesses, que se lhe tem confiado.*

Deos Guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Buenos Ayres, 16 de Maio, de 1811. (Assignados os Membros da Junta)—Excellentissimo Snr. Conde de Linhares.

## BUENOS AYRES, E MONTEVIDEO.

Tratado de pacificação das Províncias do Rio da Prata concluído entre o Excellentíssimo Vice-Rey D. Francisco Xavier Elio, e a Excellentíssima Junta Governativa de Buenos Ayres.

O Excellentíssimo Vice-Rey D. Francisco Xavier Elio, e a Excellentíssima Junta Governativa de Buenos Ayres, dezejando terminar as desagradaveis dissensões que tem occorrido nestas Províncias, conferirão seos plenos poderes, S. Excellencia o Vice-Rey a D. Joze Azevedo, e D. Antonio Garfias, e a Excellentíssima Junta a D. Juliao Perez, para que ajustem o correspondente Tratado; e depois de trocarem devidamente os seos referidos plenos poderes, concordáráo nos artigos seguintes.

1. As duas Partes contractantes, em nome de todos os habitantes sujeitos ao seu commando, protestão solemnemente á face do Universo, *que não reconhecem, nem jamais reconhecerão outro Soberano, que não seja o Senhor D. Fernando VII., e seos legítimos Successores, e Descendentes.*

2. Ainda que a Excellentíssima Junta se considere, no estado actual, sem as necessarias facultades, e que deve consequentemente reservar para a deliberação do Congresso Geral das Províncias, que está proximo a juntar-se, a determinação sobre o importante, e ponderoso assumpto das Cortes Geraes, e Extraordinarias da Monarquia; com tudo ella declara, *que reconhece a unidade indivizível da Nação Hespanhola da qual as Províncias do Rio da Prata formão parte integrante em uniao com a Península, e com as outras partes da America, que não tem outro Soberano senão o Senhor D. Fernando VII.*

3. Convencido o Governo de Buenos Ayses da justiça, e necessidade de soccorrer, e sustentar a May-Patria na justa guerra, que com tanta constancia, e gloria está fazendo ao Uzurpador da Europa; convem com a melhor vontade em remetter a Hespanha com a maior brevidade, e procurar por todos os meios possíveis, todos os soccorros pecuniarios, que o estado actual das suas rendas lhe permittir, e os que poder obter do patriotismo, e generosidade dos habitantes, que o Governo persuadira a tao justo fim com as mais appropriadas providencias, e insinuações.

4. Em prova da sinceridade dos seos sentimentos, e principios, a Junta de Buenos Ayres se offerece a enviar promptamente ás Cortes hum Manifesto em que explique as cauza,

que a obrigaraõ a tomar a resoluçaõ de naõ mandar ás ditas Cortes os seos Deputados, ate á deliberaçaõ do Congresso Geral.

5. A dita Junta nomeará huma, ou mais pessoas da sua confiança, para irem á Península expôr as Cortes Geraes e Extraordinarias as suas intençoens, e dezejos.

6. As tropas de Buenos Ayres evacuarão inteiramente o lado oriental do Rio da Prata ate o Uruguay, no qual será unicamente reconhecida a authoridade do Excellentissimo Vice-Rey.

7. Os Povos do Arroyo da China, Gualaguay, e Gualaguaychu situados entre Rios, ficarão igualmente sujeitos ao Governo do Excellentissimo Vice-Rey; e os outros Povos da Excellentissima Junta, naõ podendo as tropas de hum dos dois Governos entrar naquella Provincia, sem previo consentimento do outro.

8. Nenhum dos dois Governos poderá perseguir pessoa alguma de qualquer estado, ou condiçaõ que seja, pelas opinioens politicas, que tiver tido, por ter escrito papeis, tomado as armas, ou por qualquer outro motivo, ficando em inteiro esquecimento, de huma, e de outra parte, a conducta observada por cauza das desavenças.

9. Toda a artilhavia pertencente ao lado oriental ficará nos mesmos pontos era que actualmente se achar; e a que tinhaõ os Navios de Buenos Ayres, tomados pelos da guarda-costa, será igualmente restituída com a brevidade possivel.

10. Seraõ igualmente restituídos todos os prizioneiros, de qualquer classe que sejam, feitos por hum e outro Governo.

11. O Excellentissimo Vice-Rey se obriga a que as tropas Portuguezas se retirem para as suas fronteiras, e deixem livre o territorio Hespanhol, *na conformidade das intençoens do Senhor Principe Regente, declaradas aos dois Governos.*

12. O Excellentissimo Vice-Rey convem igualmente em passar as precisas ordens paraque cessem desde logo todas as hostilidades, e bloqueio nos rios, e costas destas Provincias.

13. O Excellentissimo Vice-Rey participará taobem oficialmente esta convençaõ ao Excellentissimo Vice-Rey do Peru, e ao General Goyeneche.

14. Todos os habitantes do lado oriental voltaraõ, se quizerem, para seos lares, e aquelles, que o dezejarem, poderaõ reciprocamente passar de hum para outro territorio, ficando de todos os modos em tranquilla posse de seos bens.

15. Restabelecer-se-ha plenamente a communicaçãõ, correspondencia, e commercio por terra, e por mar entre Buenos Ayres, e Montevideo, e suas respectivas dependencias, no mesmó pé em que se achava antes das actuaes dissençoens.

16. Em consequencia do artigo precedente todos os navios nacionaes, e estrangeiros poderao entrar livremente nos portos de hum, ou d'outro territorio, pagando nelles os respectivos direitos reaes, conforme hum regulamento particular, que se hade ajustar entre os ditos Governos.

17. No cazo de invazao de huma Potencia Estrangeira os dois Governos se obrigaõ reciprocamente a prestar-se os auxilios necessarios para rechaçar as forças inimigas.

18. O Excellentissimo Vice-Rey se obriga a nao mudâr de systema ate que as cortes declarem a sua vontade, que em todo o cazo, serâ convenientemente manifestada ao Governo de Buenos Ayres.

19. Os sobreditos Governos se obrigaõ á religioza observancia do que fica estipulado, ficando responsaveis das consequencias que a sua infraccao podesse occazionar.

20. O Excellentissimo Vice-Rey, e o Deputado de Buenos Ayres nomearaõ dois officiaes, que ajustem o melhor modo de por em execucao o artigo relativo á evacuaçao das tropas do lado oriental, que se effeituara com a maior brevidade, embarcando-se na Colonia todo o numero que for possivel.

21. As prezas, que se fizerem depois da assignatura do presente Tratado em diante, seraõ restituídas, e a respeito das anteriores a esta epoca se farâ o que pelo armisticio de 7 do corrente se acha ajustado.

22. Todas as propriedades de qualquer especie que sejaõ, que existem, e pertencem aos habitantes do lado oriental, ficaraõ em poder dos seus respectivos donos, exceptuando os escravos comprehendidos nas listas feitas pelo Deputado de Buenos Ayres, que ficaraõ em liberdade, para que todo o negro, que o dezejar, volte ao poder de seu senhor; a execucao deste artigo sera incumbida ao cuidado dos officiaes deque se faz mencao no artigo 20.

23. No cazo de haver para o futuro alguma duvida relativa á observancia de qualquer artigo do presente Tratado, serâ amigavelmente rezolvida por huma, e outra parte.

24. A presente Convencao terâ o seu plano effeito desde o momento, que se assignar, e serâ ratificada no termo de pito dias, ou antes, sendo possivel. Em testemunho de tudo assignamos duas do mesmo theor na Cidade de Montevideo aos 20 de Outubro de 1811.—*Joze Juliaõ Peres.*—*Joze Anacleto.*—*Antonio Garfias.*

## PROCLAMAÇÃO

Do Excellentissimo Vice-Rey Elio aos habitantes das  
Campinas de Montevideo.

Desde 1807, que tive a honra de ser vosso Chefe, não se tem passado hum só dia em que não tenha dado alguma providencia a fim de obter vosso socego, e vantagens: vos mesmos sois as melhores testemunhas de que debaixo do meu commando vossos campos prosperavao, e as propriedades dos habitantes gozavao huma segurança que por muito tempo não haviaõ tido; desgraçadamente, ha alguns mezes, que a perdestes; e por motivos, que he excuzado recordar hoje, vistas a guerra em vossos lares; guerra, que, sem ser provocada, vos reduzio á maior miseria.

O Mundo inteiro sabe quaes tem sido os meos passos, quaes tem sido os meos dezejos para evitar vossa ruina, e dar liberdade ao commercio de vossos fructos. Ate hoje nada tinha podido obter; mas o Providencia que protege sempre a cauza da Humanidade, me dá o prazer de poder annunciavos, que por huma Convenção com o novo Governo do Buenos Ayres, as suas tropas devem retirar-se para aquelle Continente, e por consequente o Exercito Portuguez deve tornar para seos dominios, porque assim o tem estipulado o seu Governo.

Hum dos principaes, e dos mais sagrados artigos da convenção, he que todos os habitantes tornem a disfrutar em paz a sua caza, suas fazendas, e a companhia de suas familias, sem que algum dos dois Governos possa castigar, ou perseguir pessoa alguma por cauza de opinioens passadas nestas dissençoens, ou por ter tomado armas por isso: so os delictos, que para o futuro se commetterem, serao punidos segundo as Leis estabelecidas.

Debaixo de minha palavra de honra, e em nome do Supremo Governo da Nação Hespanhola, cuja authoridade exercço, eu vos prometto, que este artigo sera cumprido com religioso escrupulo; e que nem a Justiça, nem algum particular ouzará transgredi lo, sem que experimente o rigor das Leis.

Gozai, pois, tranquillos da paz, que vos aprezeno; e o tervo-la conseguido, e suffocado o germe da guerra civil, o maior de todos os males, será o maior loiro, de que em toda a minha vida me jactarei, o maior bem para a Humanidade, e o maior serviço para Deos, para El Rey, e para a Patria.

Montevideo, 21 de Outubro, de 1811.

(Assignado)

XAVIER ELIO.

## EDITAL.

Todo o habitante de Montevideo, e suas campinas que tiver que reclamar alguma propriedade das que existem no exercito de Buenos Ayres, que, na conformidade da Convenção, se retira, dirigir-se-ha ao Tenente de Mar, e Guerra, D. Joaõ Eatre, mandado para a Colonia por este Supremo Governo para esse fim, e por sua via se farão as sobreditas reclamaçoens.

Cada Povo nomeará hum, ou mais commissarios para este fim. Montevideo, 21 de Outubro de 1811.—Elio.

Pelos mesmos papeis de Montevideo consta que as tropas de Buenos Ayres se retiraraõ para o Povo de *S. Joze* em comprimento de hum tratado preliminar ao de pacificação: e as partidas de Montevideo se avançaõ ate o Povo das *Pedrus, e Penharol*.

Consta igualmente que muitas familias, que seguiraõ o partido de Buenos Ayres humas seduzidas, e aterradas outras, conhecendo que a sua segurança pessoal he inviolavel, que nada tem que recear do Exercito Portuguez, e desenganadas de seu erro, vaõ-se restituindo a suas cazas.



# E U R O P A .

## SUECIA.

STOCKOLMO, Jan. 9.

Falia dirigida por Sua Alteza Real, o Principe Real, ao Rei, na occaziaõ de Sua Magestade reassumir o Governo do Reino, 7 de Jan. 1812.

SIRE,

Os meos mais ardentes dezejos se tem preenchido—a restabelecida saude de Vossa Magestade, vos habilita outra vez a reassumir o Governo do Reino.

“ Eu posso appellar para o vosso coração se quereis julgar das emoçoens deliciozas que o meu experimenta, repondo nas maons de vossa Magestade hum poder, cujo prolongado exercicio me apresentava constantemente o perigo, que ameaçava vossos dias.

“ Não obstante as relaçoens diarias, que tenho levado a presença de Vossa Magestade, relativamente a situaçõ exterior como interior do Estado, julgo todavia do meu dever o aproveitar-me desta occaziaõ, tam importante para mim por todos os motivos, afim de apresentar a Vossa Magestade, hum rapido esboço d’ellas.

“ Quando Vossa Magestade se decidio a abraçar a politica continental, e declarou guerra a Gram-Bretanha: a Suecia se livrava de hum desgraçado contexto; as suas feridas vertiao ainda sangue; era-lhe precizo fazer novos sacrificios, em o momento mesmo, em que tinha perdido hum dos principaes ramos das rendas publicas, pela quazi total aniquilação do que as Alfandegas produziao.

“ A pezar da izolada situaçõ da Suecia, ella fez, para interesse de cauza commum, tudo quanto podia esperar-se de hum povo fiel as suas estipulaçoens; mais de 2,000,000 de rix dollars se gastaraõ em recrutar o exercito, e por em estado de defeza as costas de nossas ilhas, nossas fortalezas, e esquadra.

“ Eu não dissimularei a vossa Magestade, que o nosso commercio foi reduzido ao simples commercio de costeamento de porto a porto, e soffreo grandemente por este estado de guerra. Privateiras debaixo de bandeiras amigas, contra as quaes seria nocivo ter adoptado medidas de segurança e precaução, aproveitarão-se da nossa confiança nos tractados, para tomar, successivamente quasi 50 dos nossos navios mercantes; mas a final, Sire, a vossa flotilha recebeo ordens para proteger a bandeira Sueca, e o justo commercio de vossos vassallos contra piratarias, que nenhum governo podia authorizar ou permittir.

“ Os Corsarios Dinamarquezes tem dado bastante motivo ás nossas queixas; mas este mal diminue diariamente, e tudo nos induz a pensar que o legitimo commercio da Suecia não será mais perturbado por elles, e que as relações de boa vizinhança serão mais e mais fortificadas.

“ Os Corsarios de bandeira Franceza tem dado huma illimitada extensão ás suas Cartas de Marca; os prejuizos que nos tem feito, tem sido objecto das nossas queixas; a justiça e lealdade de sua Magestade o Imperador dos Francezes tem garantido o seu remedio.

“ As protecções dadas pelos Governos amigos tem sido respeitadas, e aquelles de seus navios, que tem tocado as nossas costas, tem tido a liberdade de continuar a sua viagem, qualquer que fosse a sua destinação.

“ Perto de 50 navios Americanos, lançados sobre as nossas costas por tempestades successivas, tem sido soltos. Este acto de Justiça, fundado no Direito das Nações tem sido apreciado pelos Estados Unidos, e as apparencias nos promettem que relações melhor entendidas com o seu Governo facilitarão a exportação das numerosas pilhas de ferro de que as nossas praças publicas estão cheias.

“ Considerações politicas, e os vinculos de familia que unem Vossa Magestade, e o Rei da Prussia, se combinão para consolidar as relações de amizade, que subsistem entre as duas potencias.

“ A paz com a Russia não sera perturbada; os tractados que a cimentão, são executados de ambas as partes com franqueza e boa fé.

“ As nossas relações com o Imperio Austriaco estão no pé mais amigavel; a lembrança da gloria aproxima o mais possivel as duas nações, e Vossa Magestade nada ommittirá que possa contribuir para manter a reciprocidade da confiança, e estima, que ella cauza.

“ Se Hespanha e Portugal assumirem huma posição tranquilla, aquelles paizes offerecerão ao commercio Sueco vantagens, que afiançarão o aperfeiçoamento dos planos que ella começou para melhorar as suas minas de ferro.



‘ O nosso commercio com America do Sul tem cessado inteiramente ; porque a guerra desola aquelles bellos e desgraçados paizes ; quando elles tiverem huma administração regular, o producto do reino terá nelles hum vantajoso consumo. A guerra maritima tem interrompido as nossas relações commerciaes com a Turquia ; mas nada que interesse aquelle velho amigo da Suecia, pode ser indifferente a vossa Magestade.

‘ Sire, taes são as relações exteriores da Suecia.—A justiça e a fidelidade para com todas as nações tem sido a guia politica de vossa Magestade.

‘ O Exercito, e as Finanças, estes dous principaes garantes do Estado, tem sido particular objecto de minha solididade.

‘ Huma sabia economia tem governado a despeza dos fundos para os armamentos, que o estado de guerra tem feito necessarios. Esta guerra tendo grande influencia sobre a exportação dos productos Suecos, sobre o gyro do commercio e imaginações dos negociantes tem feito subir o curso do cambio a huma altura exorbitante. Eu tenho dirigido particularmente a minha attenção a suspender este flagello dos Estados, que tendo huma vez arrombado seos diques, não acha obstaculos, que se oppoñão a sua desolação, reprimindo de hum lado monopolios, pondo em execução as antigas leis contra a exportação illigitima de ouro e prata—impondo hum direito de tranzito sobre o transporte dos ditos metaes em barra, dos paizes estrangeiros, passando pela Suecia—tentando reconduzir a nação aos principios da economia que distinguio os seos antepassados. Por outro lado eu tenho pertendido dar actividade á industria interna, e legitimo commercio da Suecia. Eu tenho tido a satisfação de ver coroados felismente os meos esforços, e o curso do cambio sobre Hamburgo, que era em Março passado 136 sk, a tres do prezente Janeiro era 81. sk.

‘ Eu tenho tomado medidas para estender as manufacturar de linho, e promover a sua plantação ; proceder activamente na descoberta de novas salinas ; continuar a limpeza do terreno em Delecarlia, estabelecendo huma nova communição com Vermeland, e seos mercados ; formar huma Companhia destinada a continuar a pesca dos arenques nos mares abertos ; prolongar as nossas relações commerciaes com a Finlandia ; por em execução as resoluções financiaes dos Estados do Reino ; dar á direcção dos armazaens, aos das Alfandegas, e á ilha de S. Bartholomeo, huma nova organização.

‘ Não tendo sido boa a colheita, eu tenho adoptado medidas para prevenir a escassez, fazendo vir grão dos paizes

estrangeiros ; mas para prevenir, que tal importação influa no cambio, deverá exportar-se sal pelo grau recebido. Este cambio será effeituado com tanta mais facilidade, quanto existe ainda no paiz huma provizão de sal bastante para dous annos.

‘ Eu tenho com pezar observado, que o uzo excessivo, e manufactura da agoa ardente, pelo que os interesses geraes são sacrificados aos particulares, corrompem a nação, e tarde ou cedo, produzirão a escassez. Eu tenho so empregado exhortações á este respeito, que tenho colligido dos sentimentos paternaes de Vossa Magestade, e deixo para outros tempos, e para o juizo dos Estados, o por termo a hum mal, que todo o mundo reconhece continuar a augmentar-se.

‘ Eu tenho prestado particular attenção ao estado e organização dos Hospitaes, aos estabelecimentos religiosos, e aos meios de prevenir ou pelo menos de aliviar a mendicidade. A politica interior e agricultura não tem sido abandonadas, e huma academia central de agricultura bem depressa se estabelecerá a fim de dar impulso e *encorajamento* á economia publica, e conhecimentos scientificos que continuarão a assegurar a prosperidade do Estado.

‘ As obras do Canal de Gothland, esse grande monumento do reinado de Vossa Magestade, se tem continuado com grande actividade. As do Canal de Sodertilge retidas por obstaculos, que os zelosos esforços dos Directores não podião vencer, recommençaram com mais rapidos progressos.

‘ Eu tenho executado a solemne resolução dos Estados do Reino, sancionada por Vossa Magestade, tocante ao armamento nacional ; mas cuidadoso de não privar a agricultura de mais braços que os necessarios para a defeza do nosso paiz, tenho ordenado meramente huma leva de 15,000 homens, excluziva dos 50,000, que os Estados tem posto a disposição de Vossa Magestade. Os mais crueis erros tem sido levados até ao Schonen onde a violencia e a publica rebellião ameaçaram por hum momento oppor-se á execução de medidas ordenadas.

‘ Bem que os nossos inimigos, ou os invejzozos do nosso repouso começassem á regozijar-se com as nossas devisoens intestinas, ellas forão suppremidas depressa pela unida força do exercito e das leis, e substituidas pelo sentimento nacional, e obediencia a seus deveres. Os lugares vagos do novo alistamento, e armamento nacional estão quasi todos cheios, e tem-se tomado todas as medidas para os fazer uteis neste emprego. O exercito regular tem sido recrutado, pois que he tambem o total da rezerva, que tem sido novamente vestido, e supprido com armas bem acondicionadas, de que sufficientes porções se acharão nos arsenaes. As fundiço-

ens recobrarão actividade. O fabrico da polvora e salitre se tem extendido e melhorado, e a artilharia posto n'hum pé respeitavel. As pensoens concedidas aos officiaes e soldados feridos, durante a guerra, se tem confirmado ou augmentado. As contas da despeza da guerra passada se tem apressado, e as medidas, que se tem adoptado não tem outro objecto mais que fazer serviçaveis as tropas e dar-lhes os requizitos necessarios.

‘ Vossa Magestade se dignará perceber por esta relação, que, não obstante o que os detractores da Suecia tem insinuado a este respeito, que 60 annos seriao precizos para organizar hum exercito de 60,000 homens, isso com tudo se fará ver no mez de Abril proximo, tanto aos amigos como inimigos de vossa Magestade. O fim deste augmento de nossa força militar he meramente defensivo; sem outra ambição mais que a de conservar sua liberdade e leis, a Suecia terá os meios de defender-se, e ella pode fazelo. Cercada pelo mar de hum lado, e pelo outro de inacessiveis montanhas, não he so na coragem dos seos habitantes, nem na lembrança da sua primeira gloria, que ella busca segurar a sua independencia; ella deve antes achar-se na sua situação local, nas suas montanhas, nos seos lagos, nas suas florestas, e nos seos gelos. Aproveite-se ella, portanto, destas unidas vantagens, e persuadaõ-se inteiramente os seos habitantes desta verdade, que se o ferro, producto das suas montanhas, cultiva seos campos; so o ferro, e a firme rezolução de fazer delle uzo, pode defendelos.

‘ Eu tenho sido secundado em meos esforços pela actividade predominante no exercito, e pelo zelo, e talentos dos funcionarios publicos.

‘ A Magistratura tem mantido a sua antiga reputação; tem tido dolorozos deveres a preencher, mas isso lhe tem grangeado novos titulos e pertençoens á estima geral.

‘ Os differentes departamentos da Chancellaria de Estado tem dado a porfia, o mais prompto expediente compativel com as formalidades requeridas pelas nossas leis e costumes, á todos os negocios de que tomaraõ conhecimento.

‘ A Secretaria de Estado dos Negocios Eccleziasticos, desde 17 de Março expedio quasi 600 cauzas, a do Interior 952, a das Finanças e Commercio 1653, e o departamento da Guerra 25, 305.

‘ As cauzas em que se não tem dado ainda decizaõ final, e que estão limitadas a hum numero moderado em cada departamento, comparativamente a extençaõ, vindo debaixo de suas varias denominaçoens são ou de natureza, que requerem a decizaõ de Vossa Magestade, ou que devem ser outra vez apresentadas para final determinação. Se vossa

Magestade reconhecer no esboço que lhe tenho apresentado, o desejo que me tem movido para merecer a alta confiança, que vos me tendes mostrado; além do prazer que sinto no restabelecimento de vossa Magestade, será isso a mais agradável recompensa de todas as minhas fadigas. Apraza ao Ceo, conforme aos meus votos, fortalecer os dias de vossa Magestade, e a Suecia, protegida pelas vossas virtudes, Sire, que o huma garantia imperecível na consagração absoluta que o meu coração tem votado a vossa Magestade, na respeitosa afeição de meu filho, na santidade das leis do Estado, na rectidão dos funcionarios publicos, e na uniaõ, coragem e patriotismo de todos os Suecos.

‘ Com os mais sinceros sentimentos de afeição, e mais profundo respeito, sou Senhor, o mais humilde e fiel vassallo, e bom filho de vossa Magestade.

‘ Palacio de Stockolmo. Janeiro 7 de 1812.

‘ Carlos Joaõ.’

## FRANCA.

---

### Noticias Officiaes dos Exercitos Imperiaes na Hespanha.

Conta do Marechal Suchet a S. A. o Principe de Neufchatel, e de Wagram, Major General.

*Quartel General de Valença, 12 de Janeiro de 1812.*

Monseigneur.

Rogo a V. A. S. que annuncie a S. M. o Imperador que suas ordens estao cumpridas : Valença esta submettida ás suas armas.

Os rapidos movimentos de 26 de Dezembro forçaraõ o inimigo a retirar-se para as suas linhas fortificadas : mas perseguido ate S. Philippe, abandonado das tropas que se escaparaõ de Valença, Blake perdeo toda a esperança de ser socorrido : o assedio foi concluido com perseverança. O exercito, avido de gloria, procurava os perigos, e repellio tres sortidas com alto valor.

A ouzadia dos trabalhos do genio, que em a noite do 1 para 2 de Janeiro abrio a trincheira na distancia de 70 a 80 toezas das obras do inimigo, e que em quatro dias, e quatro noites adiantou suas minas ate á distancia de quinze toezas do fosso : os espantosos esforços da artilharia, que levantou suas baterias a 60 toezas, e que conseguiu arma-las, apezar das chuvas, e caminos horriveis ; a constancia da infantaria em ajudar todos estes trabalhos, tem produzido o abandono das linhas inimigas armadas de 81 peças de artilharia.

Estas linhas tem 6,000 toezas de desenvolvimento : Valença despenceo doze milhoens de reales para as levantar, e empregou milhares de braços durante dois annos.

Tendo feito começar o bombardeamento a 5, offereci huma capitulaçao a 6, que foi rejeitada ; mandei redobrar o fogo,

e em tres dias, e tres noites cahiraõ na Cidade 2,700 bombas, que produziraõ explosõens, muitos, e vastos incendios : a artilharia por huma louvavel emulaçãõ, tinha conseguido levantar duas baterias de 10 peças de 24 cada huma dellas, promptas a fazer brecha no ultimo recinto. O Genio\* com sua côstumada actividade, tinha conseguido estabelecer-se nas ultimas cazas dos arrabaldes, e adiantado as minas ate ás duas portas principaes da Cidade, quando o General em Chefe Blake, temendo as proximas, e terriveis consequencias de hum assalto, aceitou a capitulaçãõ seguinte, a qual poem nas maõs do Imperador a Cidade de Valença, 374 peças de artilharia, 113,000 libras de polvera, 3 milhoens de cartuchos, 16,131 prizioneiros de linha, segundo o mappa junto entregue pelo General Chefe do Estado Maior Hespanhol, e 1,950 enfermos nos hospitaes de Valença, e de Valdigna 1,800 cavallos de cavallaria, e artilharia, 21 bandeiras, 893 officiaes, 22 generaes, ou Brigadeiros entre os quaes Zayas, e Lardizabal, commandante das divizoens expediçõnarias, Miranda, Marco del Pole, commandante do exercito de Valença, Sea, commandante da Cavallaria, o Marquez de Rocca, &c. quatro Tenentes Generaes, seis marechães de campo, e huma grande quantidade de coroneis, o General em Chefe O'Donnel, e o Capitaõ General Blake.

Nesta occaziaõ, os insurgentes soffrem huma perda irreparavel : elles perdem 50 bons officiaes de artilharia, da escola de Segovia, 383 mineiros, e sapadores, e 1,400 artilheiros veteranos, entre os quaes ha quatro bellas companhias de artilharia a cavallo com 30 peças de campanha montadas. Continua-se o desarmamento das milicias, e bem depressa se concluirá.

Vossa Alteza conhecerá pela leitura do artigo 4 da capitulaçãõ, que eu tenho aproveitado a occaziaõ de preencher a benevola vontade do Imperador obtendo a proxima entrada de 2,000 prizioneiros Francezes, ou alliados, e a esperança de outra troca, ainda mais consideravel.

Os Generaes de Artilharia, e do Genio Valec, e Rogniat dirigiraõ suas armas com seu ordinario talento.

O General Conde Reille, á frente do seu corpo desenvolveo a maior actividade : os Generaes Palombini, e Severoli o maior denodo.

Os Generaes Harispe, Hubert, Musnier, e Saint Cyr-Hugues chefe do Estado-maior, serviraõ com aquelle con-

\* Parece-nos melhor adoptar esta expressãõ, seja para designar o Corpo de Engenheiros, seja para enunciar as suas operaçõens, do que dizer—as obras de engenharia, e o Corpo dos Engenheiros, &c.; pelo menos he mais curto.

stante zelo, que os tem sempre animado desde a sua entrada na Hespanha.

Eu terei a honra de enviar mui brevemente a Vossa Alteza Serenissima huma nota das Graças que eu sollicito da bondade do Imperador para seu exercito ; e ouzo rogar-vos, Monseigneur, que a apresenteis a S. M.

Eu sou com respeito, &c.

O Marechal do Imperio Commandante em Chefe do exercito de Aragaõ—Suchet.

### CAPITULAÇÃO

Concluida entre M. o Marechal do Imperio Conde de Suchet, commandante em chefe do exercito Imperial de Aragaõ, e

S. Ex<sup>ca</sup>. o General em Chefe Blake, Commandante do 2. e 3. exercito Hespanhol para a entrega da Cidade de Valença.

Artigo 1. A cidade de Valença será entregue ao exercito Imperial: a religião sera respeitada; as propriedades e os bitantes serao protegidos.

2. Nenhuma averiguação se fará, relativamente ao passado, contra aquelles que tiverem tomado huma parte activa na guerra, ou na revolução. Permittir-se-ha aos que quizerem sahir, daqui a 3 mezes, o faze-lo, com authorização do Commandante militar, transportando para outra parte suas familias, e suas fortunas.

3. O exercito sahirá com as honras de guerra pela porta Seranos, e deporá as armas alem da ponte sobre a margem esquerda do Guadalaviar. Os officiaes conservarao suas espadas, bem como seos cavallos, e equipagens, e os soldados suas mochilas.

4. Offerecendo o General em Chefe Blake entregar os prizioneiros Francezes, ou Alliados dos Francezes, que se achao em Mayorca, Alicante, e Cartagena, hum igual numero de prizioneiros Hespanhoes ficará nas praças em poder dos Francezes, ate que a troca possa ser effectuada homem por homem, patente por patente. Esta disposição será applicavel aos commissarios, e outros empregados militares prizioneiros de ambas as partes. A troca se fará successivamente, e começara, logo que cheguem as primeiras columnas Francezas.

5. Hoje 9 de Janeiro, logo que a Capitulação tiver sido

assignada, a porta do mar, e a cidadella, serao entregues a companhias de granadeiros do exercito Imperial, commandadas por coroneis.

A manhã, pelas 8 horas da manhã, a guarnição sahirá da Praça pela porta Seranos, entre tanto que 2,000 homens sahirao pela porta S. Vicente para Alcira.

6. Os officiaes reformados, que se achao neste momento em Valença, poderao ficar, se quizerem, e se proverá os meios de segurar sua existencia.

7. Os Generaes commandantes da artilharia, e do Genio, bem como o Commissario Geral do exercito entregarao aos Generaes, e Commissarios Francezes, cada hum pela sua parte, o inventario de tudo o que depende de seu serviço.

Feita em Valença, a 9 de Janeiro de 1812.

O General de Brigada Chefe do Estado-maior do Exercito Imperial de Aragoa.—St. Cyr-Hugues.

O General de Divizao.—Josef de Zayas.

Convenho na capitulaçao.—Joachim Blake.

Approvo a capitulaçao.

O Marechal do Imperio Conde de Suchet.

---

Conta de M. o Marechal Conde Suchet a S. A. S. o Principe de Wagram, e de Neufchatel, Major General.

*Quartel General de Valença, 13 de Janeiro de 1812.*

Monseigneur,

A 10 de manhã o exercito dos insurgentes encerrado em Valença desfilou diante das aguias Francezas: sua marcha durou ate á noite.

O General Blake, chefe da insurreiçao, e seis dos seus ajudantes de campo partiraõ debaixo da escolta do Coronel Peele. O General Conde Pannatier partio com a primeira columna de 7,000 prizioneiros pela estrada de Terruel: outra igual columna vai pela estrada de Tortoza. Eu fiz partir para S. Philippe huma columna de 2,000 prizioneiros, para trocar por elles todos os prizioneiros Francezes, que se achao em Majorca, e Cadix.



Desarma-se as milicias com a maior actividade; e a tranquillidade está restabelecida nesta bella provincia. Eu nomei commandante da Cidade o General Robert, em quem tenho huma particular confiança. O General Harispe occupa S. Philippe com sua divizão, e as suas partidas chegam ate Alicante.

Todos os dias descobrimos novos armazaens de armas, e uniformes fornecidos pelos Inglezes. Seu chamado Consul Tupper era o bota-fogo da insurreição; e não poupava nem dinheiro, nem promessas, nem libellos para irritar os espiritos. Os Hespanhoes queixão-se vivamente de serem sem cessar excitados pelos Inglezes a tomar medidas desesperadas, e acharem-se depois desamparados\*.

He para mim hum objecto particular de mui viva satisfação o ter obtido hum resultado tao consideravel, sem alguma perda.

O Marechal do Imperio, Conde de Suchet.

### RELAÇÃO OU MAPPA

Approximado dos principaes objectos de artilharia, que existão na Praça de Valença, na epoca da sua entrega a 9 de Janeiro de 1812.

Canhoens de bronze	de 24	.	.	.	41
	de 16	.	.	.	4
	de 12	.	.	.	9
	de 8	.	.	.	21
	de 4	.	.	.	54
Ditos de ferro	de 3	.	.	.	16
	de 24	.	.	.	23
	de 18	.	.	.	11
	de 16	.	.	.	21
	de 12	.	.	.	54

\* Não são os Inglezes, que tem abandonado os Hespanhoes, dignos por certo de melhor sorte: são os seus proprios Generaes, e os que ate hoje os tem dirigido e governado, que os não tem sabido conduzir. Qualquer que venha a ser a sorte da Hespanha, a Posteridade fará justiça á franqueza, lealdade, honra, e generosidade com que a Nação Ingleza, e o Seu Governo se tem portado com a Península na sagrada cauza que esta defende.

Nota dos Redactores.

Canhoens de ferro	de 8	30
	de 6	19
	de 4	33
	de 3	4
Obuzes de bronze	de 8 pollegadas	9
	de 6 ditas	17
Morteiros de bronze	de 12 pollegadas	5
	de 10 ditas	1
	de 8 ditas	1
Pedreiros		1
Total		375

Balas de diversos calibres	26,000
Bombas	800
Libras de polvera	180,000
Cartuchos de infantaria	3,000,000
Espingardas	12,000

Quartel General de Benimamet, 10 de Janeiro de 1812.

O General de divizaõ commandante em chefe da artilharia do exercito.—

Baraõ Valec.

#### RELAÇÃO

Dos Generaes, e Brigadeiros, que compoem o Estado-maior do Exercito Hespanhol, que se encerrou em Valença em consequencia da batalha de 26 de Outubro, e que se acharaõ nesta Praça no dia da sua entrega.

#### CAPITAÕ GENERAL.

S. Ex<sup>ca</sup>. Dom Joaquim Blake.

#### MAREGHAES DE CAMPO.

Dom Carlos O'Donnel, segundo Commandante General do 2. Exercito, e Governador de Praça de Valença.

Dom Joze Zayas, Commandante da 4. divizaõ *expedicionaria* de Cadix.

Dom Joze Lardizabal, Commandante da Vinguarda *expedicionaria* de Cadix.

Dom Joze Miranda, Commandante da 1. divizaõ do 2. exercito.

Dom Francisco Marco del Ponte, subinspector de infantaria do segundo exercito.

Dom Ramon Pires, chefe do Estado-maior do 2. exercito.

O Conde Rouve, reformado de Valença.

BRIGADEIROS.

Dom Manoel Velasco, 2. commandante General da Praça de Valença.

Dom Joze Casimero Lavalle, 2. commandante da 1. divizaõ do 2. exercito.

Dom Joaquim Zea, subinspector de cavallaria do segundo exercito.

Dom Antonio Burriel, chefe do Estado-maior do corpo *expedicionario*.

Dom Vencesláo Prieto, subinspector de infantaria do corpo *expedicionario*.

Dom Ramon Polo, 2. commandante General da 4. divizaõ *expedicionaria*.

Dom Sebastiao Lerea, Tenente Rey em Valença.

Dom Francisco Munoz, Coronel do regimento de infantaria de Murcia.

Dom Ignacio Balanzat, Coronel dos voluntarios da patria.

Dom Francisco Detregait, Capitaõ das Guardas Walonas.

Dom Francisco Ustavir, idem idem.

O Marquez de la Roca, chefe do Estado-maior da 4. divizaõ do corpo *expedicionario*.

Dom Francisco Arce, commandante General da artilharia do 2. exercito.

Dom Joaõ Zaparero, commandante General do Genio.

Murviedro, a 11 de Janeiro de 1812.

(Assignado)

Ramon Pires.

Por copia conforme

O Marechal do Imperio commandante em chefe do exercito d'Aragaoõ.

Conde Suchet.

RELAÇÃO

dos Generaes reformados, que se achao em Valença.

TENENTES GENERAES.

O Duque de Castro Pigriano.

Dom Salvador Porellos.

Dom Pedro Roca.  
Dom Francisco Rovira.

## MARECHAL DE CAMPO.

O Conde Almidas de Toledo.

## BRIGADEIROS.

D. Pedro Vicente—o Conde de Penastole—o Marquez de Cruillas—Dom Henrique Matalinares.

11 Coroneis—14 Tenentes Coroneis—1 Major—29 Capitães—5 Tenentes—4 segundos Tenentes.

Valença, 10 de Janeiro de 1812.

(Assignado) J. Albi—Major da Praça.  
(Assignado) Carlos O'Donnell.

Por copia conforme

O Marechal do Imperio commandante em chefe do exercito d'Aragão,

Conde Suchet.

Resumo do Mappa do Exercito de Valença.

Dezignação das Armas.	Cavallos.														
	Ches	Capitães	Tenentes, e Sub-tenentes.	Capellaens.	Cirurgiœns.	Espingardeiros	Sargentos.	Tambores.	Cabos, e Soldados.	Trombetas.	Creados.	Total dos prentes.	D'Officiaes.	De Tropas.	De Trans-porte.
Infantaria.....	42	125	447	22	15	6	564	431	12,378			13,384	202		16
Cavallaria.....	6	21	53				76		763	13	6	858	99	767	
Artilharia.....	10	16	37	1	1		64	23	1,965			1,452	39	315	396
Min. e Sapadores.....	9	10	19				18	12	353			383	29		21
Estado maior da Praça.....	12	4	2				5		15			20	29		
Estado maior do Exercito	14	22	10				6		38			44	89		10
<b>Grande Total</b>	<b>93</b>	<b>198</b>	<b>568</b>	<b>23</b>	<b>16</b>	<b>6</b>	<b>733</b>	<b>466</b>	<b>14,912</b>	<b>13</b>	<b>6</b>	<b>16,141</b>	<b>487</b>	<b>1082</b>	<b>442</b>

Valença, 9 de Janeiro, de 1812.

(Assignado)

RAMON PIRES.

Brigadeiro Chefe do Estado Maior General.

## DECRETOS.

Palacio das Tuileries, a 24 de Janeiro, de 1812.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rhin, Mediador da Confederação Suissa, &c. &c.

Querendo recompensar os serviços feitos pelos Officiaes Generaes, Officiaes e soldados de nosso exercito de Aragaõ, Temos decretado, e deeretamos o seguinte.

Artigo 1. Seraõ unidos ao nosso dominio extraordinario bens situados na Provincia de Valença que cheguem ao valor de hum Capital de 200,000,000 de francos.

2. O Intendente Geral do nosso dominio extraordinario fara tomar posse delles, e os unirá aos outros bens do nosso dominio extraordinario de Hespanha.

3. Nosso primo o Principe de Neufchatel, Major General remetterá ao Intendente Geral do nosso dominio extraordinario o mappa dos Generaes, Officiaes, e soldados de nossos exercitos de Hespanha, principalmente de nosso exercito de Aragaõ, que se tem distinguido, para que nos possamos dar-lhes marcas de nossa satisfação e munificencia Imperial.

4. Nossos Ministros, nosso Major General, e o Intendente Geral de nosso dominio extraordinario ficão encarregados, cada hum pela parte que lhe toca, da execucao do presente decreto.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador o Ministro Secretario de Estado.

(Assignado)

O CONDE DARU.

Palacio das Tuileries, a 24 de Janeiro, de 1812.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rhin, Mediador da Confederação Suissa, &c. &c.

Nos temos nomeado, e nomeamos o Marechal Conde Suchet Duque de Albufera.

Elle gozará dos titulos, preogativas, e dominios inherentes ao dito Ducado, conformemente ás Cartas-Patentes que se hao de lavrar em nosso conselho do Sello, e Selladas por nosso primo o Principe Archi-Chancellor do Imperio.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador o Ministro Secretario de Estado.

(Assignado)

O CONDE DARU.

Palácio das Tuileries, a 24 de Janeiro, de 1812.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rhin, Mediador da Confederação Suissa, &c. &c.

Temos decretado, e decretamos o seguinte.

Artigo 1. A alagoa, pescaria, e tudo o que depende do dominio de Albufera são dados em toda a propriedade ao Marechal Suchet, para fazer parte da doação do Ducado de Albufera, que por nosso decreto de hoje lhe temos conferido.

2. Os ditos bens serão possuidos por elle, como feudos de nossa coroa: em consequencia nenhuma porção destes bens poderá ser alienada, ou trocada sem nossa authorização especial, e nas formas prescritas por nossos estatutos, e pelo titulo IV. de nossas Cartas-Patentes do 1 de Março de 1801, tanto para a alienação, como para a collocação do preço dos bens alienados.

3. A posse dos ditos bens contar-se-ha desde o 1 de Janeiro de 1812.

4. Os ditos bens, no caso de extincção da descendencia masculina legitima, reverterão para a nossa coroa.

5. O presente decreto será dirigido, na conformidade do artigo 25 do titulo II. seccão 1. de nossas Cartas-Patentes do 1 de Março de 1808, a nosso primo o Principe Archi-Chancellor do Imperio, para o complemento de todas as condições prescritas pelos Estatutos constitutivos dos feudos de nosso Imperio.

(Assignado)

NAPOLEÃO.

Pelo Imperador o Ministro Secretario de Estado.

(Assignado)

O CONDE DARU.

DECRETO PUBLICADO EM ROMA.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rhin, Mediador da Confederação Suissa, &c.

Considerando que os bens inherentes aos Bispados da antiga Sé de Roma estão vacantes, &c. nos temos decretado, e decretamos o seguinte.

Artigo 1. As propriedades, que compunhão as doações dos Bispados da antiga Corte de Roma fazem parte dos dominios do Estado.

2. Os reclamantes gozaráo dellas durante sua vida, e remetterão ao nosso Perfeito huma relação dellas com seos titulos.

3. Elles poderao tornar-se proprietarios inamoviveis pagando hum oitavo do seu respectivo valor.

4. Nosso Perfeito regulará o valor, e fixará os termos do pagamento.

5. Nos fazemos presente a Igreja de S. Pedro da nossa boa Cidade de Roma da ametade do producto destes bens, e do resto aos Hospitales.

(Assignado)

NAPOLEAO.

(Pelo Imperador)

DARU.

---

OFFICIO

Do Duque de Raguza ao Principe de Wagram e Neufchatel.

Valladolid, 16 de Janeiro de 1812.

MONSEIGNEUR.

Eu tenho a honra de informar a Vossa Excellencia que hontem de tarde sube que os Inglezes se tinhaõ subitamente reunido, e passado o Agueda a 8 com a artilharia de cerco, depois de terem formado huma ponte de barcos duas legoas abaixo da Cidade. A 10 foi a Praça investida, e o sitio immediatamente começado. Eu marchei, sem perder tempo, em soccorro da Praça.

Eu tinha junto quatro divizoens para municiar Cidade Rodrigo: mas estas forças naõ eraõ sufficientes. Em consequencia eu fui obrigado a charmar duas divizoens do exercito do Norte, e a de Bonnet a quem ordenei que abandonasse as Asturias. Estas tropas montao a perto de 60,000 homens, com que vou marchar contra o inimigo. Vos podeis esperar acontecimentos gloriozos para as armas Francezas. Meu exercito estará reunido a 21.

Como eu ordenei ao General Monbrun que se me viesse unir no fim de Janeiro, eu creio que o naõ poderá fazer senaõ em Fevereiro. Elle tem debaixo das suas ordens tres divizoens de Cavallaria.

(Assignado)

O Marechal Duque de RAGUZA.



## SEGUNDO OFFICIO.

Salamanca, 18 de Janeiro de 1812.

Eu tenho a honra de vos informar, que segundo as noticias que recebi logo que cheguei aqui, os arrabaldes da Cidade Rodrigo, e o reduto, que eu tinha mandado construir foraõ tomados do assalto a 10 do corrente. He hum desgraçado acontecimento; porque eu sempre me persuadi, que estas obras exigiriaõ hum sitio, que nos daria hum espaço de oito, ou dez dias.

Por outra parte sei que as primeiras divizoens da artilharia de cerco sópassaraõ o Agueda a 14. Esperando a junção das tropas, que estaõ em marcha de diversas partes, eu fiz avançar huma forte vanguarda o mais perto possível da Cidade, para dar a conhecer, que nos marchamos em seu soccorro.

## TERCEIRO OFFICIO.

O inimigo appareceu na tarde do dia 10 diante de Cidade Rodrigo, e se apoderou dos conventos dos arrabaldes. A 16 as baterias Inglezas abriãõ seu fogo a huma grande distancia; e a 19 a praça foi tomada de assalto, e cahio em poder do inimigo. Neste acontecimento ha alguma coiza taõ incomprehensivel, que eu me não aventurei a fazer alguma observação. Não recebi inda as informações necessarias.

## QUARTO OFFICIO.

Salamanca, 24 de Janeiro de 1812.

Eu tinha feito as dispoziçoens necessarias com o General Dorsenne para a junção de nossas tropas; mas a esperança, que eu tinha, de ver áquem do Agueda o inimigo ensoberbecido com seu primeiro successo, desvaneceu se promptamente.

Pelos reconhecimentos, que eu tinha mandado fazer sube, que o corpo do inimigo que tinha marchado para Tamames, e que as nossas partidas julgavaõ ser o exercito reunido, se havia retirado para o Agueda, repassado este rio, e entrado em Portugal depois de ter destruido as pontes.

Os Inglezes levarãõ huma parte da grossa artilharia da Praça para a transportar a Almeida. Nenhumas tropas Inglezas ficaraõ em Cidade Rodrigo.

## OFFICIO

Do Marechal Duque d'Albufera a S. A. o Principe de Wagram e Neufchatel, Major General.

MONSEIGNEUR,

Mr. Meeckhen chegou, e me entregou vossos despachos de 18, em que Vossa Excellencia me informa que S. Magestade vira com prazer as medidas tomadas que tornáráo infallivel a queda de Valença. O Conde Rulle chegou a tempo; porem o General Montbrun com as divizoens do exercito de Portugal, demorou nimiamente sua marcha: e se elle tivesse chegado no tempo determinado, tudo o que escapou do exercito de Murcia teria sido tomado. Na tarde de 11, dois dias depois da tomada de Valença, recebi huma Carta do General Montbrun datada de Almanza, na qual me informava da sua chegada ali, e pedia as minhas ultteriores ordens: respondi-lhe enviando-lhe a Capitulação de Valença, e ordenando-lhe que voltasse para o exercito de Portugal, o que elle dezejava: elle tinha me communicado seu projecto de marchar para Alicante, ao que me oppuz. Eu não achei favoravel o momento actual para operar contra huma praça tao-bem fortificada, e contra aqual seria necessario conduzir artilharia pezada: todavia elle quiz experimentar, e intimo a entrega da praça lançando-lhe algumas bombas, depois de ter derrotado os insurgentes no paiz aberto, e feito alguns prizioneiros: mas o Governador, como eu o tinha predicto, recuzou entregar-se. O General Montbrun conhecendo os inconvenientes occazionados por sua auzencia, dirigio sua marcha para o Tejo, o que deveria ter feito muitos dias antes.

Eu estou mui satisfeito com o povo de Aragoão: minha communicação com Seragoça não esteve interrompida hum só dia nos tres mezes passados: o povo tem resistido a todas as insinuaçoens, e esta sinceramente submettido. Eu intimei a Peníscola que se rendesse; e em poucos dias comecei o bombardeamento, se a praça recuzar entregar-se. Eu intento abrir trincheiras: a situação desta pequena praça sobre huma rocha á borda do mar he tal, que ella offerece aos Engenheiros huma brilhante operação para a render.

Toda a provincia de Valença para la de Cabo-Martin está submettida. Alcira, St. Philippe, Guardia, e Denia, estão em poder de S. Magestade. Denia he huma praça forte, e á qual os insurgentes tem accrescentado muitas obras, que lhe tem custado muito dinheiro. O General O'Donnell, primeiro Governador de Valencia, na sua partida transmittio-

me huma carta do cordão estabelecido para prevenir os estragos da peste da febre amarella: este cordão chega a Xucar. Os estragos feitos por esta horrivel calamidade tem sido realmente terriveis nesta Desgraçada parte de Hespanha: 45,000 pessoas tem perecido somente das povoaçoens de Elche, Orituela, e Murcia. Felismente este flagello tem agora cessado. Minha communicação com Madrid está perfeitamente estabelecida pelo lado de Roquena, e Cuenca.

Eu tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

O Marechal SUCHET.

# HESPAÑHA.

## GOVERNO.

A dous de Janeiro, as Cortes começaram a discussão do projecto apresentado pelo Senhor Don Angil de La Vega, para melhoramento do systema do Governo, e approvarão ao mesmo tempo as seguintes proposições; que se nomearão nas circumstancias prezentes 20 Conselheiros de Estado, dos quaes dous somente e não mais serão ecclesiasticos (hum d'elles Bispo, e o outro constituido em igual dignidade); dous d'elles e não mais, Grandes de Hespanha, e os outros 16 tirados das pessoas que servem ou tem servido em Lugares diplomaticos, militares, economicos ou magistraes, e que se tem distinguido pelos seus talentos, sciencia e serviços; destes pelo menos seis devem ser das provincias alem dos mares.

### CAPITULO I.

#### DAS OBRIGAÇÕES E PODER DA REGENCIA.

Artigo 1. A Regencia terá a seu cargo o fazer executar a constituição e as leis, e velará sobre a conservação da ordem publica no interior, e segurança do Estado no exterior, protegendo a liberdade individual dos cidadãos.

3. A Regencia expedirá os decretos, regulações, e instruções, que conduzaõ a execução das leis, consultando primeiro o Conselho de Estado.

4. Tera a seu cuidado o fazer que a justiça prompta e plenamente se administre por todo o reino.

5. Tera o poder, consultando primeiro o Conselho de Estado, de fazer tractados de paz, alliança, commercio, subsidios, e tudo aquillo que for sugeito a ratificação das Cortes. Ella apresentara ás Cortes, consultando primeiro o Conselho de Estado, os motivos que a induzem a delarar guerra contra qualquer potencia, e com a sua approvação podera solememente declaro-la.

7. Nomeará os magistrados de todos os tribunaes civis e criminaes, sobre as proposições do Conselho de Estado.

9. Ella apresentará todos os bispos e dignidades ecclesiasticas e beneficios do padroado real, sobre a proposta do Conselho de Estado. (Approvado.)

10. Ella nomeará os Commandantes e Generaes de mar e terra; *mas nenhum individuo da Regencia de sua propria authoridade mandara fora esquadra ou exercito.*

11. Ella disporá da força armada distribuindo-a como lhe parecer conveniente.

12. Ella dirigirá as relações diplomaticas e commerciaes com as outras potencias, e livremente nomeará e revocará embaixadores, ministros e consules.

13. Ella terá a seu cargo fazer cunhar moeda, em que deverá imprimir-se o busto e o nome do rei.

14. Ella cuidará da arrecadação das rendas do Estado e decretará a applicação dos fundos destinados a cada hum dos ramos da administração publica.

15. Ella proporá ás Cortes, tendo consultado o Concelho de Estado e Secretarios do Expediente, os planos das Leis, que forem conducentes ao bem da nação; mas ella não apresentará couza alguma, em forma de decreto.

16. Ella nomeará livremente e revocará os Secretarios do Expediente.

17. Ella expedirá todas as ordens, e dara todos os soccorros que a Cortes julgarem convenientes para se re-ajuntar a deputação das Cortes, sem a deferir por qualquer pertexto, ou de algum modo embaraçar as suas sessoens e deliberações. Os Regentes que de tal se avizarem, ou auxiliarem tal tentativa, serao por isso declarados traidores, e perseguidos como taes.

18. A Regencia poderá, mas so em cazo que o bem e a segurança do Estado o requeira, decretar a prizaõ de qualquer pessoa, que será obrigada dentro em vinte e quatro horas, á disposição do tribunal e juiz competente.

19. Os regulamentos da Regencia serao os expressos nos artigos precedentes, e não outros; tudo o que os exceder será considerado como hum abuzo de authoridade, menos que em alguma occasião, e particular motivo, as Cortes os não ampliem da maneira que lhes parecer conveniente.

As proposições supra forao recebidas e *approvedas* excepto alguns pontos; que são olhados em diferente character, e ficão para discutir-se.

No dia 22 de Janeiro expedirão as Cortes hum Decreto pelo qual o Conselho de Regencia de Hespanha, e das In-

dias será composto de Sua Excellencia o Duque del Infantado, o Vice-Almirante Dom Joaquim Mosquera, e Figueiroa, Dom Joaõ Maria Villavicencio, Dom Ignacio, Rodriguez de Ribas, e o Conde de la Bisbal.

---

### PROCLAMAÇÃO.

Aos habitantes de Tariffa, pelo Governador Don Francisco de Copons

Chegou o dia em que os vossos corações podem respirar ; 10,000 combatentes do inimigo, que estavam de frente desta praça, abandonarao, com deshonra, a tentativa para a tomar, depois de 17 dias de cerco, e 7 de brecha aberta de que forao repellidos n'hum assalto que derao. Nem o valor das tropas que defendiao a praça, nem os meos esforços, teriao bastado para obter este triumpho sobre o inimigo, que foi conseguido com a sua retirada, e perda de quatro peças de artilharia, 16 morteiros, tres de 12, dous de 9, a maior parte do seu parque, deixando hum consideravel numero de prisioneiros em nosso poder, se a maõ poderosa do Ente Supremo me nao ajudasse.

Voltai pois para vossas cazas, a descansar das vossas fadigas, e apresentai-vos a manham no templo, onde se hade cantar hum *Te Deum* em acção de graças.

---

O Conde de Fernan Nunes, Duque de Montellam, foi nomeado em 27 de Janeiro Embaixador Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario na Corte de Londres.

O Conde d'Altamira o Marquez de Castellar, o Cardeal de Bourbon, e o Arcediago de Mondonedo Garcia bem como os tres ex-regentes forao eleitos membros do novo Conselho de Estado.

O Almirante Apodaca foi nomeado Capitaõ General da Ilha de Cuba.

O Congresso votou agradecimentos a Lord Wellington, e ás tropas alliadas do seu commando, pela tomada de Cidade Rodrigo. Esta Praça foi tomada em nome de Fernando VII, e entregue immediatamente ao General Castanhos, e ás armas Hespanholas.

Na sessão das Cortes do 1. de Fevereiro deo conta o Secretario que na Sessão Secreta de 31 de Janeiro proximo passado, tinha recebido huma communicacão official da Regencia, pela qual esta informava as Cortes, que tomando em consideração os assignalados serviços feitos por Lord Wellington, particularmente na tomada de Cidade Rodrigo, ella tinha julgado necessario dar a S. Ex<sup>ca</sup>. hum testemunho publico de reconhecimento, e pensava que era a proposito conferir-lhe a dignidade de Grande de Hespanha da Primeira Classe com o titulo de Duque de Cidade Rodrigo.

Sua Magestade, disse o Secretario, approvou por aclamações a propozicão da Regencia, e ordenou que se expedisse immediatamente o Decreto necessario.

---

Por falta de lugar deixamos para o No. seguinte, a bella proclamação da nova Regencia ao Povo Hespanhol, em 23 de Janeiro.

## PORTUGAL.

### PORTARIA.

O Principe Regente Nosso Senhor querendo occorrer com as suas Paternae Providencias, á escacez que se experimenta de Azeite nesta Capital : Ha por bem isentar de meia Ciza, pelo tempo de quatro mezes, todo o Azeite da terra, que entrar na mesma Capital, ou seja por via de terra, ou por mor ; e assim o manda participar ao Concelho da Fazenda, para que nesta conformidade faça expedir os Despachos necessarios. Palacio do Governo em 9 de Janeiro de 1812.

Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

### PORTARIA.

Tendo mostrado a experiencia, que a falta de alistamentos exactos de Transportes, e de huma regulacão mais accomodada ás circumstancias, sobre o modo de se fazerem, e cumprirem as requisicoens para fornecimento dos Exercitos, tem augmentado os embarços na promptificacão dos mesmos Transportes, e concorrido para que a distribucão deste serviço tenha sido feita com alguma irregularidade contra os Povos ; e sendo necessario, que tudo o que a este respeito se determinar, haja de ser fiscalizado por Ministros, que se não occupem em outro Serviço ; Ha por bem o Principe Regente Nosso Senhor. Mandar observar interinamente a Regulacão junta, assignada por D. Miguel Pereira Forjaz, do Concelho do Mesmo Senhor, Secretario do Governo, Encarregado das Secretarias de Estado dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha ; a qual deverá começar a ter o seu devido effeito dois mezes depois da publicacão desta Portaria ; creando para isso os Lugares de Inspectores de Transportes das Provincias, na conformidade da mesma Regulacão. As Authoridades, a quem competir, o tenham assim entendido, e fação executar. Palacio do Governo em 7 de Dezembro de 1811.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.



## PORTARIA.

Tendo representado o Marechal do Exercito, Guilherme Carr Beresford, Conde de Trancoso, o embarço, que causa para o detalhe do Serviço particular de cada Corpo, o costume de annexar a certas e determinadas Companhias os Officiaes Subalternos dos Corpos de Tropa de Linha: Manda o Principe Regente Nosso Senhor, que em quanto não Ordenar o contrario, tanto nas Propostas, como no Assentamento das Praças, se não continue a designar Companhia determinada para os Subalternos, que se houverem de despachar para os ditos Corpos, declarando-se simplesmente o Regimento, para que são promovidos, e ficando ao arbitrio dos Coroneis emprega-los naquellas Companhias, em que julgarem o Serviço mais util; não podendo porém considerar-se na classe de effectivos maior numero de Officiaes, do que aquelle, que se acha designado pela organização dos referidos Corpos. As Authoridades, a que competir, o tenham assim entendido, não só a respeito dos Officiaes, que daqui em diante forem promovidos, mas igualmente daquelles, que actualmente se achão servindo. Palacio do Governo em 28 de Dezembro de 1811.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

LISBOA, 15 DE JANEIRO.

Pela Real Junta da Fazenda da Mariuha se mandou affixar o seguinte

## EDITAL.

A Real Junta da Fazenda da Marinha, em cumprimento da Immediata, e Real Resolução de 4 do corrente mez, faz publico a todos os Operarios, e Artistas das differentes Officinas de Carpinteiro de Machado; de Ferreiro de Forja, e Lima; de Latoeiro, e Fundição; de Caldeireiro; e de Cordoeiro que conheção de Calda, e Estufa; que voluntariamente quizerem passar para o Rio de Janeiro, dirigindo os seus Requerimentos ao mesmo Tribunal, para a sua qualificação, se lhes fará effectivo pagamento de tudo o que tiverem vencido, e de quatro mezes de avanço de seus jornaes, pagando-se hum logo aqui, e os tres á sua chegada naquella Capital, passando-se-lhes para isso os Despachos necessarios,

e dando se lhes passagem, e ás suas respectivas Familias, e ração diaria de Puroão para cada hum: Outro sim se declara, que esta Deliberação se estende igualmente aos Artistas, e Operarios, que se occupão nas Officinas, e destinos do serviço publico, e dos particulares. Lisboa, 11 de Janeiro de 1812.

---

PORTARIA.

Para o Juiz, Vereadores, e mais Officiaes da Camara da Cidade de Leiria.

O Principe Regente Nosso Senhor desejando animar quanto possivel for a Agricultura para beneficio dos seus fieis Vassallos: He Servido Ordenar, que a Camara dessa Cidade de Leiria possa mandar receber do Commissario Geral do Exercito, o Desembargador Domingos José Cardoso, seis moios de favas, que fará semean com a brevidade possivel; dando conta por esta Secretaria de Estado dos Negocios do Reino de assim o haver executado. Deos guarde a Vm. Palacio do Governo em 14 de Janeiro de 1812. Alexandre José Ferreira Castello.

Na mesma conformidade e data se escreveo ás Camaras seguintes.

Da Cidade de Castello-Branco, para mandar receber quatro moios de favas.

Da Villa de Santarém para receber seis moios ditos.

De Alemquer dito dito dito dito ditos.

De Alcobça dito dito 4 dito ditos.

De Torres-Novas dito dito 6 dito ditos.

De Ourem dito dito 4 dito ditos.

De Thomar dito dito dito dito ditos.

De Torres-Vedras dito dito dito ditos.

---

PORTARIA.

Convindo muito a boa disciplina da Tropa Miliciana que os respectivos Officiaes sejam escolhidos das Pessoas da primeira distincção, e riqueza, para que, não só inspirem confiança aos Soldados, e os animem com o seu exemplo á defeza do Estado, mas possuão com desinteresse, e decencia empregar-

se no Serviço da Patria, a que todos pertencem essencialmente, qualidades, que o Regulamento de Milicias, Tit. I. Cap. V. § 1., manda ter em vista nas Promoçoens dos Postos, tanto maiores, como subalternos: Ha o Principe Regente Nosso Senhor por bem Ordenar, que para Capitaens dos Regimentos Milicianos, sejaõ desta Capital, ou das Provincias, se proponhaoõ daqui em diante, com preferencia a quaesquer outras Pessoas, as que mais representarem por nobreza, abonação, e comportamento, e que não se achando empregados na Tropa de Linha, nem tendo occupação alguma Civil, ou Politica, que os embarae, se habilitem pela sua idade, e disposiçoens para aquelle Serviço, a que deveoõ prestar-se, logo que forem avisados para servirem nos Regimentos, em cujos districtos tiverem os seus bens, ainda que alli não residaoõ, debaixo da pena de pagarem, os que tiverem bens de Corôa, e ordens, ou administrarem vinculos, o Quinto dos respectivos rendimentos, e os Proprietarios de quaesquer outros bens a Decima correspondente, tudo applicado á Caixa Militar dos Corpos, a que pertencerem, e além das Contribuiçoens Ordinarias, e Extraordinarias de Subsídio Militar, a que são obrigados; e esta Portaria se cumprirá, como nella se contém, sem dúvida, ou embaraço algum; pelas Authoridades a quem o seu conhecimento pertencer. Palacio do Governo em 8 de Janeiro de 1812.  
Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

---

 PORTARIA.

Sendo necessario regular, em attenção ás actuaes circumstancias, o numero dos Ajudantes de Ordens, e de Campo competentes aos Officiaes Generaes, Governos das Armas das Provincias, Commandos, e Inspeçoens Geraes das diferentes Armas; como tambem a Graduação, e numero dos Officiaes das suas respectivas Secretarias: Manda o Principe Regente Nosso Senhor, que interinamente se observem as Regulaçoens juntas, assignadas por D. Miguel Pereira Forjaz, do Concelho do Mesmo Senhor, e Secretario do Governo, encarregado das Secretarias de Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e da Marinha. Palacio do Governo em 9 de Janeiro de 1812.

Com seis Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Regulação do numero de Ajudantes de Ordens, e de Campo dos Officiaes Generaes empregados em Serviço activo de Campanha, Governo das Armas das Provincias, Commando das Praças de Guerra em estado de defeza, ou Inspeção das differentes Armas.

Tenente General em Serviço activo de Campanha, hum Ajudante de Ordens, e dois Ajudantes de Campo.

Tenente General empregado no Governo de Provincia, ou de Praça de Guerra, em estado de defeza, hum Ajudante de Ordens, e hum Ajudante de Campo.

Marechal de Campo empregado em Serviço activo de Campanha, hum Ajudante de Ordens, e hum Ajudante de Campo.

Marechal de Campo empregado no Governo de Provincia, ou de Praça de Guerra, em estado de defeza, hum Ajudante de Ordens.

Brigadeiro empregado em Serviço activo de Campanha no Governo de Provincia, ou Praça de Guerra, em estado de defeza, hum Ajudante de Campo.

Em cada Provincia haverá dois Ajudantes de ordens annexos á Provincia, e nao ao General.

Em cada huma das Inspeçoens, ou Commandos das Armas, haverá hum Ajudante de Ordens annexo á Inspeção, ou Commando.

Em cada Brigada haverá hum Major de Brigada annexo a ella, e nao ao Brigadeiro. Palacio do Governo em 9 de Janeiro de 1812.

D. Miguel Pereira Forjaz.

Regulação das Secretarias das Provincias, Inspeçoens, e Commandos das Armas.

Em cada Secretaria de Provincia haverá hum Secretario com Graduação de Capitão, e dois Officiaes de Secretaria com Graduaçoens de Tenentes. Em cada Inspeção, ou Commando haverá hum Secretario com Graduação de Tenente, e hum Official de Secretaria com a Graduação de Alferes: bem entendido que a presente Regulação se deverá entender para o futuro pelo que respeita ás Graduaçoens, que existem. Quando pela affluencia dos Negocios os Generaes de Provincias, ou Inspectores precisem mais gente para o Expediente, nunca se poderá augmentar o numero de Officiaes das respectivas Secretarias; porém devehão representar pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra, declarando a necessidade, e indicando o numero, e

vencimento competente, para que approvada a Proposta, os comprehendão só pelo tempo, que for preciso, nas despesas da Secretaria. Palacio do Governo em 9 de Janeiro de 1812.

D. Miguel Pereira Forjaz.

**PORTARIA.**

A favor do Excellentissimo Marquez de Ponte de Lima:

Achando-se a casa do Marquez de Ponte de Lima em administração, por virtude da Portaria de 14 de Agosto de 1810, e tendo cessado a respeito d'elle o motivo, que fez necessario aquelle procedimento, pela Sentença de Justificação proferida a seu favor: Manda o Principe Regente Nosso Senhor, que o sobredito Marquez de Ponte de Lima seja reposto na administração dos seus bens, para os poder reger, e administrar do mesmo modo, que o praticava antes da sobredita Portaria; e ordena que o Chanceller da Casa da Supplicação, que serve de Regedor, assim o fique entendendo, e faça executar com as ordens necessarias. Palacio do Governo em 11 de Janeiro de 1812.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

D. Miguel Pereira Forjaz.

**PORTARIA.**

Exigindo o sustento dos Exercitos, que tao heroicamente se empregão na defeza, e conservaçao destes Reinos, que se applicuem a sua manutençao as quartas, ou sextas partes dos graos de todos os Celleiros, assim da Coroa, como dos Particulares, determinadas nas Portarias do 1. de Setembro de 1810, e 16 de Agosto de 1811, não só para a boa ordem da distribuiçao e pagamento dos ditos fructos, mas tambem para se evitar o vexame dos embargos, feitos com acceleraçao: Manda o Principe Regente Nosso Senhor que se proceda na conformidade da sobredita Portaria de 16 de Agosto a respeito do resto da colheita do anno passado, com a differença unicamente de ficarem as ditas quartas, ou sextas partes á disposiçao do Desembargador Commissario em Chefe das muniçoens de boca para o Exercito, o qual pelos fundos, que

lhes forem assignados, fica encarregado de pagar aos Proprietarios o valor dos seus generos nos prazos impreteriveis de 2, 4, e 6 mezes, contados da data da entrega dos mesmos generos. As Authoridades, a quem toca, assim o tenham entendido, e fação executar. Palacio do Governo em 25 de Janeiro de 1812.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

### PORTARIA.

Relativa ás Thesourarias das Tropas.

Tendo mostrado a experiencia, quanto se fazem ainda necessarias algumas providencias para melhorar, e aperfeiçoar o systema das Thesourarias Geraes das Tropas, muito principalmente a respeito da maneira, por que convem verificar a existencia da Tropa, o que senão tem até agora podido conseguir com aquella exacção, que recommendao as Leis, e Alvaras de 9 de Julho e 14 de Abril de 1764; e fazendo se indispensavel, que hajaõ officiaes de intelligencia, propriamente destinados para passar as mostras, e fazer os exames precisos por hum modo claro, e infallivel: Ha por bem o Principe Regente Nosso Senhor crear inteiramente os lugares de Inspectores de Revista para cada huma das referidas Thesourarias, na conformidade das Instrucçoens, que vão juntas a esta Portaria, assignadas por D. Miguel Pereira Forjaz, do Conselho do Mesmo Senhor, Secretario do Governo, encarregado das Secretarias de Estado dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha; devendo as ditas Instrucçoens ficar desde logo na mais exacta observancia, em quanto S. A. R. não mandar o contrario, não só pelo que pertence ás Revistas, mas a respeito de tudo o mais que se determina nas mesmas Instrucçoens. As Authoridades, a quem competir, o tenham assim entendido, e fação executar. Palacio do Governo em 27 de Novembro de 1811.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

### PORTARIA.

Relativa ás Mostras dos Corpos Militares.

Julgando-se necessario prevenir por huma mais ampla declaracão todos os motivos de questoens, que poderaõ resultar da diversa intelligencia dos artigos V. e VI. do capitulo III.

das Instrucçoens de 27 de Novembro deste anno, relativas ás Thesourarias Geraes das Tropas: Manda o Principe Regente Nosso Senhor que o que se acha determinado nos sobreditos artigos, relativamente á designação das horas, e lugar, em que os Corpos se devem achar formados para se lhes passarem as suas Revistas, se fique entendendo da maneira seguinte.

I. Que ao Thesoureiro Geral, ou Inspector de Revista compete prevenir por escrito o General, a que o Regimento, ou Corpo estiver sujeito, ou o Governador da Praça, ou o Commandante do Corpo, pelo menos vinte e quatro horas antes de se passar a Revista.

II. Que ao General, Governador, ou Commandante compete indicar logo, e igualmente por escrito ao Thesoureiro Geral, ou Inspector a hora, e sitio, em que o Corpo se ha de achar prompto para a Revista, a qual se deverá passar no lugar da Parada, ou em outro proximo aos seus Quartéis, que o mesmo General, Governador, ou Commandante deverá escolher.

III. Que entre a participação do Thesoureiro, ou Inspector, e a hora, em que o Regimento se deve achar formado para passar a Revista, não deverá media mais tempo que o de vinte e quatro horas, excepto quando a participação se fizer de tarde, e o Regimento se achar detalhado, ou empregado em serviço, pois que neste caso se poderá estender o prazo a quarenta e oito horas, dentro do qual se deverá impreterivelmente ter passado a Revista, e não podendo exceder-se por motivo algum. As Authoridades, a quem competir, o tenham assim entendido, e fação observar como nesta se determina. Palacio do Governo em 28 de Dezembro de 1811.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

LISBOA, 16 de JANEIRO.

Pela Intendencia Geral da Policia se mandou affixar o seguinte

**EDITAL.**

Joao de Mattos e Vanconcellos Barbosa de Magalhaens, Desembargador da Casa da Supplicação, que sirvo interinamente de Intendente Geral da Policia do Reino, &c.

Faco saber que, convindo á segurança Publica, e ao bem do Serviço do Principe Regente Nosso Senhor, que a Policia tenha exacto conhecimento dos Estrangeiros, que vem residir nesta Capital, dos motivos da sua entrada, e da demora, assim como da occupação em que se empregao, podendo acontecer, particularmente a respeito dos Hespanhoes, em razao do justo acolhimento, que tem sido necessario prestar ao grande numero delles, a quem as adversidades da Guerra no seu Paiz tem obrigado a refugiarem-se neste Reino, se introduzaõ alguns com o fim de passarem ao inimigo noticias, de que elle possa utilizar-se com grave prejuizo da defeza do Reino, assim como outros, cuja permanencia aqui nao seja conveniente: e sendo da maior importancia que se evitem os males, que disto pódem resultar, occorrendo-se a elles com novas Providencias, além das que já se achao estabelecidas no Regulamento de 6 de Março de 1810. Determino, com Approvação do dito Senhor, se observe o seguinte:

I. Todos os Hespanhoes residentes nesta Capital, qualquer que seja a sua qualidade, e estado, admittidas apenas as excepçoens expressadas no Artigo I. do Titulo III. do mencionado Regulamento, em o que for applicavel, serao obrigados a apresentar nesta Intendencia Geral da Policia, em o termo peremptorio de quinze dias contados da data deste Edital, hum Documento da Legação de Hespanha, com o qual se legitimem, para se lhes expedir na fórma do § II. do Titulo II. do sobredito Regulamento o bilhete, que deve servir a authorisar a continuacão da sua residencia nesta Capital: Os que contravierem a esta determinacão ficao sujeitos ao procedimento, que pertence ás pessoas suspeitas; e se procederá contra elles como as circumstancias exigirem.

II. Aquelles dos mesmos Hespanhoes, que de novo chegarem a esta Capital, considerar-se-hao ligados ao mesmo dever, que serao obrigados a preencher no prazo de tres dias